

Ana Paula Palamartchuk

Ser intelectual comunista...

Escritores brasileiros e o comunismo

1920 - 1945

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Michael M. Hall

Campinas-SP
Fevereiro de 1997

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	T/UNICAMP
	P172 s
V. Es.	
TOMSO DO/	30633
PROC.	28/1/97
C	<input type="checkbox"/>
D	<input type="checkbox"/>
X	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	28/05/97
N.º CPD	

CM-0009842 8-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

P 172 s

Palamartchuk, Ana Paula

Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, 1920- 1945 / Ana Paula Palamartchuk . - - Campinas, SP: [s.n.], 1997.

Orientador: Michael M. Hall.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

**1. Intelectuais. 2. Comunismo. 3. Literatura.
4. História social. 5. Brasil - Condições sociais - 1920 - 1945.
I. Hall, Michael McDonald, 1941- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas .
III. Título.**

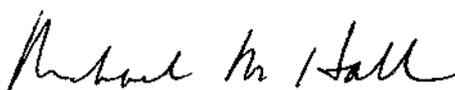
Ana Paulã Palamartchuk

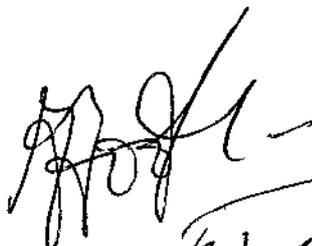
Ser intelectual comunista...

Escritores brasileiros e comunismo
1920-1945

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Michael
M. Hall

Este exemplar corresponde à redação final da
dissertação defendida e aprovada pela
comissão julgadora em 03/04/97.

Banca: 
Prof. Dr. Michael M. Hall (orientador)

Prof. Dr. Francisco Foot Wadaman 

Prof. Dr. Cleuálio Batalha 

Prof. Dr.(a) Maria Clementina Pereira Curvelo

Campinas-SP
Fevereiro de 1997

*“[...] a luta de classes vos acalentou e vos impediu de chorar:
inflexíveis a tudo que não exalasse bons sentimentos
e agressividade desesperada
passastes uma juventude
e, embora intelectuais,
não quisestes portanto sê-lo a fundo
quando era este afinal entre tantos outros o vosso verdadeiro dever,
e por que cometestes essa traição?
por amor ao operário: mas ninguém pede ao operário
para não ser operário a fundo
os operários não choraram perante as obras-primas
mas não perpetraram traições que levam à intimidação
e portanto à infelicidade
ó desventurada geração
chorarás, mas lágrimas sem vida
porque talvez não saberás nem mais voltar
ao que, não o tendo tido, não chegaste nem mesmo a
ter perdido [...]”*

Pier Paolo Pasolini

Agradecimentos

Desde meu ingresso na Universidade Estadual de Campinas, ainda nos tempos de graduação e quando esta pesquisa foi iniciada, muitos foram os que contribuíram decisivamente para que esta dissertação de mestrado fosse concluída.

Lembro-me, como se fosse ontem, minha entrada entusiástica na sala do Prof. Marco Aurélio de Almeida Garcia. Recém-ingressa no curso de graduação em História, havia decidido pesquisar os romancistas e poetas durante a Revolução Russa de outubro de 1917. O Prof. Marco Aurélio olhou os papéis que eu havia lhe entregado, depois olhou-me e perguntou: “ - *Você sabe russo?*”. Obviamente, eu não sabia e não fazia a menor idéia de que para pesquisar os escritores durante a Revolução Russa eu necessitasse conhecer o idioma daquele país. No entanto, com a solicitude que lhe é peculiar, ele me aconselhou a ingressar em um curso de russo e a ler algumas obras sobre o assunto. Desde então, esteve sempre presente em todas as minhas atividades acadêmicas, fornecendo ao meu crescimento como historiadora sua experiência, seu rigor de pesquisador, sua gentileza e bom-humor, e acima de tudo, seu espírito sempre aberto às discussões intelectuais. Devo a ele, a conclusão de mais esta etapa da minha vida na universidade.

À Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha devo as indicações precisas que me forneceu durante a Banca de Qualificação, tanto as de redação como as de conteúdo. Mas, antes disto, não posso deixar de afirmar que foi ela quem consolidou meu interesse pela história. No curso de Introdução à História, ministrado por ela, no início de 1991, suas aulas me encantaram e, se é que aprendi alguma coisa, não por incapacidade de quem ensinava mas pela minha própria, entendi o que era ser um historiador.

Com o Prof. Dr. Sidney Chalhoub, meu orientador durante a realização da monografia de graduação, tive a oportunidade de conhecer a irreverência e a piada como métodos de trabalho bem humorado. Foi com ele que aprendi a ver a literatura como fonte importante para o historiador.

Ao Prof. Dr. Michael M. Hall, devo indicações bibliográficas e de fontes sempre certas. Durante estes dois últimos anos, foi ele quem acompanhou de perto toda a angústia que o período de pesquisa me causou. Mas, sempre com muita paciência e alegria, me dava motivos para continuar o trabalho.

Ao Prof. Dr. Cláudio Batalha e aos colegas da linha de pesquisa, em especial, Alexandre Fortes, Hélio da Costa e Antonio Luigi Negro, minha gratidão é imensa. Todos estavam sempre prontos a me fornecerem alguma indicação bibliográfica ou de pesquisa, leram alguns de meus textos e ajudaram a compor esta dissertação com suas críticas valiosas.

O que seria das pessoas sem os seus amigos? Eu, não teria realizado esta tarefa. Luciano Cavini Martorano leu parte do capítulo III e, com rigor, fez muitas sugestões e correções. Ao mesmo tempo, sempre esteve presente nas horas difíceis deste trabalho me apoiando e me estimulando a continuar.

E, fico pensando, o que dizer da Cris e da Elci? Tantos foram os momentos em que estavam sempre prontas para me ouvir e discutir os problemas decorrentes da pesquisa. Às vezes, por telefone; outras, na mesa do bar; mas sempre estiveram lá quando foi preciso. Mais do que afinidade intelectual, temos uma vida em comum que extrapola qualquer atividade acadêmica. À Cristiana Schettini Pereira e Elciene Azevedo agradeço por vocês existirem.

Com Ana Maria e Amélia, que são *“mulheres de verdade”*, aprendi a viver. E agradeço a elas todo o apoio e carinho com que me trataram desde que eu nasci. Meus irmãos, Ri e Lú, sempre me tiravam da rotina de trabalho e me proporcionaram ótimas conversas à mesa de um bar, na frente de uma televisão ou, ainda, à mesa da cozinha de nossa casa.

Por fim, um agradecimento que é prá lá de especial. Não que tenha me ajudado a revisar, a digitar, a pesquisar, etc., apesar de estar sempre disposto a me ouvir. Companheiro de outras e grandes viagens, Marcus aguentou minhas crises de mau-humor e de solidão e me ensina, a cada dia, a ser uma pessoa melhor.

Ana Paula Palamartchuk

Fevereiro de 1997

SUMÁRIO

Introdução

Um início de conversa _____ p. 1

Intelectual? Que diabo é isso? _____ p. 3

Capítulo I - Utopias deliciosas

1. Por uma Internacional do Pensamento _____ p. 15

2. Por uma Internacional Comunista e Proletária _____ p. 36

Capítulo II - Construindo a família comunista

1. Alternativa Comunista _____ p. 56

2. Paraíso Socialista _____ p. 72

3. As frentes populares e o "povo" _____ p. 94

Capítulo III - Jorge Amado nos anos trinta: da simpatia à militância comunista _____ p. 109

1. Um companheiro de viagem _____ p. 111

2. O "intelectual comunista" exemplar _____ p. 124

Considerações Finais:

Ser intelectual comunista... várias maneiras de ser _____ p. 147

Fontes e Bibliografia _____ p.153

INTRODUÇÃO

Um início de conversa...

Por mais de setenta anos, homens e mulheres no mundo inteiro viram na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas a alternativa para a construção de um mundo mais justo. Este país, que deixou de existir há pouco, foi um dos principais motivos para o engajamento político de vários grupos sociais em uma perspectiva comunista. A materialização desta alternativa política, ora com a própria construção do socialismo em contraposição ao capitalismo, ora apenas com as novas possibilidades que apresentava, foi mediada, em muitos momentos destes setenta anos, pelos partidos comunistas nacionais.

No Brasil, não poderia ter sido diferente. Não é à toa, inclusive, que, durante muitas décadas, o Partido Comunista do Brasil (PCB) tenha sido praticamente o único partido político de oposição ao sistema. Além de se apresentar como alternativa para os trabalhadores propondo-lhes organização das lutas por melhoria das condições de trabalho e de vida ou para os camponeses, terras para trabalharem ou, ainda, para os negros, a liberdade e igualdade, o PCB galvanizou muitas reivindicações e sentimentos da *intelectualidade* brasileira.

Nomes como Caio Prado Júnior, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Orígenes Lessa, Oscar Niemeyer, Mário Schenberg, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Pereira dos Santos, Dionélio Machado, Oduvaldo Vianna, Sinval Palmeira, Dias Gomes, Alina Paim, Patrícia Galvão, Mário Lago, João Saldanha, Cláudio Santoro, Arnaldo Estrela, Carlos Scliar, José Pancetti, Cândido Portinari, entre tantos outros, dedicaram grande parte de suas vidas ou foram por algum tempo filiados ao partido. O que levou estes homens e mulheres ao PCB e a um compromisso de defesa da URSS?

No Brasil, a versão do fascismo, num estilo mais populista e preocupado em construir um Estado corporativista, parece ter atraído escritores e artistas para o comunismo. Em um momento em que o Estado passou a invocar a participação dos *intelectuais* como construtores da *nação*, o PCB seduziu um grupo de escritores e artistas através de uma *nova* interpretação do Brasil que se apresentava como alternativa às relações nascentes de poder.

Este movimento de engajamento político no Brasil pode ser considerado como parte de um movimento internacional. Entre as décadas de 1930 e 1950,

vários escritores e artistas consagrados estabeleceram algum tipo de relação com os partidos comunistas de seus respectivos países e/ou com a URSS. Na Europa, a década de 1930 é marcada pela ascensão do fascismo e pela iminência de uma outra guerra mundial. Isto, além da crise econômica pela qual passava o capitalismo na Europa e nos Estados Unidos desde os fins da década de 1920, fez da URSS um mundo à parte, uma alternativa ao fascismo e às crises econômicas do capitalismo.

Com a morte de Stálin em 1953, e principalmente com o XX Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) em 1956, quando os *crimes* da chamada *era estalinista* foram denunciados, o compromisso dos escritores e artistas com a ética e com a utopia comunistas foi abalado em seus alicerces mais sólidos. Houve, neste período, uma debandada dos partidos comunistas no mundo inteiro, embora de formas diferentes e com conseqüências também muito distintas em cada país.

Por estes motivos, é preciso inserir este movimento de escritores e artistas brasileiros em suas aproximações com comunismo em uma conjuntura internacional: sem ela, a dimensão mais ampla do movimento se perderia. Ao mesmo tempo, não se pode deixar de inserir este grupo na conjuntura nacional.

Este trabalho foi inicialmente pensado para abranger o período que vai do surgimento do PCB até a crise de 1956 com o XX Congresso do PCUS e suas conseqüências no Brasil, como forma de tentar discutir e reconstruir o processo de engajamento de escritores e artistas com o comunismo em seu movimento de ascensão e queda. Contudo, o Programa de Pós-Graduação em História, no qual este trabalho está inserido, oferece a possibilidade de continuidade do projeto de pesquisa do mestrado no doutorado. Para isso se fez necessário optar pelo "Programa de Mestrado em dois anos", o que reduz consideravelmente o tempo inicial de investigação.

Ao optar, então, por realizar o mestrado em dois anos, foi necessário limitar o recorte cronológico inicialmente pensado. Dessa forma, decidi investigar mais atentamente os primeiros anos desse processo de engajamento político no comunismo, em especial, o dos escritores. Portanto, o resultado do trabalho que apresento aqui deve ser entendido como parte de um projeto de longo prazo.

Intellectual? Que diabo é isso?

Em ***Memórias do Cárcere***, Graciliano Ramos deixa o leitor intrigado com sua preocupação em definir o “*intellectual*”. Três maneiras diferentes são encontradas ao longo dos três volumes que compõem a obra:

“Intellectuais? Que diabo significava isso? Interei-me a custo. Designavam-se desse jeito os indivíduos alheios a qualquer ofício manual: Herculano, estudante de músculos débeis e rosto enxofrado, o velho Eusébio, alguns pequenos funcionários de uma estrada de ferro. Mais essa. Jam forçar-me a conviver, tempo indeterminado com pessoas que se justapunham.”

“E aqueles intelectuais burgueses, funcionários, médicos, advogados, engenheiros, tinham razão para indagar-se. Ausência de estabilidade, posição neutra, rejeitados pelos extremos, de alguma forma achando-se vítimas de perfídias e traições. Não se haviam ingerido em mazorca. Um artigo de jornal, uma conferência, uma assinatura em manifesto e desabavam.”

“Também me distanciava dos operários; se tentasse negar isto, cairia na parlapatice demagógica. Achava-me fora das classes, um grupo vacilante e sem caráter [...]”¹

Nesta noção ampla de “*intellectual*”, que abrange médicos, advogados, funcionários públicos, etc., existe um tom de crítica. Todos assim auto-definidos como “*intellectuais*”, não os são para Graciliano Ramos. Num outro grupo, Graciliano define os “*intellectuais burgueses*”, grupo do qual faz questão de situar-se do lado de fora. O autor coloca-se numa posição “*fora das classes*”, num grupo “*vacilante e sem caráter*”, como se quisesse estabelecer uma definição para si como anti-intellectual. Ou, melhor ainda, como se quisesse definir um “*intellectual*” por aquilo que considera não ser atribuição dele.

Será mesmo que Graciliano se sentia fora das “*classes*”? Isto veremos mais a frente. Importa, agora, perceber o quão difícil é trabalhar com uma noção/definição de “*intellectual*”. Desde sempre, a historiografia, e as ciências humanas de uma

¹ Graciliano Ramos, ***Memórias do Cárcere***. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1954, respectivamente, vol. 3, p. 8, vol. 2, pp. 152 e 214.

forma geral, têm debatido esta questão. Uns, procuram as origens da expressão. Outros, estabelecem definições externas ao próprio objeto de estudo. Mas poucos, tentam historicizar o termo, estabelecendo as relações entre a definição que o próprio sujeito histórico constrói para si e o momento em que o faz.

Da mesma maneira, quando se fala em *"intelectual comunista"* quase nada se explica, a não ser que o personagem era um comunista. Assim, a primeira motivação deste trabalho deveu-se à bibliografia consultada, que tende a tratar o tema e o objeto de forma a homogeneizá-los. Sem querer me estender e mesmo sem querer dar conta de toda a diversidade bibliográfica sobre o assunto, ainda que o tema apareça na maior parte da bibliografia brasileira de forma marginal, vale a pena discutir sinteticamente alguns autores.

É interessante notar que vários deles debatem a construção das identidades entre artistas e escritores com o comunismo, sem perder de vista a dimensão internacional que tem esse processo de engajamento político no partido comunista local. Gérard Vincent, em seu artigo *"Ser comunista? Uma maneira de ser"*, tem uma visão de como se constrói a identidade entre os comunistas no pós-guerra. Depois de concluir que a adesão em massa ao Partido Comunista Francês (PCF) neste período foi conseqüência do grande prestígio adquirido pela URSS e pelo papel que desempenharam os comunistas durante a *Resistência*², o autor resgata os motivos do não reconhecimento pelos militantes franceses da repressão que ocorria na URSS. A partir deste recorte, encontra os elementos da identidade entre os militantes comunistas:

*"A identidade do militante se constrói e se perpetua pela complexa situação de duas forças: uma, de recusa, leva-o a recusar qualquer informação que conteste a teleologia marxista; outra, ele a extrai, por assim dizer, do ódio que desperta enquanto destruidor potencial da ordem estabelecida."*³

Ainda que o autor esteja mais preocupado com a construção da identidade da militância comunista de uma forma geral, ele conclui que muitos dos grandes nomes das letras e das artes plásticas que entraram para o PCF assumiram apenas um papel ornamental, tendo pouco peso nas próprias decisões políticas do partido⁴.

² Gérard Vincent. *"Ser comunista? Uma maneira de ser"*, in: História da vida privada. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, vol. 5, pp. 429, 430, 431 e 434.

³ idem, ibid., p. 438.

⁴ idem, ibid., p. 433.

Isto significa colocar esse tipo de militância em um lugar de completa submissão e subserviência em relação à direção do partido.

David Caute é um autor que tematiza mais especificamente a relação de escritores e artistas franceses com o PCF, delimitando o período investigado entre as décadas de 1910 e 1960. Em uma de suas obras, não vai muito mais além do argumento apresentado por Vincent, ao menos quando se trata de discutir a defesa que esses *intelectuais* realizaram da URSS e do PCF. Nesse caso, também conclui que estes não enxergavam os rumos políticos da URSS como, por exemplo, a tragédia da coletivização no campo, os “processos de Moscou” ou, ainda, a construção de campos de trabalho forçado. Tais *intelectuais*, diz o autor, não só abstinham-se de posicionar-se em relação a estes assuntos como, em alguns casos, justificavam ou assumiam as versões oficiais vindas da URSS. Segundo Caute, o que levou esses *intelectuais* ao PCF e à defesa do marxismo e da URSS foi uma certa pobreza intelectual que possuíam. Essa “cegueira” não permitiu que tivessem posições críticas em relação à experiência soviética nem em relação à política do PCF ⁵.

Ampliando o argumento destes autores, Hobsbawm trabalha com uma espécie de *lei da compensação*, na qual os *intelectuais* se engajam no comunismo fazendo um balanço dos prós e contras. Para Hobsbawm, o período do movimento antifascista e do pós-guerra na Europa levou muitos desses a enfatizarem mais os aspectos positivos do engajamento nos partidos comunistas do que os negativos, por isso se abstinham de criticá-los. Isto significa dizer que tais homens e mulheres não eram cegos, mas sim dotados de uma postura crítica, que podia, inclusive, em algum momento, levá-los a enfatizar mais os aspectos negativos do compromisso político com o comunismo. Quando isso acontecia, a *lei da compensação* era quebrada e eles rompiam com o partido comunista, fazendo todas as críticas que achassem necessárias ⁶.

⁵ David Caute, El comunismo y los intelectuales franceses (1914-1966), trad. espanhola, Barcelona, Oikos-Tau Ediciones, 1968. Ver, por exemplo, p. 141, quando o autor discute a crença de muitos *intelectuais* de que Trotski e seus seguidores estavam servindo ao fascismo ou pp. 150 e 151, quando o autor discute como os processos de Moscou foram recebidos na França.

⁶ Eric J. Hobsbawm, “Os *intelectuais* e o comunismo”, in: idem, Revolucionários. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1982, pp. 38 e 39. Até aqui, Hobsbawm concorda em alguns aspectos com David Caute.

Hobsbawm reforça ainda mais a questão da autonomia intelectual dos escritores e artistas comunistas. Segundo ele, durante as décadas de 1930 e 1940, muitos escritores e artistas europeus se recusaram a romper com o partido comunista, apesar de todas as críticas ao próprio partido e à experiência soviética. A lógica era de que tais críticas deveriam ser feitas de dentro do partido, pois se viessem de fora perderiam qualquer legitimidade e autoridade frente os militantes comunistas⁷. E adverte:

*“Não é o fato de pensar, de forma independente ou não, o que dá aos intelectuais certas características políticas, mas a situação social particular na qual desenvolvem sua atividade de pensar.”*⁸

Ou seja, o que determina a posição política do *intelectual* é o lugar que ele ocupa na sociedade e a partir do qual fala, enfatizando que não se pode tirá-lo do momento histórico. Levando esse argumento mais adiante, é possível dizer que a percepção que o próprio *intelectual* tem de si, assim como o diálogo que ele estabelece, pode contribuir para a decisão política que vai tomando ao longo do tempo.

Hobsbawm também chama a atenção para um tipo de engajamento político que tem como motivação a(s) teoria(s) marxista(s)⁹. Muitos cientistas, mas também escritores e artistas, buscaram em algum tipo de marxismo uma alternativa às teorias vigentes na Europa. Tais “*cientistas*” se apropriaram de formas diferentes da herança de Marx, transformando-a, em muitos casos, em “*ciência proletária*”, em oposição ao que denominaram de “*ciência burguesa*”.

A produção bibliográfica brasileira não se diferencia muito da estrangeira. Leôncio Martins Rodrigues desenvolve uma análise que se aproxima das de Cauter e de Vincent. No texto “**O PCB: os dirigentes e a organização**”, Rodrigues enfatiza, como o próprio título sugere, as decisões e posições políticas traçadas pelos dirigentes partidários. Segundo ele, até o fim da II Guerra Mundial faziam parte do PCB jovens “*intelectuais*” oriundos de “*famílias tradicionais decadentes dos*

⁷ Os intelectuais levavam em conta também as grandes campanhas difamatórias que os comunistas organizavam contra os dissidentes. idem, *ibid.*, p. 40.

⁸ idem, “*Intelectuais e a luta de classes*”, *op. cit.*, p. 245.

⁹ Ver discussão de Eric J. Hobsbawm no artigo “*Os intelectuais e o antifascismo*”, in: idem (org.), *História do marxismo*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1987, vol. IX, principalmente pp. 260, 261, 282, 284.

estados pobres” do Brasil ¹⁰. Os operários, ainda neste período, aparecem sempre fora das direções partidárias, sendo que nestas encontravam-se os tais “*intelectuais*” das *famílias tradicionais decadentes* ¹¹. Durante o período do pós-guerra, entretanto, adere ao PCB um tipo diferente de “*intelectual*”, são os que ele denomina de *consagrados* na literatura, na pintura, no jornalismo, etc. Cita alguns nomes como, por exemplo, Jorge Amado, o físico Mário Schenberg, Aparício Torelli, Alina Paim, Caio Prado Júnior (estes, no entanto, têm vínculos com o PCB desde a década de 1930), Graciliano Ramos, Oscar Niemeyer, entre outros. Finaliza afirmando que desta nova safra de *intelectuais* comunistas, ninguém chega a fazer parte da direção do PCB, funcionando mais como ornamento para o mundo exterior. Aqui, sua análise se aproxima da interpretação de Vincent. Neste caso, segundo Rodrigues, para ascender em um partido como o PCB era preciso, entre outras coisas, dedicação integral à militância, preceito que muitos escritores e artistas não levavam em consideração ¹².

O autor indica que é a direção do PCB que exclui de pronto e marginaliza os escritores e artistas das decisões políticas do partido. Ainda que Leôncio Martins Rodrigues avance na elaboração de uma *sociologia dos intelectuais comunistas*, estabelecendo uma distinção entre os intelectuais dirigentes do PCB e os *consagrados*, e buscando suas relações na situação material e social de cada grupo, seu trabalho não dá conta dos elementos compartilhados e conflitantes que formavam as identidades entre estes escritores e artistas e o partido, fossem ou não dirigentes comunistas.

Em uma perspectiva mais ampliada, Sérgio Micelli empreende um detalhado estudo sobre as relações entre *intelectuais* e a “*classe dirigente*” no Brasil, entre as décadas de 1920 e 1940 ¹³. Os pressupostos de Micelli são muito parecidos com os de Leôncio Martins Rodrigues. Buscando analisar os *intelectuais* através de suas respectivas origens sociais, Micelli nos proporciona uma rica relação destes com a construção de um tipo de dominação de classe que se apoia nos *intelectuais*. Este

¹⁰ Leôncio Martins Rodrigues, “*O PCB: os dirigentes e a organização*”, in: História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo, Editora DIFEL, 1981, vol. X, Tomo III- O BRASIL REPUBLICANO, p. 385.

¹¹ idem, ibid., p. 390.

¹² idem, ibid., p. 412.

¹³ Sérgio Micelli, Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). São Paulo, Difel, 1979, Coleção “*Corpo e Alma do Brasil*”.

processo tem início ainda nos anos vinte, se consolida e se cristaliza nos anos trinta com o governo de Getúlio Vargas. Mas, também nesse autor, não se encontra qualquer tipo de discussão sobre a noção de “*intelectual*”.

O trabalho de Daniel Pécaut também é bastante interessante e importante para uma perspectiva de análise das relações entre “*intelectuais*” e o Estado¹⁴. Operando com a noção de *cultura política* (que significa: “...*aderir a uma mesma concepção do social.*”¹⁵), Pécaut divide os “*intelectuais*” em duas gerações: a dos anos de 1925 a 1940 e a dos anos de 1954 a 1964.

A primeira geração é a do “*redescobrimento do Brasil*”. Nela os “*intelectuais*” legitimam seu poder em um processo de construção de relações com o Estado, baseando-se na avaliação de que a *nação* necessitava deles fosse para a formação de uma cultura nacional fosse para a organização do próprio espaço político também único e nacional¹⁶. Já a segunda geração está envolvida com o *nacionalismo*, ainda que divididos entre o *entreguismo* e o *nacionalismo popular*¹⁷. Ao tratar da segunda geração, Pécaut expõe com maior clareza seus pressupostos. A *ideologia desenvolvimentista*, segundo ele, parece apagar as relações entre “*intelectuais*” e o Estado, já que os primeiros, sem nenhuma autonomia, apenas legitimam o poder do segundo. Assim, segundo ele, nos países *subdesenvolvidos*, o Estado é o sujeito das relações sociais.

Sem desconsiderar a contribuição do texto de Pécaut, é difícil concordar com seus argumentos para sua definição de “*intelectual*”. Não se preocupando em problematizar o que é “*intelectual*” e partindo de uma definição auto-explicativa, Pécaut cai em uma definição de difícil operacionalidade do *engajamento político*¹⁸. Se *intelectuais* representam um grupo social auto-definido *a priori*, em muitos momentos, o autor tende a homogeneizar os personagens nesta categoria vazia de conteúdo histórico e externa ao próprio objeto de estudo. Assim também, o próprio processo de engajamento político é visto de forma separada da construção das relações sociais.

A perspectiva indicada por esta produção bibliográfica, ao interpretar as atitudes de escritores e artistas brasileiros através de suas respectivas origens

¹⁴ Daniel Pécaut, ***Os intelectuais e a política no Brasil***. São Paulo, Editora Ática, 1990.

¹⁵ idem, ***ibid.***, p. 17.

¹⁶ idem, ***ibid.***, p. 39.

¹⁷ idem, ***ibid.***, p. 104.

¹⁸ idem, ***ibid.***, ver, principalmente, pp. 57, 58 e 59.

sociais e das relações sociais mais amplas na qual estavam envolvidos, seja dando ênfase nas relações com o Estado ou com outros grupos sociais, contribuíram, em muito, para o desenvolvimento desta investigação. Entretanto, estes trabalhos não respondem totalmente à questão mais geral proposta para esta pesquisa.

Há ainda a bibliografia sobre o PCB e estudos sobre outros partidos comunistas locais que são referenciais importantes para esta investigação. Não é proposta deste trabalho reconstruir a história do PCB ou fazer um balanço historiográfico do tema, mas o objeto desta pesquisa se relaciona com essa história. Basta lembrar que, como nos indica Marco Aurélio Garcia, falta-nos ainda um estudo de maior consistência teórica e de pesquisa empírica. Segundo ele, parte dos textos sobre a história do PCB são memorialísticos ou baseados em fontes secundárias ¹⁹.

Em um livro recentemente publicado sobre a história do PCB, Dulce Pandolfi ²⁰ chama a atenção pelas primeiras palavras na sua *Introdução*: “...pretendo tratar a ‘fantasia’ como um aspecto da ‘realidade’.” Assim, o objetivo da autora “...é analisar o processo de construção da identidade do PCB, ou seja, entender a visão que esse ator político elaborou sobre si mesmo ao longo do tempo.”

Intitulando seu trabalho no campo da história política e da história cultural, a autora pretende entender a visão desse ator político a partir das questões presentes vivenciadas pelo partido como, por exemplo, o desmoronamento da URSS, a extinção do PCB, etc. E adverte:

*“Tratava-se, portanto, de um estudo das representações dos comunistas sobre o seu passado, sobre aquilo que no imaginário político chama-se o ‘tempo de antes’. A idéia de trabalhar com os discursos, os valores, os aspectos simbólicos da chamada cultura comunista, parecia-me altamente instigante, desafiadora e pertinente.”*²¹

Pareceu-me realmente instigante sua proposta de trabalho, mas já aí ficou a questão: será mesmo possível falar de uma única *cultura comunista*? A partir daí, foi possível entender a discussão que Pandolfi realiza sobre *identidade*. A autora desenvolve o problema a partir de como se forma ou se forja a identidade do PCB.

¹⁹ Marco Aurélio Garcia, “*Contribuições para uma história da esquerda brasileira*”, in: Reginaldo Moraes (org.), *Inteligência brasileira*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986, pp. 199. Para uma visão mais geral sobre a produção historiográfica brasileira sobre a esquerda e sobre o PCB, ver o artigo, pp. 193-223.

²⁰ Dulce Pandolfi, *Camaradas e companheiros. Memória e História do PCB*. Rio de Janeiro, Editora Relume Dumará, 1995.

²¹ idem, *ibid.*, pp. 11 e 12.

Para respondê-la, enfatiza a singularidade de um partido comunista que se expressa, em primeiro lugar, através de constantes referências ao passado; em segundo lugar, através da opção de seus membros que é voluntária, mas uma vez dentro da agremiação outras opções se diluem; e em terceiro lugar, que a identidade é construída através de contrastes. O terceiro elemento representa a tentativa de forjar uma imagem de si para si próprio e para os outros:

“Ao mesmo tempo em que o partido reivindica a sua especificidade e até mesmo a sua superioridade diante de todos os ‘outros’, os não comunistas também percebem e procuram acentuar as suas diferenças com os comunistas.”²²

Então, no caso do PCB, a identidade se forma através de dois elementos básicos. Segundo a autora, como lugar de unidade do grupo está a **memória** - entendida como reconstrução, já que se dá no presente, ou seja, no momento em que é solicitada e quando responde à estas solicitações, e aparece como um processo conflituoso entre diferentes formas de manifestação ²³. Por outro lado, a identidade se baseia em um projeto:

“A consistência de um projeto depende fundamentalmente da memória, pois é ela que ‘fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos.’ Desse modo, projeto e memória associam-se e articulam-se para dar significado à própria identidade.”²⁴

Logo a seguir, ela afirma que existe um *projeto* bastante definido dentro do PCB ou de qualquer partido comunista: a construção de uma nova sociedade, que articula projetos menores em função dele. Mas, as expectativas foram frustradas. De uma forma geral, ao percorrer a história do PCB e as construções de sua memória a autora não consegue sair do pressuposto de **uma única identidade** presente no PCB, por isso, ela acaba afirmando que há um **projeto único**, mesmo reconhecendo que não é estático.

A partir daí, faz uma distinção entre a existência de uma memória oficial no (ou do?) PCB e a falta de uma história oficial. Será, então, a memória oficial a fonte de seu trabalho. Aqui, a autora cai em uma armadilha. Apesar de colher diversos depoimentos de militantes da organização, investiga apenas as fontes do que ela

²² idem, **ibid.**, p. 14.

²³ idem, **ibid.**, pp. 15 e 17.

²⁴ idem, **ibid.**, p. 18.

mesma chama de memória oficial, construídas por dirigentes partidários. Assim, acaba limitando-se a uma versão oficial, seja memorialística ou histórica, esquecendo que um partido, comunista ou não, constrói-se através de lutas internas geralmente abafadas pela versão oficial. Seu trabalho acaba por não registrar diferentes formas de identidades entre os militantes por se propor a construir uma história baseada nas representações e no imaginário, o que a levou a descolar os discursos da própria experiência dos sujeitos históricos.

Partindo dessa discussão bibliográfica, o objetivo deste trabalho é abordar os *"intelectuais comunistas"* de forma heterogênea. Isto significa tentar recuperar os aspectos que deram a estes um significado comum sem, no entanto, perder de vista a singularidade de cada personagem.

Considerarei para este trabalho o período entre as décadas de 1920 e 1940 como os primeiros anos do processo de engajamento político de *intelectuais* no comunismo. Conseqüentemente, da amplitude que a expressão *"intelectual comunista"* sugere, optei por enfatizar as experiências dos escritores comunistas.

Assim sendo, esta dissertação de mestrado compreende três capítulos, nos quais são enfatizados as relações escritor/obra/opção política com intuito de responder à questão de qual (ou quais) o(s) significado(s) dado(s) por estes escritores à denominação *"intelectual comunista"*.

Várias poderiam ser as formas de abordagem do tema e do objeto propostos. O período de pesquisa foi crucial para que pudesse ir definindo a melhor forma de analisar o objeto. Em que pese todas as diferenças entre os escritores e suas formas de engajamento, a relação escritor/obra/opção política está mediada pelas motivações encontradas por cada um. Assim, buscar as razões pelas quais estes escritores tornaram-se comunistas é tentar, também, tornar explícito os dilemas deste engajamento.

Vejamos... Antes de decidir por filiar-se ao partido comunista, Walter Benjamin ponderou:

"Outra consideração: filiar-se ao Partido? Vantagens decisivas: uma posição sólida, um mandato, ainda que apenas virtual. Contato organizado e garantido com pessoas. Por outro lado: ser comunista em um Estado onde governa o proletariado significa renunciar completamente à independência individual. Delega-se, por assim dizer, ao Partido a tarefa de organizar a própria vida. Mas onde o proletariado é oprimido, trata-se de passar para o lado da classe oprimida, com todas as conseqüências que isto possa acarretar cedo ou tarde. [...] Dentro do Partido: a enorme vantagem de poder projetar seus próprios pensamentos em algo

como um campo de força preestabelecido. A legitimidade de permanecer fora do Partido é determinada, em última análise, pela questão de se é possível posicionar-se do lado de fora com alguma vantagem tangível e concreta, sem passar para o lado da burguesia ou prejudicar o próprio trabalho.”²⁵

Este diário, escrito entre os anos de 1926 e 1927, expressou os dilemas vividos pelo autor. Benjamin contrapôs vantagens e desvantagens em filiar-se ao partido sem, no entanto, chegar a uma conclusão. Ao mesmo tempo, relacionou seu trabalho com a opção política, propondo uma forma de engajamento que não separava o filósofo do cidadão. Ainda que tenha modificado sua opinião até seu suicídio em 1940, ela é significativa pois revela a tensão com que vivenciou a opção pelo comunismo.

Também Jean-Paul Sartre explicitou seu dilema, mas de uma maneira menos direta. Em seu romance ***A idade da razão***, o primeiro volume da trilogia ***Os caminhos da liberdade***, publicado em 1945, o autor narra o cotidiano de um grupo de franceses durante a década de 1930. Mathieu, um professor de filosofia, é o elo de ligação entre os três romances. Em uma passagem, um amigo comunista de Mathieu lhe pergunta sobre os motivos de ainda não ter se filiado ao partido comunista, à qual ele responde:

*“Não tenho nada a defender; não me envaideço de minha vida e não tenho um níquel. Minha liberdade? Ela me pesa. Há anos que sou livre à toa. Morro de vontade de trocá-la por uma convicção. De bom grado trabalharia com vocês, isso me afastaria de mim mesmo e tenho necessidade de me esquecer um pouco. E depois, penso como vocês que não se é homem enquanto não se encontra alguma coisa pela qual se está disposto a morrer. [...] Apesar de tudo não posso tomar partido, não tenho razões suficientes para isso. Revolto-me como vocês, contra a mesma espécie de indivíduos, contra as mesmas coisas, mas não é o bastante. Não é minha culpa. Mentiria se dissesse que me sentiria satisfeito em desfilar de punho erguido ao som da **Internacional**.”²⁶*

O personagem aponta para a falta de razões em filiar-se ao partido comunista e como que reduz a militância ao ato de desfilar ao som da *Internacional*. Mas não há diferenças entre as ponderações de Benjamin e as de Mathieu (ou será Sartre?).

²⁵ Walter Benjamin, ***Diário de Moscou***. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 89.

²⁶ Jean-Paul Sartre, ***A idade da razão***. São Paulo, Círculo do Livro, 1976, p. 138.

Em momentos diferentes, Walter Benjamin e Jean-Paul Sartre são exemplos de experiências distintas de relação com o comunismo e com o partido comunista. Os personagens desta história também o são. Mas, muito além de exemplos, estes personagens construíram um significado para *intelectual comunista* que extrapolou suas próprias intenções.

A apresentação dos resultados desta pesquisa se organiza em três capítulos. O primeiro compreende a década de 1920 e aborda três aspectos. Um deles é a formação do grupo *Clarté* no Brasil, quais eram seus membros e suas propostas políticas. Ainda que o grupo não tenha tido, posteriormente, ligações com o PCB ou com o comunismo de uma maneira geral, a relação que estabeleceram com a União Soviética é importante para percebermos o impacto que este país causou entre os brasileiros. Através dos *clartistas*, nota-se a existência de uma noção de *intelectual* compartilhada entre os membros de diversas correntes políticas, entre elas os comunistas. Assim, a experiência exemplar de Astrojildo Pereira revela esse compartilhar nos primeiros anos de atividade do PCB, ao mesmo tempo em que mostra o surgimento do *intelectual comunista* e os aspectos que serviram de base para a construção deste grupo dentro do PCB.

Paralelamente a isso, outro grupo de escritores aproximava-se do comunismo. Os primeiros contatos entre o grupo da *Antropofagia* com o comunismo, ainda na década de 1920, enfatizam as várias possibilidades existentes de ingresso no PCB.

No segundo capítulo, conseqüentemente, buscou-se trazer à tona o ingresso de diferentes escritores no partido. As primeiras experiências de Caio Prado Júnior, de Oswald de Andrade, de Patrícia Galvão e de Astrojildo Pereira como comunistas, mostram as várias formas de engajamento político e os significados que cada um atribuiu ao título de *intelectual comunista* entre os anos trinta e quarenta.

A militância "*intelectual*" no PCB se realizava, principalmente, através dos textos (romances, ensaios históricos, etc.). Neste sentido, optou-se como estratégia de abordagem do tema e do objeto de pesquisa tentar traçar os pontos de identidade entre os escritores e o PCB através do contato entre alguns textos do *militante intelectual* e as posições políticas defendidas oficialmente pelo partido. Este procedimento deveu-se ao tipo de fonte escolhida para essa fase da pesquisa, a qual não possibilitou respostas às perguntas de quais relações orgânicas esses

escritores mantinham com o partido. Entende-se, aqui, por relações orgânicas como as formas de militância dos escritores, para além de suas obras, no partido: havia “*células*” especiais para esses militantes?; havia uma política específica para eles?; que discussões o grupo dirigente do partido realizava com os escritores?

Ainda no segundo capítulo, buscou-se acompanhar os escritores que estavam próximos do partido, motivados pela luta anti-fascista. Após 1935 e, principalmente, após 1937, surge um movimento de cunho democrático, o qual lutava contra as medidas repressivas do governo de Getúlio Vargas e contra o nazifascismo. É exemplar, neste caso, a trajetória de Graciliano Ramos e Rubem Braga.

Apesar de o PCB encontrar-se na clandestinidade e de seus militantes serem continuamente perseguidos pela polícia de Vargas, os *intelectuais comunistas* encontraram formas de expressão nas revistas frentistas (compostas por escritores de diversas correntes políticas) criadas, no período, como forma de resistência.

Por fim, o terceiro capítulo compreende a análise da trajetória de Jorge Amado. A trajetória deste autor é exemplar: considerado já nos anos trinta como um *intelectual comunista* tanto pelos membros do partido como pelos grupos literários. Sua experiência, que vai da simpatia à militância comunista, forma um tipo de engajamento político, no qual a direção do partido avalizou a opinião do autor como a de seu representante.

Resta-me, agora, convidar o leitor a viajar por um mundo que já não existe mais.

CAPÍTULO I: UTOPIAS DELICIOSAS

1. Por uma Internacional do Pensamento

Vários escritores e artistas europeus, no final da década de 1910, uniram-se em torno de um antigo projeto de Romain Rolland (1858-1944) de criação de uma *Internacional do Pensamento*¹, que irá influenciar a organização de um movimento com os mesmos propósitos no Brasil.

Tal projeto de Rolland remonta aos anos de 1916 e 1917, em uma tentativa de mobilizar os “*intelectuais*” contra a guerra. Para ele, a guerra representava uma Europa - baluarte da civilização - enlouquecida, enferma de desejos de destruição. Por isso, em março de 1918, publica um artigo intitulado “*Por uma Internacional do Pensamento*”, propondo a independência de escritores, artistas e cientistas diante das pressões nacionais de engajamento na guerra. Mais que um antigo republicano democrata, Rolland era um pacifista. Isto, no entanto, não o afastou de imediato de manter relações de simpatia com a revolução de outubro de 1917 na Rússia, liderada por Lênin. Ao contrário, em março de 1918, Rolland declarou que os povos do ocidente não deveriam duvidar do exemplo da nova Rússia, ainda que esta sofresse alguns reveses no início².

Quase um ano depois da publicação do artigo de Rolland, o jornal *L'Humanité* publicou uma proposta de criação de uma *Internacional do Pensamento* paralela à *Internacional dos Povos*. O periódico era ligado ao Partido Socialista da França, Secção da Segunda Internacional; dele faziam parte Henry Barbusse, Paul Vaillant-Couturier, Raymond Lefebvre dentre outros.

Este movimento iniciado por Rolland deu origem à “*Declaração de Independência Intelectual*”, publicada em julho de 1919 e assinada por, entre outros, Albert Einstein, Máximo Gorki, Henry Barbusse, Paul Vaillant-Couturier, Henrich Mann, Raymond Lefebvre, Jules Romains, Bertrand Russell, Benedetto Croce e Upton Sinclair.

Dessas iniciativas paralelas surge o *Group Clarté*. O movimento reunia-se em torno da revista de mesmo nome³, cujo primeiro número foi publicado em 11 de

¹ Michael M. Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, “*O grupo Clarté no Brasil: da Revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho*”, in: Antônio Amoní Prado (org.), *Libertários no Brasil. Memórias, lutas, cultura*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986, p. 251.

² David Cauter, *El Comunismo ...*, op. cit., p. 79.

³ O nome *Clarté* derivou de um romance do próprio H. Barbusse publicado em 1919.

outubro de 1919. Através da publicação do livro *La Luer dans l'Abîme*, em 1920, Barbusse pretende esclarecer os objetivos do movimento:

*"Organizar a luta contra a ignorância e contra aqueles que a dirigem como uma indústria... nela não prevalece influência política ou nacional alguma. É independente e internacional, sincera e, em alto grau, humana."*⁴

Este esforço para fazer do *Clarté* um movimento independente e sem influência política, no entanto, não durou muito tempo. A Terceira Internacional (comunista) acabava de ser formada em contraposição à Segunda (social democrata). Ainda neste mesmo livro, Barbusse, em nome do movimento, apóia a fundação da Terceira Internacional e denuncia o *socialismo reformista*. Assim como a Internacional Comunista (IC), o *Clarté* propunha que a organização do movimento chegasse a vários países do continente europeu e para além dele; por isso, o primeiro Comitê Diretivo Internacional do grupo foi composto por vários escritores, artistas e cientistas da Europa⁵. Romain Rolland se negou a participar do grupo por achá-lo muito diversificado.

Desde seu início, os membros do *Clarté* mantiveram-se próximos da experiência soviética. O próprio Barbusse, Vaillant-Couturier, Noël Garnier e Lefebvre mantiveram relações com o Partido Comunista francês desde sua fundação no Congresso de Tours, ocorrido em dezembro de 1920⁶. Estas relações explicitam-se quando, em fevereiro de 1921, a *Clarté* publica um artigo declarando que, apesar da revista e de o movimento não pertencerem a nenhum partido, "*o partido político que responde a suas concepções já existe: é o Partido Comunista Internacional*"⁷.

E foi com a intenção de congregar escritores, artistas e cientistas em um movimento internacional que o *Clarté* se espalhou por muitos países. De acordo com os estatutos da entidade, as organizações das seções nacionais, os comitês e

⁴ Apud: CAUTE, *op. cit.*, p. 46. Tradução minha.

⁵ O Comitê era formado por H. Barbusse, Georg Brandes, Paul Colin, Victor Cyril, Georges Duhamel, Eckhoud, Anatole France, Noël Garnier, Charles Gide, Thomas Hardy, Henry-Jacques, Vicente Blasco Ibanez, Andreas Latzko, Laurent Tailhade, Raymond Lefebvre, Magdeleine Marx, E. D. Morel, Edmond Picard, Charles Richet, Jules Romains, René Schickelé, Séverine, Upton Sinclair, Steinlen, Paul Vaillant-Couturier, H. G. Wells, Israel Zangwill, Stefan Zweig, in: idem, *ibid.*, p. 47.

⁶ H. Barbusse, entretanto, só ingressou formalmente no PC francês em 1923.

⁷ HALL e PINHEIRO, *op. cit.*, pp. 254 e 255. A partir da publicação desta declaração ocorreram muitas cisões e afastamentos do movimento, ver, além do artigo citado, CAUTE, *El Comunismo ...*, *op. cit.*, p. 47.

oficinas ficavam sob a direção do Comitê Diretivo Internacional. Todavia, fora da França, o *Clarté* ganhou um colorido local, às vezes se aproximando do Partido Comunista, às vezes posicionando-se contrariamente a ele ⁸.

No dia 1o. de setembro de 1921, surge no Brasil "**Clarté. Revista de Ciências Sociais. Orgam do Grupo Clarté**". Uma leitura atenta dos artigos publicados na revista, assim como a análise da trajetória de seus autores ajudarão a entender qual grupo de *intelectuais* se interessou pelos propósitos do *Clarté* francês e o porquê deste interesse. Essas análises também podem indicar as diferenças entre o grupo francês e o brasileiro.

De forma geral, os membros do *Clarté* brasileiro foram jornalistas e políticos e a influência do grupo passava ao largo dos círculos de escritores e artistas. Quando estes últimos se relacionam com o *Clarté*, o fazem aproximando-se dos *clartistas* franceses como, por exemplo, Affonso Schmidt que, segundo Alfredo Bosi, era membro do *Grupo Zumbi*, ligado diretamente ao *Clarté* francês ⁹.

O primeiro número da revista detalha os princípios, o programa de ação e os estatutos do grupo. O primeiro artigo, intitulado "**Clarté**", vem assinado pela redação. Partindo de uma avaliação de que a Revolução Francesa foi derrotada e de que a guerra foi expressão de um conflito bestial entre os interesses do capital e do imperialismo, afirma que estes elementos formam um ambiente mundial que leva os "*intelectuais sem preconceitos*" à uma situação especial. Somente ao final do artigo são expostos os princípios do grupo:

"A nossa obra incluirá principalmente o esclarecimento dos fenômenos sociais. Reuniremos todos os elementos de informação, que permitam o trabalho consciente, ao contrário do que hoje se faz na legislação criada pela inconsciência, pela ignorância dos elementos informativos dos problemas. [...] A nossa obra é nacional e internacional. A idéia da Pátria, essencial no momento, inerradicável do espírito atual, não traz incompatibilidade com a evolução que leva a humanidade à internacionalização. A Internacional do Pensamento trabalha para a realização deste formoso ideal, que domina e dominará cada vez mais a Espécie. CLARTÉ será órgão deste trabalho no Brasil." ¹⁰

⁸ No artigo citado de Hall e Pinheiro, há referências bastante interessantes sobre o movimento em outros países.

⁹ Alfredo Bosi, História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo, Editora Cultrix, 1994, p. 339.

HALL e PINHEIRO, op. cit., pp. 259 e 260.

¹⁰ "*Clarté*", Clarté, no. 1, 1o. de setembro de 1921, p. 5. (esta revista foi consultada no Arquivo Edgard Leuroth - AEL)

O conteúdo desse trecho percorre grande parte dos artigos da revista. O esclarecimento dos fenômenos sociais e a idéia de um movimento internacional são, à primeira vista, objetivos muito gerais. Ficamos sem entender quais fenômenos sociais são estes, para quem e por quê esclarecê-los, que tipo de internacionalismo propõem, qual é o formoso ideal pelo qual trabalharão. Mesmo assim, indica-se a intenção de organizar um movimento, ou ao menos fazer parte dele, que congregue toda a humanidade ("*Espécie*") a partir do esclarecimento dos fenômenos sociais, que tirarão os povos da escuridão... *Clarté*.

Mas a divisão que fazem entre claridade/ciência e nacional/internacional informa ao leitor quais aspectos e como enfatizam os fenômenos sociais e a humanidade. Poucos, em verdade, são os momentos em que a revista e o seu corpo editorial expressam com *clareza* os objetivos do grupo e, mesmo quando tentam fazê-lo, as idéias não aparecem de forma sistematizadas. Mas, diferentemente das conclusões da investigação de Michael M. Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, a confusão de organização dos textos no interior da revista e do conteúdo propriamente dito dos artigos não significa inconsistência ¹¹. Os objetivos e a visão que o grupo elaborou sobre a sociedade e sua história estão presentes exatamente nesta suposta confusão.

Em outro artigo, intitulado "*Os ideais da Clarté*", no mesmo primeiro número e também assinado pela redação, é exposto o programa do grupo. Dividido em seis pontos, o programa tenta abranger as questões econômicas, políticas e sociais. Reivindicam o federalismo com "*função social*" como forma de organização nacional, representação das entidades produtivas nas instituições políticas decisórias, administração técnica e eliminação dos políticos profissionais. Estas reivindicações aparecem sob o pressuposto da função que estabeleceram para si mesmos, o "*esclarecimento*" que se liga ao princípio do grupo exposto acima, claridade/ciência.

Do ponto de vista internacional, reivindicam a autodeterminação dos povos contra qualquer imperialismo, seja econômico ou político. Aqui, é o princípio sobre a articulação nacional/internacional que aparece em forma de reivindicação. Ao mesmo tempo, propõem o pacifismo, a "*guerra contra a guerra*".

¹¹ HALL e PINHEIRO, *op. cit.*, p. 268.

Ainda nesse item, se comprometem moralmente em solidarizar-se “*com os povos que lutam pela extinção dos privilégios e tendem a organizar um regime social novo fundados [sic] na cooperação dos produtores [...]*”¹². Nesse caso, não é difícil descobrir quem são os povos que organizam um regime social novo. A Rússia Soviética terá espaço em muitas páginas da revista.

A economia é item particularmente importante na composição do programa, sendo proposto o controle social de todos os ramos de produção e de consumo e a posse gradativa e coletiva dos grandes meios de produção pelos produtores “*tecnicamente*” organizados. Novamente, o princípio da clareza/ciência entra em cena para dar conformidade às propostas. Já deve estar claro ao leitor que a “*ciência*” é entendida como “*técnica*”.

O item que trata da liberdade de expressão (crença, política, etc.), intitulada “*ordem moral*”, traz também a questão educacional, reivindicando que seja integral e que “*capacite os seres humanos para desempenhar funções úteis à sociedade [...]*”. A educação é encarada com fins utilitários, muito coerente com a noção de “*ciência*” que a revista traz.

O penúltimo item indica a quem se reportará o grupo, propondo a convergência de “*todas as forças intelectuais*” que concordem com as propostas do grupo e que lutem por elas. Quanto à ação, último item, se propõem a manter relações de solidariedade internacional e nacional com os que professem os mesmos ideais e resistir contra todos os que a eles se opuserem. Levarão os raios de luz da *verdade* e da *ciência*, através de métodos *científicos*, a todos os homens.

Enquanto o artigo “*Clarté*” levanta os propósitos mais gerais do grupo, o artigo “*Os ideais da Clarté*” tenta esboçar estes mesmos propósitos do ponto de vista reivindicativo e prático, levando às últimas conseqüências seus princípios. Esses dois artigos contêm, assim, o sentido que pretendem dar ao movimento. No entanto, estes preceitos gerais só serão desdobrados e melhor explicitados em outros artigos da revista.

Como o objetivo principal do grupo é o “*esclarecimento dos fenômenos sociais*”, não é à toa que uma noção de *ciência* aparece como mediadora nessa interpretação da sociedade. No número três da revista, em artigo intitulado

¹² “*Os ideais da Clarté*”, *Clarté*, no. 1, 1o. de setembro de 1921, p. 13.

“**Salários**”, parte de uma coluna da revista denominada “*Economia Social*”, há um esboço de qual *ciência* reivindicam para si:

“ Os fenômenos sociais têm de ser interpretados cientificamente para que do seu estudo saia algum bem, qualquer coisa de conclusivo e útil.

*Para que se possa dizer o que convém em matéria de salário é preciso estudá-lo nos fatos passados e presentes, classificá-los e determinar-lhes a evolução.”*¹³

À noção de *ciência* junta-se a de *história*. Quase que inevitavelmente estas aparecem imbricadas. Além disso, a noção de *ciência* está relacionada com a *verdade* dos fatos em contraposição à *mentira*, com a *informação exata* em contraposição à *ilusão*... Este é o tom que o grupo brasileiro imprime ao movimento. Este tom não difere muito do francês quando Barbusse, em nome do grupo, propõe organizar a luta contra a *ignorância*.

Uma *ciência* que se propõe a examinar os fenômenos sociais através das informações exatas, da verdade dos fatos, da qual os *clartistas* farão uso para construir uma interpretação histórica do país e da humanidade, busca, ao mesmo tempo, as *leis* que determinam os fenômenos sociais e o movimento histórico. No artigo de apresentação da revista, seus editores organizam um breve histórico da sociedade humana. Mas não é aqui ainda que se encontra desenvolvido o uso que os autores da revista fazem da história.

Em outro artigo intitulado, sugestivamente, “**De século a século**”, Everardo Dias pretende elaborar uma interpretação histórica capaz de abranger o longo período que vai da Renascença ao início do século XX. Dias se concentra no que denomina de *fatos sociais*, trazendo à tona a exploração sofrida pelos escravos e servos até a revolução francesa. Segundo sua interpretação, após a revolução francesa:

[...] os proletários, sucessores diretos dos escravos e servos, começam a conhecer os seus direitos, que se resume no direito à vida, que pretendem gozar em toda a sua plenitude. É o que bem provam os movimentos revolucionários de 1830, o movimento quase internacional de 1848, o verdadeiro internacional, a Comuna e, sobretudo, o espírito de rebeldia que nestes últimos anos se despertou e manifestou numa inúmera série de greves que em todo o mundo se verificam, principalmente após o advento da Revolução Russa e respectiva implantação do regime soviético ou comunista.

¹³ Norkani, “**Salários**”, Clarté, no. 3, 15 de outubro de 1921, p. 65.

*O século XX será, por isso mesmo, o século das reivindicações populares, como o século XIX o foi das reivindicações burguesas.”*¹⁴

Assim apresentado, o movimento histórico é retilíneo e linear. A burguesia aparece como um grupo social revolucionário no século XIX, lugar que será ocupado pelos proletários/populares no século XX. Através de uma analogia que se tornará corrente nas próximas décadas, Dias indica que a Revolução Francesa teve tanta importância para a burguesia quanto a Revolução Russa para os proletários. Assim, Dias não surpreenderá os leitores quando, anos mais tarde, ingressar no Partido Comunista do Brasil.

Em suma, o grupo apresenta uma noção de *ciência* que busca, através de uma interpretação histórica, as *leis determinantes dos fenômenos sociais*. Esta noção, no entanto, completa-se quando o grupo discute a economia e a política institucional. Ao mesmo tempo em que reivindicam uma sociedade “*igualitária*” e com “*justiça social*”, propõem “*técnicas*” para melhorar o funcionamento da economia e da política institucional brasileiras.

Praticamente todos os artigos propõem a transformação da sociedade. Neste sentido, Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro argumentam que o *Clarté* brasileiro moldou-se em torno de uma proposta de sociedade ligada mais a um reformismo estatal do que a uma transformação radical¹⁵. No artigo “*Os ideais da Clarté*”, quando se referem aos métodos do grupo, explicam:

*[...] propiciar a convergência de todas as forças intelectuais que se inspirem na visão do futuro social mais justo e igualitário, e cooperar para a transformação do regime das instituições na conformidade das idéias supra declaradas.”*¹⁶

No entanto, a proposta de transformação só é entendida como um princípio geral do grupo. A forma prática ou o virtual processo transformador são legitimados pela ciência-técnica. Everardo Dias escreve um artigo no qual tenta desdobrar tal princípio. Discutindo a existência dos “*miseráveis*”, Dias denuncia que estes são ignorados pelos parlamentares. Mais a frente, propõe a implantação de um “*direito*

¹⁴ Everardo Dias, “*De século a século*”, *Clarté*, no. 2, 15 de setembro de 1921, p. 60.

¹⁵ HALL e PINHEIRO, *op. cit.*, p. 270.

¹⁶ “*Os ideais da Clarté*”, *Clarté*, no. 1, 1o. de setembro de 1921, p. 13.

social” como forma de resolver o problema, argumentando que em outros lugares do mundo esta forma de direito já existe na prática ¹⁷. Sem se preocupar muito em definir quem são os da “miséria” e que tipo de “direito social” é este, o autor indica um lugar de possível transformação: o direito, as leis, a legislação.

Outro ponto discutido é o da educação, no qual a análise também vem acompanhada de uma proposta de mudança. Luiz Palmeira assina um artigo intitulado “**A Instrução Pública no Brasil**”, no qual usa um estudo paraguaio de 1911 em que o Brasil aparece com 86,2% de analfabetos ¹⁸. O analfabetismo é enfocado, assim como a miséria, como um problema para os governantes, considerados imorais por sua indiferença:

“A falência de moralidade dos nossos homens públicos é um fato. Em trezentos e vinte e dois anos de colônia nada acusamos de bem-estar para o povo; em sessenta e sete anos de reinado monarquista vemos um complemento do reinado colonial; em trinta e dois anos de reinado republicano encheramos [sic] a mesma coisa, divisamos a mesma indiferença e verificamos o mesmo desprender [sic] administrativo.” ¹⁹

A crítica é explícita aos insucessos da República, considerada como um “reinado” e as soluções encontradas se resumem em culpar os sucessivos governos.

Luiz Palmeira, em outro artigo, discute a “*infância abandonada*”. Informando a realização do Congresso de Proteção à Infância, organizado sob a patente do governo, Palmeira discorre sobre as possíveis teses a serem lá apresentadas. Parte da avaliação de que o congresso em nada resolverá a questão do ponto de vista prático, já que ela não será tratada como uma *questão social*:

“A miserabilidade infantil, portanto, só poderá ser evitada se fizerem cessar o egoísmo capitalista, de cuja cessação surgirá a fraternidade entre os povos, isto mesmo depois de muita luta e obstinação, de muito sacrifício e muitas revoluções. Com o equilíbrio econômico entre os homens, sim, o problema social, no seu aspecto materialístico, chegará ao seu termo final e, nunca, pelas discussões de teses empomadas [sic] de engomados sociólogos, que olham a vida por entre as frestas das venezianas ricamente trabalhadas de seus palacetes ou que olham a vida através dos vidros de seus luxuosos automóveis.” ²⁰

¹⁷ Everardo Dias, “*Os da miséria e as suas reivindicações*”, Clarté, no. 1, 1o. de setembro de 1921, pp. 24 e 25.

¹⁸ Luiz Palmeira, “*A Instrução Pública no Brasil*”, Clarté, no. 7, janeiro de 1922, p. 201.

¹⁹ idem, ibid., p. 200.

²⁰ Luiz Palmeira, “*A Infância Abandonada*”, Clarté, no. 3, 15 de outubro de 1921, p. 85.

Aqui, a *questão social* aparece novamente como um problema econômico, um problema do capitalismo. Apesar de Palmeira indicar a possibilidade de “revoluções”, não deixa claro se é preciso acabar com o capitalismo ou apenas reformar o desequilíbrio que causa. Mas não é contraditório o seu argumento quando afirma que a causa do problema sempre foi a indiferença do poder público:

“Quem não vê meninos esfarrapados, olhos baços e corpo enfezado a cortarem todo o santo dia as ruas do centro da nossa cidade na ânsia de vender jornais e revistas, e de cuja vendagem só as empresas jornalistas auferem gordas vantagens? Quem não vê, ainda, as fábricas regorgitarem de crianças cadavéricas, já um tanto envelhecidas pelo cansaço e maldizentes da vida? Por elas quantas vezes o presidente e os futuros congressistas passaram sem deixar cair, sequer, um olhar paternal? No entanto, levam a vida a pregar misericórdia e a escrever teses repassadas de um sopro de bondade. Serão uns eternos comediantes do Amor e do Bem...”²¹

Ao fixar as causas da miséria das crianças abandonadas na economia e, ao mesmo tempo, na má administração governamental, o autor sugere um tipo de transformação social na qual a “revolução” não é uma proposta, enquanto que a melhoria (através do uso de uma “técnica” eficaz) da administração governamental torna-se a única forma de resolver este problema.

Em artigos sobre a organização econômica, a definição de ciência-técnica aparecem mais explícitas. É exemplar um artigo publicado na coluna “*Economia Social*”, no qual a discussão passa pela definição de *economia social*, apresentada em contraposição à *economia política*:

“No estado atual da Ciência, a Economia Política é o conjunto de estudos sobre os fenômenos da produção e distribuição das riquezas - sob o ponto de vista da primeira mentalidade; ao passo que a Economia Social cuida do estudo dos fenômenos econômicos de produção e distribuição das utilidades debaixo do ponto de vista da Justiça, isto é, da igualdade dos direitos dos entes humanos. [...] Uma é a Ciência da utilidade, a outra é a da Justiça Social.”²²

O artigo discute, do ponto de vista econômico, qual projeto de *justiça social* seu autor defende. Fazendo uso da sua noção de *Economia Social*, o autor propõe,

²¹ idem, *ibid.*, p. 88.

²² Norkani, “*Economia Social*”, *Clarté*, no. 2, 15 de setembro de 1921, p. 54.

como forma de acabar com a *injustiça social*, uma melhor distribuição de riquezas. Entretanto, não indica de quem se deve tirar e a quem se deve dar as riquezas, nem quais riquezas são estas que pretende colocar à disposição desta distribuição. Nestes termos, a fórmula utilizada é a mesma de Luiz Palmeira: a *injustiça social* é causada pelo descaso dos governantes.

A quem se dirige as propostas do grupo? Talvez a resposta à esta pergunta complete a definição do papel que os clartistas pretendiam desempenhar. As propostas do grupo se dirigem aos governantes, para verem garantidos os direitos do *povo* e dos *trabalhadores*.

Everardo Dias, ao defender o *direito social*, propunha uma legislação que protegesse as mulheres e crianças trabalhadoras. Num sentido mais amplo, propõe para os trabalhadores a constituição de normas que regulamentem o trabalho noturno e a aposentadoria²³.

Em outro texto, Nicanor do Nascimento escreve sobre a cooperativa de Bangu, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, onde eram vendidos alimentos a preços mais baixos que os do comércio varejista. Para argumentar a importância desta iniciativa para os trabalhadores, o autor revela sua visão sobre os mesmos:

*[...] quanto maior [...] for a situação do proletariado, melhor poderá ele desenvolver a própria inteligência, disciplinar a vontade, educar a si próprio para travar as lutas finais da própria libertação.”*²⁴

Afirma, então, que a “*revolução*” só poderá ser realizada por aqueles que “*marcham nutridos, capazes de compreensão e, portanto, de ação*”²⁵. É, portanto, uma visão que tem como base uma imagem de trabalhador miserável, sem educação, sem inteligência e, por estes motivos, desprovidos de vontade revolucionária. O segundo trecho citado, porém, tem um duplo caráter. Se o autor tem uma visão de trabalhador miserável e sem inteligência, quem marchará pela “*revolução*” ou pelas “*reformas*”? Só os *nutridos, capazes de compreensão*? Mas estes não são os trabalhadores que ele vê. Aqui, ao mesmo tempo em que o autor chama seus pares para o cumprimento desta tarefa, identifica no governo e na

²³ Everardo Dias, “*Os da miséria e as suas reivindicações*”, *Clarté*, no. 1, 1 de setembro de 1921, pp. 24 a 26.

²⁴ Nicanor do Nascimento, “*Cooperativa de Bangu*”, *Clarté*, no. 5, novembro de 1921, pp. 152 a 154. Apud: HALL e PINHEIRO, *op. cit.*, pp. 277 a 278.

²⁵ idem, *ibid.*

política institucional a possibilidade de transformação da realidade social. Afinal, o objetivo do movimento é o de unir os “*intelectuais*” e estes não são trabalhadores.

Há outras definições de *povo* e de *trabalhador* que se identificam com a de Nicanor do Nascimento. Evaristo de Moraes revela o seu desalento em relação ao *povo*. A situação do país não se modificava, segundo ele, pela “*pasmaceira do povo, que não sabe o que lhe interessa*”²⁶.

Ao discutir o problema da educação pública no país e ao constatar o alto índice de analfabetismo entre os brasileiros, Palmeira também define o *povo*:

*“Na verdade, o povo ainda não entrou na consciência de si mesmo. É um bruto vestido em roupagens duma civilização que ele não compreende, mercê seu estado de ignorância. Subjugado sempre por uma minoria de exploradores tem vivido ao abandono como um cão lazarento. Pobre povo, de cujo nome se têm servido os plutocratas de todos os tempos para bem gozarem as delícias e os encantos da vida.”*²⁷

Mais que um *povo* miserável, explorado e oprimido, estas definições também o qualifica como ignorante até de si mesmo. Desta forma, justifica-se a necessidade de organização dos “*intelectuais*”, são eles que, imbuídos da *ciência*, podem elaborar as propostas, as reivindicações e até um projeto de sociedade para o *pobre povo bruto e ignorante*.

Everardo Dias avança na definição do papel do “*intelectual*” na relação com o *povo/trabalhador*.

*“[...] o nosso operariado, que muito gosta de bailes, carnavais, cinemas e futebol, deve em troca estudar, comprando jornais e livros - se quer de fato emancipar-se.”*²⁸

Revela-se, assim, o projeto clartista em, também, constituir-se como educadores morais do *povo/trabalhador*. Eis o papel que definiram para si mesmos como *intelectuais*.

Esta lógica, que pressupõe o papel do *intelectual* como *educador/civilizador do povo e/ou do trabalhador* se forma através de dois movimentos diferentes, mas não contraditórios. O primeiro tem a ver com o *status* que a União Soviética ganha na revista e, ao mesmo tempo, que visão os clartistas elaboraram sobre ela. E o

²⁶ Evaristo de Moraes, “*As corporações políticas ao serviço do capitalismo*”, *Clarté*, no. 3, 15 de outubro de 1921, pp. 81 a 84.

²⁷ Luiz Palmeira, “*A Instrução Pública no Brasil*”, cit., p. 201, grifos meus.

²⁸ idem, “*A propósito das greves*”, *Clarté*, no. 6, dezembro de 1921, p. 173. Apud: HALL e PINHEIRO, *op. cit.*, p. 280.

segundo relaciona-se com as características que grande parte dos *intelectuais* no Brasil assumiram para si.

No primeiro número da revista, foi transcrito um relatório de Lunatcharski ²⁹ enviado ao Comitê Central dos Sovietes. Em primeiro lugar, o relatório traz uma discussão dos novos princípios pedagógicos a serem implantados para, então, passar a discutir as medidas práticas destas mudanças. Propostas como a unificação de todas as escolas já existentes em "*Escolas dos Operários Unificados*", a obrigatoriedade de escolaridade de nove anos, relação mais direta entre as escolas do campo e as da cidade, melhoria na situação financeira dos professores e as formas de preparo dos novos educadores teriam como central a educação do povo:

*"Só um nível elevado de educação pública tomará o povo capaz de governar-se conscientemente. Os intelectuais - as inteligências socialistas - aliados de ontem, revelam-se inimigos do proletariado avançado e fazem sabotagem à sua revolução. É uma lição que demonstra ao proletariado a necessidade, para ele e para os filhos, de adquirir o saber real."*³⁰

A primeira parte da frase afirma a incapacidade do povo russo em governar-se por si mesmo. Segundo o relatório, essa incapacidade só será modificada se o povo for educado e conseguir ocupar o lugar dos "*intelectuais*" - antes aliados, agora sabotadores. Neste sentido, não há grande diferença entre as avaliações de Lunatcharski sobre o povo russo e as de Palmeira em relação ao povo brasileiro. Palmeira afirmava, como vimos:

*"Na verdade, o povo não entrou na consciência de si mesmo. É um bruto vestido em roupagens duma civilização que ele não compreende, mercê seu estado de ignorância. [...]"*³¹

Além disso, é muito sintomático que, no mesmo número da revista em que foi publicado o artigo de Palmeira, haja um outro sobre o próprio Lunatcharski ³².

²⁹ Anatoli Lunatcharski foi Comissário da Instrução Pública nos primeiros anos após a revolução de outubro de 1917 na Rússia.

³⁰ Anatoli Lunatcharski, "*O Sovietismo e a sua grande obra escolar*", *Clarté*, no. 1, 1 de setembro de 1921, p. 27.

³¹ PALMEIRA, "*A Instrução Pública no Brasil*", cit., p. 201.

³² É interessante notar que a revista *Clarté* da França também publicou vários artigos de A. Lunatcharski, em um período muito próximo das discussões realizadas na revista brasileira. Tive conhecimento de dois deles: Anatoli Lunatcharski, "*Les Intellectuels et l'Internationale Communiste*", *Clarté*, 19 de novembro, 3 de dezembro de 1921.

Neste artigo, a discussão principal passa pela nova pedagogia, considerada como questão política, em implantação pelo Comissariado do Povo para a Instrução Pública³³.

Para além das questões educacionais, a recente República Soviética ganha espaço nas páginas da revista como referencial de uma nova forma de organização econômica. Nos três primeiros números da revista foi transcrito o decreto “*Sobre a obrigatoriedade do Trabalho*”.

Ao lado destes, vêm publicados artigos elogiosos e de defesa da Rússia e de seus dirigentes. Lênin aparece como o grande líder das transformações econômicas que estavam se seguindo naquele país³⁴. Os artigos em defesa da Rússia são, no entanto, mais expressivos para o entendimento do papel que jogava para os clartistas brasileiros. Num artigo assinado pela redação, intitulado “**Soviet**”, o tema da democracia aparece com centralidade nos argumentos levantados em defesa deste país:

*“O fato, porém que diferencia a democracia constitucional da democracia soviét é a extensão da capacidade política. A democracia liberal pleiteia a representação por sufrágio universal, em que tomam parte todas as classe, ao passo que, na democracia soviét só tem direito ao voto os bolchevistas organizados e trabalhadores.”*³⁵

Assim, endossa a proposta de democracia que estava sendo implantada. A reprodução de um artigo intitulado “**Rússia Proletária: mártir para se libertar e ser libertadora**”, do grupo *Clarté* argentino (indicado como pertencente ao “*Grupo Comunista Estudantil*”) reforça ainda mais a simpatia dos clartistas brasileiros em relação à República Russa: evidentemente, o fato de o terem publicado na revista brasileira representa um compartilhar de seu conteúdo. Expressões apologéticas dão o tom ao documento, levando o leitor a pensar numa estreita ligação do grupo com os comunistas/bolcheviques russos. O compartilhar da causa aparece não só no sentido orgânico, quando fazem referências à Internacional Comunista, mas também em seu ideário - ainda mais significativas.

“*La Révolution et la Culture en Russie*”, *Clarté*, 1 de fevereiro de 1923.

³³ Norkani, “*Lunatcharski*”, *Clarté*, no. 7, janeiro de 1922, p. 205

³⁴ “*Lenine*”, *Clarté*, no. 3, 15 de outubro de 1921.

³⁵ “*Soviet*”, *Clarté*, no. 2, 15 de setembro de 1921, p. 43.

Se relacionarmos a visão que os clartistas argentinos elaboraram sobre a luta dos *operários* na nova República Russa com a visão dos clartistas brasileiros sobre o *povo/trabalhador*, será possível entender qual é esse ideário comum. Diz o documento do *Clarté* argentino sobre a nova Rússia que:

*“A sociedade foi organizada sobre bases novas, socialistas. Os triunfos alcançados na frente de trabalho e na instrução, são tão admiráveis como os obtidos na frente de batalha, e as massas mais amplas de operários e camponeses adquirem, de dia para dia, uma consciência mais nítida da missão que lhes corresponde cumprir. Um novo espírito as domina e impulsiona a uma luta abnegada.”*³⁶

Para finalizar, afirmam que se o capitalismo entrar em guerra contra a Rússia Soviética estará entrando em guerra contra a classe operária do mundo inteiro. Na frase citada, encontra-se a intenção de conscientizar da classe operária através da educação. Neste sentido, há uma identidade compartilhada pelos clartistas brasileiros em relação às transformações sociais na medida em que o *povo/trabalhador* tenha acesso à educação. No entanto, o *Clarté* argentino vai mais além afirmando que a educação serve ao *operário/camponês* como forma de conscientização de sua *missão*. Isto não aparece nos textos do *Clarté* brasileiro. E o significado deste vazio encontra-se exatamente no segundo elemento formador da visão *missionária/educadora* dos clartistas brasileiros: a tradição *“intelectual”* nacional.

A tradição legada aos auto-intitulados *intelectuais* da década de 1920 e em especial, aos membros do *Clarté*, pelos *intelectuais* de tempos passados coloca-se, em primeiro lugar, na discussão do argumento de M. Hall e Paulo Sérgio Pinheiro em artigo já citado. O *Clarté* brasileiro é considerado, por esses autores, como um grupo de tendência ao *“reformismo moderado”*³⁷. Mais que isto, ao analisarem as influências do *Clarté* argentino sobre o grupo brasileiro, avaliam que as mudanças operadas pelos brasileiros nos documentos argentinos tornou a proposta clartista no Brasil *“mais estatizante e ainda mais reformista”*³⁸. E concluem a análise da seguinte maneira:

³⁶ *“Rússia Proletária: martir para se libertar e ser libertadora”*, *Clarté*, no. 7, janeiro de 1922, p. 223, grifos meus.

³⁷ HALL e PINHEIRO, *op. cit.*, p. 206.

³⁸ *idem*, *ibid.*, p. 270.

*"Embora a idéia de Barbusse, em 1919, tenha tido uma variada e curiosa recepção em todo o mundo, certamente em nenhum outro lugar teve uma acolhida mais estranha e mais irônica do que no Brasil, onde tantos líderes de Clarté terminaram como altos funcionários num Ministério corporativista."*³⁹

Talvez, os autores tenham razão em procurar uma lógica entre as propostas apresentadas pelos membros do *Clarté* brasileiro na década de 1920 e a participação de alguns deles, na década seguinte, no alto escalão do Ministério do Trabalho de Vargas, como foi o caso de Evaristo de Moraes. Através da interpretação dos artigos dos clartistas, chega-se a algumas características gerais do grupo: anti-capitalistas, anti-oligárquicos, anti-imperialistas e, acima de tudo, anti-liberais. Assim, pode-se afirmar que há uma lógica que liga as características do grupo na década de 1920 à participação em uma alternativa autoritária, implementada por Vargas, na década de 1930. Mas será que esta lógica não pode também explicar o ingresso de Everardo Dias no PCB?

As características apresentadas, aqui, do *Clarté* brasileiro também constituiu-se em uma lógica que levou Everardo Dias ao PCB. A interpretação oficial que o partido em sua formação elaborou sobre o país muito se assemelhava às teses levantadas pelos clartistas. No geral, era um partido anti-capitalista, já que defendia o socialismo; era anti-oligárquico, pois afirmava que o "agrarismo" era o maior obstáculo para o desenvolvimento do país; era anti-liberal por achar que a sua democracia era para poucos endinheirados; e, eram anti-imperialistas, porque defendiam a autodeterminação dos povos⁴⁰.

No entanto, o *Clarté* torna-se relevante para este trabalho porque foi um dos primeiros grupos a serem organizados tendo o referencial soviético como elemento constituinte de suas diretrizes programáticas, mesmo que este referencial só tenha aparecido em forma de simpatias, não tendo conseqüências do ponto de vista de ligações orgânicas da maioria seus membros com o PCB.

Além disso, a relação que os clartistas tentavam estabelecer com o *povo/trabalhador*, visualizada através das noções que construíram sobre os

³⁹ idem, *ibid.*, p. 287.

⁴⁰ Astrojildo Pereira, *Formação do PCB - 1922/1928*, Lisboa, Editora Prelo, 1976, pp. 71 a 76 e 87 a 94.

_____, *Construindo o PCB (1922-1924)*, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980, pp. 100 a 101.

Edgar Carone, *O PCB. 1922 a 1943*. São Paulo, Difel, 1982, pp. 19 a 29 e pp. 37 a 55.

mesmos, permite a afirmação de que ainda estavam ligados, de alguma forma, à tradição dos “*intelectuais*” da virada do século XIX. Segundo o historiador Nicolau Sevckenko, “o *engajamento se torna a condição ética do homem de letras*”⁴¹. Ao mesmo tempo, há uma relação entre o papel social estabelecido pelos *intelectuais* da virada do século XIX para o século XX e o papel social estabelecido pelos clartistas brasileiros na década de 1920.

A ampliação do acesso à educação, aos órgãos políticos, a elevação do nível cultural, além do uso constante do cientificismo - como elemento de laicização da sociedade -, são reivindicações constantes dos clartistas brasileiros. Estes são também os elementos apresentados por grande parte dos “*intelectuais*” da virada do século passado. Na verdade, o que os *intelectuais* colocaram em jogo na virada do século e os da década de 1920 foi o caráter e a constituição da *nação brasileira*.

Esta relação revela que a aparente confusão e/ou ecletismo programático dos clartistas brasileiros foi também a expressão da apropriação de uma tradição de engajamento político pelo *intelectual*, cujo ideário se construiu com elementos desta tradição, misturado à apropriação de uma imagem da Rússia Soviética que se construía pelo mundo afora. Desta forma, foram os clartistas brasileiros um dos primeiros grupos organizados, auto-definido como grupo de *intelectuais*, a usarem a Rússia Soviética como referencial no Brasil. O que faz deste movimento, nem irônico nem estranho, algo singular.

* * *

Dentro dos círculos de escritores e artistas, a Revolução Russa de outubro de 1917 teve repercussão imediata através da manifestação pública de simpatia de alguns de seus membros⁴².

Diferentemente dos clartistas, que expressavam suas simpatias de forma organizada através da publicação de artigos na revista do grupo, temos exemplos de manifestações públicas de escritores e artistas realizadas de forma dispersa. No

⁴¹ Nicolau Sevckenko, Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989, p. 79.

⁴² Para uma visão panorâmica das repercussões imediatas da Revolução Russa de 1917 no Brasil ver Moniz Bandeira *et al.*, O Ano Vermelho. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.

entanto, ao se referir à Rússia Soviética, não se diferenciavam muito dos clartistas. É exemplar, neste caso, o romancista Lima Barreto.

Em artigo intitulado **“No ajuste de contas...”** de 1918, ele discute temas como o divórcio, o imposto e o confisco dos bens da igreja. Fala em nome dos “pobres” usando um tom muito próximo dos nossos clartistas:

*“Essa pesada massa de impostos, geralmente sobre gêneros de primeira necessidade, devendo ser democraticamente igual para todos, vem verdadeiramente recair sobre os pobres, isto é, sobre a quase totalidade da população brasileira que é de necessitados e pobríssimos, de forma que as taxas dos Colberts da nossa representação parlamentar conseguem esta cousa maravilhosa, com suas medidas financeiras: arranham superficialmente os ricos e apunhalam mortalmente os pobres. País da pátria!”*⁴³

A constatação de uma desigualdade econômica, que divide a sociedade entre pobres e ricos, e a necessidade de transformá-la, sugere semelhanças com os artigos apresentados na revista *Clarté*, em especial os que formulam a proposta de “*economia social*”⁴⁴. Para finalizar o artigo, Lima Barreto afirma ter sido a “*revolução russa*” a inspiradora das questões tratadas no artigo⁴⁵.

Tendo como mote a acusação de maximalista⁴⁶ que recebeu após ter publicado este artigo, Lima Barreto escreveu um outro. Continuou a debater as desigualdades sociais e, novamente, defendeu da Rússia Soviética e de seus líderes:

*“... pelos que têm meditado sobre as questões sociais e vêem na revolução russa, uma das mais originais e profundas que se tem verificado nas sociedades humanas. Os doutores da burguesia limitam-se a acoimar Lênin, Trotski e seus companheiros vendidos aos alemães.”*⁴⁷

A construção de uma imagem sobre a Revolução Russa une Lima Barreto e os clartistas brasileiros pelo modo como conferem a ela uma possibilidade alternativa de organização social.

⁴³ Apud: idem, *ibid.*, p. 321.

⁴⁴ Norkani, **“Economia Social”**, *Clarté*, no. 2, 15 de setembro de 1921, pp. 49 a 55.

⁴⁵ Apud: BANDEIRA, *op. cit.*, p. 327.

⁴⁶ Maximalista era uma das denominações de comunista no Brasil, ver Paulo Sérgio Pinheiro, **Política e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977, p. 110.

⁴⁷ Apud: idem, *ibid.*, p. 328.

Ao tratar a guerra, Lima Barreto se aproxima ainda mais dos clartistas. Diz ele em **Bagatelas**:

*“Porque o fim da Civilização não é a guerra, é a paz, é a concórdia entre os homens de diferentes raças e de diferentes partes do planeta; é o aproveitamento das aptidões de cada raça ou de cada povo para o fim último do bem-estar de todos os homens.”*⁴⁸

Mas, aqui, a aproximação é direta com o ideário do grupo francês. Vimos que 1919 o jornal **L’Humanité** publicou o artigo que praticamente fundou o grupo, no qual anunciava o objetivo da organização:

*[...] missão de combater os preconceitos, os erros muito habilmente preservados e sobretudo a ignorância que separam e isolam os homens e permitiram até aqui lançá-los cegamente uns contra os outros.”*⁴⁹

No entanto, somente no início dos anos trinta ampliam-se os círculos de escritores e artistas que se aproximam do comunismo e da União Soviética. Dentre estes diversos grupos, destaca-se o que se formou ao redor de Oswald de Andrade. Desta forma, algumas palavras sobre o “*movimento modernista*” se tornam necessárias, sobretudo porque fizeram parte dele alguns dos futuros escritores e artistas comunistas da década de 1930.

Impossível falar de “*modernismo*”⁵⁰ no Brasil sem dar uma olhada na Europa. Segundo Eric Hobsbawm, as diversas correntes que compõem o “*modernismo*” europeu já estavam definidas em 1914. Cubismo, expressionismo, abstracionismo, abandono da tonalidade na música, funcionalismo e ausência de ornamentos na arquitetura e o rompimento com a tradição na literatura só serão, após 1914, inovados pelo dadaísmo, pelo construtivismo e pelo surrealismo. Reconhecidas como artes vanguardistas, tais correntes influenciarão diretamente os *modernistas* brasileiros, ainda que estes realizem uma leitura muito singular dos seus pressupostos.

No Brasil, a Semana de Arte Moderna, ocorrida em janeiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, foi uma iniciativa cujo objetivo era reunir todas

⁴⁸ Apud: SEVCENKO, op. cit., p. 190.

⁴⁹ Apud: HALL e PINHEIRO, op. cit., p. 252.

⁵⁰ Usarei a palavra entre aspas pela designação vaga e ampla que ela propõe e, ao mesmo tempo, para designar um movimento artístico assim denominado por seus protagonistas. Para essa discussão no Brasil ver BOSI, op. cit., pp. 303 a 306. Sobre o caso europeu ver Eric J. Hobsbawm, **A Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)**, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1995, p. 178.

aqueles preocupados com a renovação das artes no Brasil e, ao mesmo tempo, tornar suas criações conhecidas mais amplamente ⁵¹. É curioso que o ano escolhido para a realização do encontro tenha sido o do centenário da proclamação da Independência - ano de inauguração do Museu do Ipiranga -, o que demonstra uma atitude preocupada com a recriação de uma memória histórica, pensada em termos de ruptura e, mais que isso, em declarar independência ao menos em termos estéticos.

No entanto, são os desdobramentos da Semana que mais interessam para este trabalho. Ao mesmo tempo em que pretendiam a renovação estética, lançaram um olhar político para a *nação*. Desta forma, originaram-se duas vertentes dentro do movimento: uma, expressou-se através do *Verdeamarelismo* e da *Anta*, identificando-se com o integralismo e com o nazifascismo na década de 1930; outra, expressou-se através da poesia *Pau Brasil* e da *Antropofagia*, sendo Oswald de Andrade o seu grande incentivador.

Oswald de Andrade representou uma forma de engajamento político com o comunismo, cujo referencial era a URSS. Algumas passagens da experiência de Oswald durante a década de 1920 fornecem alguns indicativos de sua aproximação com o comunismo na década seguinte.

Viajando pela Europa com Tarsila do Amaral, entre os anos de 1923 e 1925, decidiram instalar o ateliê de Tarsila em Paris, onde Oswald foi morador quase permanente. Além de Oswald, freqüentavam o ateliê Di Cavalcanti, Villa-Lobos, Sérgio Milliet, Paulo Prado, Brecheret, Ronald de Carvalho e os novos amigos estrangeiros Erik Satie, Jean Cocteau, Blaise Cendrars, Fernand Léger, Stravinski, entre outros.

O casal Tarsiwald assistiu a inúmeros espetáculos de dança, teatro, exposições de artes plásticas, conferências. Fizeram uma grande turnê, usufruindo tudo que a Paris daqueles anos poderia oferecer em termos de novidades artísticas e culturais. É o tempo do balé musicado por Stravinski, coreografado por Diaghilev, cenografado por Picasso. É o tempo em o cinema expressionista alemão é divulgado. Entre estadias em Paris e retornos ao Brasil, Oswald de Andrade escreve "*Poesia Pau-Brasil*", concluída em 1924. Entre os grandes críticos da

⁵¹ Entre os artistas participantes estavam Graça Aranha, Emâni Braga, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Vila-Lobos, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Paulo Prado (na platéia), Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

obra estavam os *verdeamarelos* e os do grupo *Anta*, liderados por Plínio Salgado e Menotti del Picchia.⁵² Este episódio provocou uma espécie de racha definitivo entre os “*modernistas*” brasileiros.

Outro momento importante do grupo liderado por Oswald de Andrade foi o lançamento do “**Manifesto Antropofágico**”. Como relatam alguns, o movimento nasceu de uma brincadeira. Juntamente com Raul Bopp e Tarsila do Amaral, Oswald lançou o manifesto do movimento na **Revista de Antropofagia** também em lançamento, em maio de 1928.

No manifesto, Oswald lança mão de Freud, do surrealismo, de Shakespeare e de Hans Staden. Ainda que muitas vezes Oswald de Andrade tenha negado qualquer influência mais significativa do surrealismo em sua obra, na edição de 17 de março de 1929 da **Revista de Antropofagia** há um artigo bastante elogioso sobre o poeta surrealista francês, Benjamin Péret, amigo de Tarsila e de Oswald. Mesmo no “**Manifesto Antropofágico**”, o autor faz referência à existência de uma língua surrealista no Brasil, a dos indígenas.

Muitos fundadores do surrealismo como Paul Éluard, Louis Aragon e André Breton participaram do grupo *Dada*, o qual teve como mentor foi Tristan Tzara, poeta romeno imigrado para Paris em 1919. Entre a publicação do “**Manifesto do Surrealismo**”, assinado por Breton, e 1925, os surrealistas tendiam a considerar toda atividade diretamente política como reacionarismo e conservadorismo. Durante este período, foram feitas acusações mútuas entre comunistas e surrealistas. Os primeiros acusavam os segundos de anarquistas pequeno-burgueses que chegavam à fronteira do niilismo. Os surrealistas não viam nada especial na União Soviética e acreditavam que era necessária uma revolução nos espíritos e na própria atividade criadora⁵³.

Mas muitos surrealistas aproximaram-se do Partido Comunista francês em 1925. Inclui-se aí uma motivação de cunho eminentemente político: a guerra de Rif no Marrocos. A partir de 1926, a revista **Clarté** passou a publicar artigos de Breton, Éluard e Aragon, os quais, no ano seguinte, juntamente com o poeta Péret e Pierre Unik, filiaram-se ao PCF.

A adesão, no entanto, não foi unânime e houve certa confusão entre os próprios surrealistas. Pierre Naville, um dos responsáveis pelas três primeiras

⁵² FONSECA, op. cit., pp. 146 a 153.

⁵³ CAUTE, op. cit., p. 114.

edições da revista do grupo - *La Révolution surréaliste* -, deixou o grupo e acusou os aderentes de idealistas. É sintomático que, após essas filiações no PCF, a revista surrealista tenha mudado seu nome para *Le surréalisme au service de la Révolution*, revelando as convicções dos novos militantes. H. Barbusse já estava algum tempo afastado da direção da *Clarté* e sofreu muitos ataques dos surrealistas através da mesma revista que havia fundado.

Do outro lado do Atlântico, ao grupo de Oswald de Andrade juntou-se Patrícia Galvão, figura importante na relação que estabelece com o PCB. Oswald continuou indo constantemente à Europa, mas seu antigo círculo de amizades estava um pouco abalado. Neste ínterim, Oswald rompe sua relação com Tarsila do Amaral e aproxima-se de Pagu, tornando pública esta união em 5 de janeiro de 1930. Em 1931, o novo casal viaja a Buenos Aires onde se encontra com Luiz Carlos Prestes. Neste mesmo ano, filiam-se ao Partido Comunista do Brasil.

O início da década de 1930 marca um envolvimento ampliado de escritores e artistas com o comunismo no Brasil. Além do casal Oswald e Pagu, outros “modernistas” de seu grupo aproximam-se do partido. Também alguns dos representantes do que mais tarde passou a ser denominado “romance de 30” ou “romance regionalista” estabelecem relações com o PCB como, por exemplo, Rachel de Queiroz e Jorge Amado.

Caio Prado Júnior representa, também nesse período, um outro tipo exemplar de engajamento político no comunismo. Com preocupações históricas e teóricas, este autor imprime também um outro colorido muito singular à militância “*intelectual*” do PCB.

Entretanto, antes de mais nada é preciso pensar na própria fundação do PCB e na formação de um outro grupo de “*intelectuais*” ainda durante a década de 1920.

2. Por uma Internacional Comunista e Proletária

A organização e fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922, partiu de um grupo vindo de uma experiência basicamente sindical. A formação de vários grupos auto-denominados comunistas, como a *Sociedade dos Irreverentes* e a *Congregação Libertadora da Terra e do Homem*, em Maceió; no Rio Grande do Sul, a *Liga Comunista do Livramento* e o *Grupo Comunista do Rio de Janeiro*, precedeu a fundação do PCB. É deste último grupo que parte a iniciativa de fundação do Partido Comunista. Quando se organizou, em 1921, tinha como objetivo principal difundir o programa da Terceira Internacional ¹.

Março de 1922 marca a reunião de fundação do partido. Considerado como o Congresso de fundação, o encontro concentrou-se na seguinte pauta: as 21 condições de admissão na Internacional Comunista, os estatutos, a eleição de uma Comissão Central Executiva, a ação em solidariedade aos flagelados do Volga e "assuntos vários". Pela organização da pauta do congresso se nota que as questões internacionais têm um peso relevante. Em primeiro lugar, os membros do partido buscam o reconhecimento da Internacional Comunista através da aceitação das 21 condições que são impostas à organização. Neste sentido, não foi à toa que as duas primeiras moções de saudação aprovadas pelo congresso fossem relacionadas com a Internacional Comunista e com a Revolução Russa. A primeira, utiliza a imagem de "família comunista" para dar forma à solidariedade

¹ Ainda que esta pesquisa não tenha como objeto central de investigação a história do PCB, foram consultados, além dos citados:

Jacob Gorender, Combate na trevas. São Paulo, Editora Ática, 1987.

Leandro Konder, A democracia e os comunistas no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1980.

idem, A derrota da dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30. São Paulo, Editora Campus, 1988.

Paulo Sérgio Pinheiro, Estratégia da Ilusão. A Revolução mundial e o Brasil - 1922/1935. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

Dinarco Reis, A luta de classes no Brasil e o PCB, São Paulo, 1992

Hélio Silva, 1935 - A revolta vermelha, Rio de Janeiro, 1969.

William Waack, Camaradas. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1993.

Nelson Werneck Sodré, Contribuição à história do PCB. São Paulo, 1984.

Michel Zaidan Filho, Comunistas em céu aberto. 1922-1930. Belo Horizonte, Oficina de Livros/Global Editora, 1989.

internacional que propõem. Esta imagem, como veremos, será usada durante toda a década de 1930 como elemento constituinte da identidade entre os comunistas.

Nos estatutos, artigo 2o., estipulou-se o objetivo geral da organização, assim como a quem ela iria se dirigir:

*“Art. 2o. - O Partido Comunista tem por fim promover o entendimento e a ação internacional dos trabalhadores e a organização política do proletariado em partido de classe para a conquista do poder e conseqüente transformação política e econômica da Sociedade Capitalista em Sociedade Comunista.”*²

Ao proporem um partido proletário e a transformação da sociedade capitalista em comunista, os recém-comunistas iniciaram a construção da idéia do “partido da classe operária”. Entretanto, os nove fundadores do partido formaram, apesar de a maioria ser de antigos anarco-sindicalistas, um grupo bem heterogêneo em termos profissionais: Astrojildo Pereira e Cristiano Cordeiro, “*intelectuais*”; Joaquim Barbosa e Manuel Cendón, alfaiates; João da Costa Pimenta, tipógrafo; Luís Peres, varredor; Hermógenes Fernandes da Silva, eletricitista; Abílio Nequete, barbeiro; e José Elias, operário da construção civil³.

A vida do PCB, durante a maior parte da década de 1920, parece girar em torno de Astrojildo Pereira e de Octávio Brandão e suas atividades concentravam-se na cidade do Rio de Janeiro. Octávio Brandão tinha, segundo Heitor Ferreira Lima, uma pequena farmácia na rua General Câmara, na qual Astrojildo era freqüentador assíduo⁴. Leôncio Basbaum diz que conheceu, neste mesmo período, Brandão, Astrojildo, João da Costa Pimenta e Paulo Lacerda. Eram freqüentes as reuniões dos comunistas em algum café da área central da cidade. Nestes cafés era possível ver os dirigentes comunistas discutindo com os militantes, num senta-e-levanta-da-mesa que durava horas⁵.

Além dos próprios “*intelectuais*” que fundaram o PCB, a organização não chamava muita atenção dos grupos de escritores e artistas que invadiam a cidade do Rio de Janeiro em meados da década de 1920. O crescimento do partido durante este período foi lento⁶.

² Apud: CARONE, O PCB..., op. cit., vol. 1, p. 23.

³ Paulo Sérgio Pinheiro, Política e Trabalho no Brasil, op. cit., pp. 117 e 118.

⁴ Heitor Ferreira Lima, Caminhos Percorridos. Memórias de Militância. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982, p. 35.

⁵ Leôncio Basbaum, Uma vida em seis tempos. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1978, pp. 37 a 39.

⁶ Leôncio Martins Rodrigues, “O PCB: os dirigentes e a organização”, op. cit., p. 365.

Em certa medida, os anos vinte marcaram período marcou a vida dos comunistas como um momento de propaganda do comunismo e de início da elaboração de um projeto comunista para o Brasil. Ao mesmo tempo, elaborou-se e tentaram colocar em prática formas de organização sindical dos operários. Pelo menos é isto que se deduz da leitura de alguns materiais do partido no período.

Astrojildo Pereira, juntamente com Octávio Brandão que ingressa no partido em 15 de outubro de 1922 ⁷, podem ser considerados como os primeiros “*intelectuais comunistas*”, tanto pelas preocupações constantes em elaborar a política do partido, como pela criação do significado de “*intelectual comunista*”, cristalizados na década de 1930. Isto não significa dizer que havia um debate em torno desta questão nos primeiros anos de fundação do partido. O que se pretende apontar é para uma prática militante que pode ser denominada “*intelectual*”.

O grupo *Movimento Comunista* - principal articulador do congresso de fundação do PCB - havia criado, em janeiro de 1922, uma revista mensal de mesmo nome, o qual Astrojildo Pereira foi um de seus principais organizadores. Em junho, após da fundação do PCB, a revista tornou-se órgão do partido, permanecendo com a mesma redação e mesmo grupo de colaboradores ⁸. A revista circulou entre janeiro de 1922 e junho de 1923, numa tiragem média, segundo o próprio Astrojildo Pereira, de 15.000 exemplares ⁹.

O artigo que abre o primeiro número da revista é um bom indicativo das questões que o grupo editorial julgava importantes. O artigo é dividido em cinco pontos. O primeiro afirma que a revista pertence aos *Grupos Comunistas do Brasil* e que buscará defender e propagar o programa da Internacional Comunista e do movimento comunista internacional. Como consequência do primeiro ponto, defende a ditadura do proletariado como única forma de organização dos operários no poder contra o capitalismo.

O terceiro ponto corresponde à organização partidária, no qual se enfatiza a disciplina como elemento constituinte do compromisso do militante para manter a unidade programática e de ação do partido. Verifica-se que, mesmo antes da

Ver também PEREIRA, *Formação do PCB - 1922/1928*. *op. cit.*, p. 74.

⁷ João Quartim de Moraes, “*A influência do Leninismo de Stálin no Comunismo Brasileiro*”, in: Daniel Aarão Reis Filho (org.), *História do Marxismo no Brasil. O impacto das revoluções*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1991, vol. 1, p. 75.

⁸ PEREIRA, *Formação do PCB...*, *op. cit.*, p. 78.

⁹ *idem*, *ibid.*, p. 78.

fundação do PCB, a intenção de organizá-lo aparece claramente. Talvez isto indique o objetivo de congregar os vários grupos auto-intitulados comunistas em uma mesma organização.

No terreno sindical, propõe a solidariedade entre os trabalhadores e o combate às divisões; ao passo que, do ponto de vista organizativo, defende a construção de sindicatos de acordo com uma mesma base econômica. Por fim, indicado como resumo, o quinto ponto explicita quais as expectativas do grupo em relação ao proletariado e ao seu futuro:

*“Queremos que o proletariado adquira, por sua organização e sua orientação, um máximo de eficiência combativa, nas lutas presentes e futuras. Animam-nos um sadio entusiasmo e uma firme vontade de trabalhar. Convictos de que trilhamos o bom caminho e cónscios de nossas responsabilidades, afirmamos nossa fé inquebrantável no triunfo final do comunismo.”*¹⁰

Ainda que este fosse um simples artigo de apresentação da revista que acabava de surgir, a intenção pedagógica do grupo em relação aos trabalhadores é notória, mesmo que esteja indicado a participação deles na *“sua organização e sua orientação”*. Ao mesmo tempo, a fé no comunismo demonstra o tipo de argumentação utilizada pelo autor em relação aos objetivos finais que colocava para si.

Em certa medida, pode-se dividir os artigos de Astrojildo Pereira em três grandes blocos temáticos. O primeiro refere-se à defesa intransigente da URSS, assim como a defesa de um internacionalismo proletário. Num segundo grupo, estão diversas interpretações sobre o Brasil, mediadas pela preocupação em construir uma visão comunista de *nação* e nacionalismo - mas esta temática somente aparecerá com força nos seus escritos da década de 1930. E, no terceiro bloco, arma-se o projeto de sociedade e as tarefas mais imediatas; no jargão partidário, são as questões de estratégia e tática. Perpassando todos estes temas encontram-se as relações que o grupo pretende estabelecer com o *povo* e com o *trabalhador*, mais que isso, é em razão do *povo* e do *trabalhador* que há uma unidade temática nestes artigos. A questão do imperialismo, no entanto, apesar de

¹⁰ *“Movimento Comunista”*, Movimento Comunista, no. 1, 1-2 de janeiro de 1922, pp. 1 e 2. Apud: Astrojildo Pereira, Construindo o PCB (1922-1924), São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980, pp. 16 e 17.

aparecer também entre todos os blocos temáticos, tende a ser tratada como questão secundária, ao menos nessa fase da produção do autor.

Em artigo intitulado **“Viva a Rússia dos Soviets”**, publicado no número especial de 1o. de maio de 1922, os operários e camponeses da Rússia são considerados os da linha de frente da *“revolução mundial”*. Esperando que a revolução mundial aconteça, Astrojildo conclama os trabalhadores brasileiros a manifestarem solidariedade e defenderem este país. Para falar do movimento operário internacional utiliza a imagem de *“família obreira do mundo inteiro”*¹¹. Esta imagem é, recorrentemente, evocada como alegoria que expressa o sentimento de pertencimento ao movimento operário internacional e indica a forma como propõe o internacionalismo operário e comunista. Ao mesmo tempo, unindo estes significados, a imagem da *família* representa a apropriação das transformações iniciadas pela revolução russa, auto-intitulando o PCB e os comunistas como seus únicos representantes legítimos no Brasil.

Em junho de 1922, Astrojildo publicou na revista a notícia de fundação do PCB:

*“Era o Brasil talvez o único dos países de uma certa importância mundial onde não havia ainda um partido comunista regularmente organizado. Podemos, pois, desde agora, considerar-nos integrados de vez no seio da **grande família proletária e revolucionária do mundo**, a qual tem, na Internacional de Moscou, sua mais alta expressão ideológica e orgânica. [...] tomamos sobre os ombros o compromisso de uma imensa tarefa: desfaldar e sustentar, nesta parte da América, a bandeira vermelha da revolução mundial; formar, **um só corpo orgânico**, sólido homogêneo, a vanguarda do proletariado nacional; organizar e orientar as grandes massas trabalhadoras do Brasil em suas lutas e movimentos de reivindicação.”*¹²

A fundação do PCB aparece como a condição necessária para que os revolucionários brasileiros pudessem ingressar na *família proletária e revolucionária*, considerada como *um corpo orgânico*. Os comunistas serão, de agora em diante, os responsáveis pela defesa da revolução mundial no Brasil. Para convencer seus leitores da legitimidade de sua proposta evoca Marx, remetendo a

¹¹ **“Viva a Rússia dos Soviets”**, Movimento Comunista, no. 5, 1o. de maio de 1922, pp. 123 a 124. Apud: idem, ibid., pp. 29 e 29.

¹² **“Partido Comunista (SBIC)”**, Movimento Comunista, no. 7, junho de 1922, p. 175. Apud: idem, ibid., p. 32, grifos meus.

ele a afirmação de que a emancipação dos trabalhadores será obra deles próprios. Para concluir, define o que é o *partido proletário*:

*“Partido genuinamente proletário, constituído pela camada mais consciente e mais combativa do proletariado, o Partido Comunista, por sua mesma natureza, destina-se a ser o intérprete fiel e guia experimentado dos trabalhadores em suas lutas pela própria emancipação. Esta, a linha de conduta da qual não arredaremos pé jamais, até o final e definitivo triunfo mundial do comunismo.”*¹³

De imediato, apresenta-se o partido como o mais fiel representante do comunismo internacional, da revolução russa, em franco combate a outros grupos que se pretendem também filhos do comunismo internacional e da revolução russa. Ao mesmo tempo, pressupõe a inexperiência dos trabalhadores, projetando-lhes total dependência em relação ao “seu” partido.

Nas duas citações, explicita-se um certo paradoxo vivido pelo próprio Astrojildo e, talvez, pela maior parte da militância comunista: a missão histórica conferida aos trabalhadores na transformação do capitalismo em socialismo e a missão histórica do partido, guia e intérprete destes mesmos trabalhadores incapazes e menos conscientes.

Quase um ano depois, Astrojildo expressava mais uma vez sua visão sobre os trabalhadores e sobre a necessidade da vanguarda:

*“O proletariado, este, sim, é que ainda não ganhou consciência de sua força. Ele não sabe o que vale e quanto vale. É muito corrente, entre nossa gente do campo, dizer-se que o boi não sabe a força que tem e que, se o soubesse, não se sujeitaria tão facilmente às pesadas tarefas que lhe arrumam sobre o cachaço. Assim é o proletariado. Não sabe quanto vale porque se o soubesse não se sujeitaria à exploração de que é vítima. Apenas uma pequena minoria do proletariado tem consciência disso. Ora, a essa pequena minoria - a minoria revolucionária - compete, pela propaganda e pela ação, despertar a consciência das massas, abrir-lhes os olhos sobre si mesmas, fazê-las sentir o que valem e quanto valem.”*¹⁴

Como se os trabalhadores fossem alheios à própria vida, o autor não concede nenhuma autonomia de ação e de pensamento aos mesmos. O paradoxo

¹³ idem, *ibid.*, p. 33.

¹⁴ “A *preparação das massas*”, *Movimento Comunista*, no. 23, 25 de junho de 1922, p. 167. Apud: idem, *ibid.*, p. 105, grifos meus.

entre as noções de “*partido da classe operária*” e de “*partido da vanguarda operária*” será traduzido na elaboração das propostas do partido.

O *povo e/ou o trabalhador*, entretanto, aparecem, nos textos de Astrojildo, como tema muito antes dos preparativos de fundação do PCB e traduzem um elo de continuidade em sua forma de interpretá-los. Depois da revolução russa em novembro de 1917, na qual os bolchevistas tomaram o poder, Astrojildo Pereira publicou uma pequena coletânea sobre esses acontecimentos. A coletânea, segundo o próprio autor, formou-se com cartas e pequenos artigos enviados a vários periódicos quando estava na Europa. Intitulada “***A Revolução Russa e a Imprensa***”, a coletânea foi publicada durante o ano de 1918, na qual o autor se esforça em contrapor-se à propaganda anti-bolchevique dirigida, segundo ele, pelos editores e jornalistas da grande imprensa brasileira.

Discutindo diretamente com as opiniões do jornal carioca ***A Razão***, o autor denuncia que, ao serem contrários à supressão da propriedade privada - processo que julgavam acontecer na Rússia -, estes jornalistas não concordavam com a distribuição das terras para uma “*plebe inconsciente*”. Conclui, indignado, que esta mesma “*plebe inconsciente*” se lembrará deles no dia do “*ajuste de contas*”¹⁵.

Entretanto, na mesma coletânea, Astrojildo afirma que as críticas da grande imprensa contra a Rússia dos Sovietes parte de um pressuposto equivocado: comparar o *povo brasileiro* ao *povo russo*. Argumenta que o segundo não tem as mesmas características do primeiro, “*que assistiu ‘bestializado’ à proclamação*”¹⁶. Qual a diferença entre “*bestas*” e “*bois*”? Os mais curiosos poderão consultar um bom dicionário e, comparando o uso que Astrojildo faz dos termos, verão que não há grandes diferenças de sentido.

Neste mesmo artigo, o autor discute a acusação de um jornalista de ***O País*** de que o programa da Rússia dos Sovietes não passava de “*utopias deliciosas*”. Pereira afirmou que as “*utopias deliciosas*” estavam sendo realizadas e concretizadas pelos revolucionários russos e que, assim, deixavam de ser “*utopias deliciosas*”¹⁷.

Astrojildo Pereira, durante o ano de 1924, esteve em Moscou e abriu uma seção denominada “***Cartas de Moscou***” no jornal ***O País***. Nestas cartas, o autor

¹⁵ PEREIRA, Astrojildo ***A Revolução Russa e a Imprensa***. Apud: idem, ***ibid.***, p. 148.

¹⁶ idem, ***ibid.***, p. 138.

¹⁷ idem, ***ibid.***, pp. 146 e 147.

discute temas que se tornarão rotineiros em relatos de viagens à URSS produzidos por autores comunistas ou simpatizantes nas décadas posteriores.

As cartas consideram a Rússia dos Soviets um grande “laboratório social”, no qual a “burguesia” já deixou de existir para dar lugar à ditadura do proletariado. Em relação às vantagens do socialismo, Astrojildo antecipa as frases que Jorge Amado usará trinta anos mais tarde:

*“Fome? Houvesse no Brasil a abundância que há na Rússia! Você não calcula o que é a abundância de toda sorte em Moscou. Os armazéns e magazines cooperativos estão abarrotadíssimos e é um movimento colossal o dia inteiro. Livrarias? Há mais livraria [sic] na rua em que moro do que em todo o Rio de Janeiro.”*¹⁸

A tendência em visualizar a Rússia Soviética da forma mais positiva possível mostra a luta iniciada pela sua defesa em contraposição à propaganda anti-bolchevista e/ou anti-soviética. A carta publicada em 23 de maio de 1924, por exemplo, responde aos ataques impingidos a Astrojildo por Ubaldo Soares em artigos publicados no jornal **A Pátria**. Nesta carta, o autor tenta desfazer alguns mal-entendidos:

*“[...] Não é exato que tenhamos dito seja a Rússia soviética um ‘paraíso terrestre’. Mesmo porque não acreditamos em paraísos quaisquer, celestes ou terrestres. O comunismo nada tem que ver com fantasmagorias idealísticas e utópicas dessa natureza. [...] O Sr. Ubaldo engana-se: a Rússia não é para nós um ‘paraíso’. Ela é um grande país em revolução, onde teve início a revolução social mundial, que só acabará quando tiver empolgado o mundo todo - o que é inevitável. Ora, que significa revolução? Transformação dos quadros sociais existentes, transição do passado para o futuro, período durante o qual se chocam, violentamente, o que é velho e o que é novo. Por consequência, visto que a revolução não terminou, na Rússia, existe lá ainda muita coisa ruim e velha - mas tais coisas são precisamente os restos do passado, ainda não de todo vencido.”*¹⁹

¹⁸ PEREIRA, Astrojildo “**No meio operário: Cartas da Rússia**”, **O País**, 11 de abril de 1924. Apud: idem, **ibid.**, p. 120. Ver também o comentário do autor sobre o enterro de Lênin, publicado no artigo do mesmo jornal, datada de 7 de maio de 1924. Apud: idem, **ibid.**, pp. 127 e 128. Uma passagem de seu comentário afirma: “**A multidão imensa, maior multidão humana já reunida na face da terra, acompanhou aquele que foi o guia, o mestre, o amigo incomparável.**” (grifos meus). Quando Jorge Amado relata a sua visita ao túmulo de Lênin, no final da década de 1940, ele recorre a adjetivos semelhantes aos usados por Astrojildo, in: Jorge Amado, **O Mundo da Paz**, Rio de Janeiro, Editorial Vitória, 1952, pp. 113 a 115. Diante disto, podemos deixar a pergunta: será mesmo que o culto à personalidade só foi iniciado com Stalin?

¹⁹ _____, “**No meio operário: Colaboração e controvérsia**”, **O País**, 23 de maio de 1924. Apud: idem, **ibid.**, pp. 132 e 133.

Os ataques sofridos por Astrojildo partiram de anarco-sindicalistas e/ou anarquistas, que denunciavam a perseguição sofrida pelos anarquistas russos empreendida pelos bolchevistas. Pode-se perceber que Astrojildo foi um dos primeiros a dar esta forma de combate às tendências da própria esquerda que tentavam de alguma maneira elaborar um argumento de defesa da Rússia Soviética levantando também questões críticas.

O combate empreendido por Astrojildo se revela pela negação do argumento do "outro". Ao não reconhecer o conteúdo do argumento daquele que o questionou, o autor retira-se do debate considerando-se o único - os membros do PCB - e verdadeiro defensor da revolução socialista e da Rússia Soviética²⁰. Desta forma, o tratamento a todos aqueles que esboçam algum tipo de crítica à política soviética, à IC e ao PCB, serão classificados como "*capitalistas*", "*anti-comunistas*", "*inimigos do povo*", etc.

O PCB escreveu um manifesto dirigido aos trabalhadores brasileiros por motivo das comemorações do 1o. de maio do ano de 1924. Este manifesto elucida as discussões que os dirigentes do partido julgavam mais pertinentes. Tanto estes artigos sobre a Rússia dos Sovietes como os primeiros artigos publicados em **Movimento Comunista**, vistos em conjunto, apresentam as mesmas temáticas levantadas no manifesto do 1o. de maio. A defesa da Rússia dos Sovietes e dos bolcheviques, a afirmação de que o PCB é o "*cérebro do proletariado*", ou seja, é a sua vanguarda, e a proposta de formação de uma organização dos trabalhadores de tipo frente única, compõem o conjunto do manifesto²¹.

O segundo congresso do PCB, realizado entre os dias 16 e 18 de maio de 1925 no Rio de Janeiro, levantou algumas questões que chamam atenção. No item "*Conclusões sobre a situação política nacional*", o PCB propugnava a luta contra a "*extrema-esquerda anarquista*" tanto quanto a luta contra a "*direita socialista (reformista)*"²². Além disso, a principal palavra-de-ordem indicou a formação de um bloco unido das diferentes organizações operárias com objetivos eleitorais²³.

²⁰ Além do artigo citado, ver também _____ "*No meio operário: Cartas da Rússia - Os contra-revolucionários*", O País, 7 de maio de 1922, p. 9. Apud: idem, ibid., pp. 127 a 130, no qual Astrojildo responde a um artigo publicado no jornal A Plebe.

²¹ Comissão Central Executiva do Partido Comunista do Brasil, "*O PCB e o 1o. de maio*", O País, 17 de abril de 1924. Apud: CARONE, O PCB, op. cit., pp. 29 e 30.

²² Apud: CARONE, O PCB..., op. cit., p. 39.

²³ PINHEIRO, Política e trabalho..., op. cit., pp. 128 a 130.

Ambas questões, como o leitor deve estar lembrado, já se encontravam nos artigos de Astrojildo, tanto nos de **Movimento Comunista** como os da sessão “*Cartas da Rússia*”.

A partir de 1927, a formulação de frente única dos operários teve sua investida prática na formação do Bloco Operário e Camponês. O segundo congresso já havia dado indicativos de uma possível proposta de aliança com os camponeses com objetivo de transformação social, na qual ressaltou-se a importância deste setor numa economia ainda basicamente agrícola ²⁴. Concomitantemente a este processo, iniciaram-se encontros de dirigentes comunistas com líderes do “*tenentismo*”. O primeiro dos diversos encontros se realizou entre Astrojildo Pereira e Luis Carlos Prestes em dezembro de 1927 ²⁵. Desde o II Congresso, o partido havia indicado a possibilidade de alianças da classe operária com a pequena burguesia. Entretanto, estabeleceu-se as regras desta aliança: “*o PCB, partido da classe operária, deve conduzir a pequena burguesia e não ser conduzido por ela.*” ²⁶

Nesta fase, posterior ao II Congresso há uma clara intenção em ampliar o leque de influências do partido. Obviamente, a defesa da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ²⁷ continuou sendo um eixo importante das formulações partidárias.

Procurou-se, até o momento, no caso da formação do PCB, entender dois processos que aparentemente foram distintos. Um deles refere-se à caracterização do *intelectual comunista*. Buscou-se, através da experiência de Astrojildo Pereira nesses primeiros anos de atividade do PCB, trazer à tona o significado que esse personagem imprimiu à expressão *intelectual comunista* e, assim, tornou-se seu primeiro exemplo. O outro processo relaciona-se com as formulações políticas propriamente ditas do PCB. Uma possível conclusão é a de que ambos se

²⁴ Apud: CARONE, O PCB..., op. cit., p. 39. A questão camponesa aparece como um item em separado, no qual o documento de resolução do II Congresso do PCB apresenta a necessidade premente de resolver o problema das relações do próprio partido com as “*massas camponesas*”.

²⁵ PINHEIRO, Política e trabalho..., op. cit., p. 133.

²⁶ Apud: CARONE, O PCB..., op. cit., p. 39.

²⁷ A República Socialista Federativa da Rússia transforma-se em União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 30 de dezembro de 1922. No início das atividades do PCB, tanto seus documentos como os artigos de Astrojildo Pereira, denominam a República Russa como Rússia Soviética. Somente, ao que tudo indica, a partir do II Congresso passa-se a usar a expressão União Soviética.

mesclaram e formaram um só processo: o “*intelectual comunista*” acabou formando o partido como um “*intelectual coletivo*”, para usar uma expressão de Gramsci, e vice-versa.

Nesse período, o PCB tinha como proposta principal a ampliação de suas influências, através de uma política de alianças com outros setores da sociedade. As bases dessas propostas já se encontravam nos escritos de Astrojildo entre os anos de 1921 e 1924.

Uma questão que foi ressaltada nesse item relaciona-se com a visão que Astrojildo Pereira vai construindo sobre *povo e/ou trabalhador e/ou operário-proletário*. Ao mesmo tempo, essa visão coaduna-se com a noção de vanguarda que aparece como princípio programático e organizativo do PCB.

Parte da bibliografia que discute o movimento comunista no Brasil indica que a aproximação dos primeiros comunistas com a revolução de outubro na Rússia os levou, quase que imediatamente, a uma aproximação com o arcabouço teórico de Lênin, o líder desta revolução²⁸. Não é o caso, ao menos neste trabalho, discutir a procedência destes argumentos, afinal, o PCB não é objeto desta pesquisa. Mas vale a pena ressaltar alguns aspectos.

A idéia de que o *povo brasileiro* é um “*bruto*”, um “*cão lazarento*”, um “*boi*” afirmada por vários membros do *Clarté* e, posteriormente, pelo próprio PCB, através de Astrojildo Pereira tem como pressuposto a noção de *atraso cultural*. Já se argumentou, no desenrolar deste capítulo, que essa noção parte de uma visão do que é ser “*intelectual*” compartilhada por grande parte dos que assim se intitulavam. No caso específico de Astrojildo Pereira e do PCB, pode-se traçar um paralelo entre a sua noção de *atraso cultural* e a de Lênin.

O livro *Que fazer?* escrito por Lênin entre 1901 e 1902, traz alguns indicativos deste paralelo. Esta obra, escrita por um dos líderes da revolução de outubro na Rússia, foi (e, talvez, ainda o seja para algumas organizações de esquerda) uma espécie de ícone dos princípios organizativos dos comunistas. A obra, obviamente, não se presta apenas à esta discussão. No entanto, é através

²⁸ Dois artigos são bastante interessantes para indicar esta discussão: João Quartim de Moraes, “*A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro*”, in: Daniel Aarão Reis Filho (org.), História do Marxismo no Brasil. O Impacto das Revoluções. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1991, vol. I.

_____, “*A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros*”, in: _____, História do Marxismo no Brasil. Os influxos teóricos. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1995, vol. II, pp. 45 a 100.

deste tema que se pode indicar visões e noções compartilhadas entre Lênin, Astrojildo Pereira e o próprio PCB.

Neste livro, Lênin discute com o “economicismo”²⁹, afirmando que a organização da classe operária não pode se reduzir ao âmbito das reivindicações econômicas. Neste sentido, segundo ele, seria preciso transformar a luta puramente econômica da classe operária em luta política, na qual será desenvolvida a *consciência* da classe operária. Lênin, então, indica como levar a tal *consciência* à classe operária:

“A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões. A única esfera em que se pode obter estes conhecimentos é na esfera das relações de todas as classes entre si.”³⁰

Ao mesmo tempo, a formulação dessa *consciência*, que será levada ao operário, indica a necessidade de uma *vanguarda*:

“Porque não basta intitular-se ‘vanguarda’, destacamento avançado; é preciso proceder de modo a que todos os outros destacamentos vejam e sejam obrigados a reconhecer que marchamos à cabeça.”³¹

Segundo Johnstone, esta noção de *vanguarda* é apropriada por Lênin de alguns escritos de Plekhânov, um dos fundadores do “Grupo Emancipação do Trabalho” e depois do POSDR, e os de Karl Kautski³². A partir daí, Lênin caracteriza as diferenças entre a organização dos operários e a organização dos revolucionários:

“Do mesmo modo (e como consequência disto), a organização de um partido social-democrata revolucionário deve ser, inevitavelmente, de um gênero diferente da organização dos operários para a luta econômica. A organização dos operários deve ser, em primeiro lugar, sindical; em segundo lugar, deve ser o mais ampla possível; em terceiro lugar o

²⁹ Lênin associava o “economicismo” ao revisionismo de Bernstein, segundo Monty Johnstone, *“Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda”*, in: Eric Hobsbawm (org.), História do Marxismo, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1988, vol. 6, p. 19.

³⁰ Wladimir I. Lênin, Que fazer? (1a. edição 1902), in: Obras Escolhidas, Lisboa, Edições Progresso, 1977, Tomo 1, p. 135, grifos do autor.

³¹ idem, ibid., p. 138, grifos do autor.

³² JOHNSTONE, op. cit., pp. 16 a 18.

menos clandestina possível (aqui e no que se segue, refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Pelo contrário, a organização de revolucionários deve englobar, antes de tudo e sobretudo, pessoas cuja profissão seja a atividade revolucionária (por isso falo de uma organização de revolucionários, pensando nos revolucionários sociais-democratas). Perante esta característica geral dos membros de uma tal organização, deve desaparecer por completo toda a distinção entre operários e intelectuais, para não falar já da distinção entre as diferentes profissões de uns e de outros.”³³

A partir desta diferenciação surge a idéia de um partido que se caracterize como um “*intelectual-coletivo*”. Ao propor um tipo de organização que deva ser a vanguarda dos operários - *revolucionários profissionais* - e que leve à classe operária a *consciência* de seu papel, Lênin pressupõe, evidentemente, a não *consciência* dos membros desta classe, além de não reconhecer sua autonomia (designada por ele como *espontaneísmo*). Ainda que Lênin, neste texto, não expresse literalmente a idéia de um certo *atraso cultural* dos trabalhadores e/ou do povo ³⁴, só o fato de afirmar a necessidade de uma vanguarda que leve a *consciência* aos trabalhadores indica este pressuposto.

Esta idéia de *atraso cultural* do povo e/ou dos trabalhadores aparece no Brasil após a proclamação da República, através das propostas de modernização do país. Os “*intelectuais*” do período, como dito anteriormente, esforçavam-se em forjar uma *nação* a mais europeizada possível ³⁵. Esta idéia ressurge e/ou continua nos anos 20 deste século. Assim como os clartistas, os “*intelectuais-comunistas*”, em especial Astrojildo Pereira, estabelecem para si esta mesma tarefa de elaborar propostas para a *modernização da nação*; no entanto, no caso dos comunistas os objetivos são muito diferentes. Aqui, o referencial modernizador não é a “*Europa civilizada*”, mas sim a URSS e a construção do socialismo.

Ao mesmo tempo em que percebemos a idéia de *vanguarda* em Astrojildo Pereira como forma de justificar a missão de “*conscientizar*” os trabalhadores, uma outra missão “*intelectual*” invadia o partido.

Mário Pedrosa aproximou-se paulatinamente do PCB em meados da década de 1920. Mas antes mesmo de conhecer algum comunista brasileiro, Pedrosa lia o jornal *L'Humanité* (órgão do PCF), a revista *Clarté* (francesa) e alguns clássicos

³³ idem, *ibid.*, p. 157, grifos do autor.

³⁴ No próximo capítulo tratar-se-á também desta questão, no qual outros textos de Lênin serão apresentados.

³⁵ Nesta discussão ver o já indicado livro de SEVCENKO, *op. cit.*

do marxismo³⁶. Pedrosa ingressa no partido tendo uma definição muito clara sobre a sua tarefa e qual papel tem a cumprir:

“Quero crer que a atividade espiritual recuperará a sua nobreza quando o trabalho for a base física da moral, o nivelador das condições econômicas e sociais do indivíduo - e nesse sentido compreendo e aceito a idéia do proletariado do espírito, imagem do Aragon - proletariado como o outro, classe cujos interesses vitais estão precisando da Revolução para se realizar integralmente.

*Por ora, não há mais intelectual, nem artista - só há o proletariado hoje, nossa atividade só pode ser **didática** - a única legítima e moral.”*³⁷

Muito diferente de Astrojildo Pereira que torna-se um “*intelectual*” ao fundar o PCB, Mário Pedrosa ingressa no partido como um “*intelectual*” e assume a tarefa que, aparentemente, seria a de um membro da direção partidária. É curioso como Pedrosa assumiu a sua tarefa *didática*:

*“Preciso de outras colaborações. [...] Estou burro demais. Imagina que ontem comecei a **ensinar (!) economia** a Mário Grazzini. Todas as quintas agora é isso. E comprometi-me a ensinar-lhe tudo.*

*Tenho agora que estudar. Manda-me dizer se sabes de algum livro didático bom para o caso. Porque Marx ele estudará depois. Agora está estudando gramática, aritmética e noções de economia.”*³⁸

Mário Grazzini era um operário militante do partido e ele foi, durante os primeiros anos de militância de Pedrosa, o seu companheiro. Ao passo que *ensinava* o operário a compreender melhor o mundo em que vivia, Pedrosa refletia sobre a vida do país e andava um pouco pessimista:

“Ando desanimado, sem forças, sobretudo sem ânimo para continuar a luta. Voltou-me outra vez o anseio corrupto pelo falanstério. Vontade de me espichar na terra. O Brasil é uma coisa contra a qual parece que não posso lutar. O Brasil venceu. [...] Eu acabo recorrendo ao desmoralizado vagabundíssimo expediente que todo namorado infeliz e ridículo recorre sempre: à garrafa.

³⁶ José Castilho Marques Neto, Solidão Revolucionária. Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1993, p. 193.

³⁷ Carta de Mário Pedrosa a Lívio Xavier, 12 de fevereiro de 1926. Apud: idem, ibid., p. 258, grifos no original.

³⁸ Carta de Mário Pedrosa a Lívio Xavier, agosto/setembro de 1926. Apud: idem, ibid., p. 263, grifos no original.

*Tomar morfina ou cheirar o pó - é vício por demais mundano, aristocrático e almofadinha, literário que não há quem agüente. Beber porém já saiu felizmente da literatura. Beber é pois primitivismo, romantismo, passadismo por oposição a futurismo.”*³⁹

Há, aqui, um rompimento com a chamada *geração boêmia* da virada do século e, mais que isto, uma crítica aos *modernistas*. É possível deduzir que Pedrosa, como já se encontrava ligado ao partido, concordasse com a opinião de que a literatura destes períodos fosse “*burguesa*”. Ao mesmo tempo, procurava sair dos modismos literários e criar um código moral que fosse mais condizente com a sua condição de comunista. Afinal, era preciso ser “*gauche*” na vida também. Em 1926, Pedrosa expressou sua crítica veemente aos seus amigos *modernistas* por ocasião da assinatura de vários deles em um manifesto do Partido Democrático:

*[...] é moda desprezar a política - pois acima de tudo paira sublime e pura amada e idolatrada (salve, salve) - a Arte [...] são rapazes inteligentes, às vezes de bom senso, mas em geral - por menos que queiram ser - literatos. O Mário [de Andrade] é o melhor deles, mas às vezes me entemece pela sua candura, sua credence na arte, na ciência, em Deus e sua obra.”*⁴⁰

Ao criticar os literatos e artistas pela idéia de “*arte pela arte*”, é possível que ele estivesse propondo uma arte engajada, uma arte política. Talvez este fosse um caso parecido com o de Laura Brandão.

Laura casou-se com Otávio Brandão em 1921. Mas antes de conhecê-lo era uma reconhecida poeta; freqüentava os salões literários da década de 1910; tornou-se amiga de, entre outros, Olavo Bilac, Tarsila do Amaral, Hermes Fontes e José Oiticica. Neste período, escreveu um poema intitulado “*Entre Artistas*”:

*“Entre artistas não deve ser assim
Como na sociedade:
É preciso outras leis para esta gente
Que vive do que sente [...]
para esta gente aflita,
Que, no meio de tanto horror, inda acredita
Na coragem, na Luz; [...]
E esta gente que luta e sofre e pensa, às vezes*

³⁹ Carta de Mário Pedrosa a Lívio Xavier, fevereiro/março de 1927. Apud: idem, *ibid.*, pp. 272 e 273, grifos no original.

⁴⁰ Apud: idem, *ibid.*, p. 197.

*Abandonando um pouco as coisas graves,
Procura a fantasia e canta como as aves [...]"*⁴¹

O protesto, ao que parece, vai de encontro à construção de um código moral que extrapola as normas vigentes para os artistas do período. Mais que um simples protesto, Laura coloca-se em uma posição de um grupo no qual ela se sentia parte integrante.

Alguns anos mais tarde, Laura participou do PCB de maneira informal. Como Otávio Brandão era dirigente do partido, Laura o acompanhava em algumas atividades: participou do Socorro Vermelho, da redação do órgão oficial do partido - ***A Classe Operária*** -, de reuniões com operários, de reuniões em sindicatos, de manifestações, etc.⁴². Estando mais próxima do partido e do movimento operário, Laura transformou o conteúdo de sua poesia. É o caso, por exemplo, da que escreveu em 1929, intitulada "***Flamboyant***":

*[...] Flamboyant flamejante, alma gaulesa,
Grandiosa labareda desfraldada.
Ampla bandeira acesa,
Cantando, numa indômita alvorada
A Marselhesa
Revolucionária!*

*Na indômita alvorada, em ascensão triunfal
Ao zênite maior que o proletariado avista
Sente-se o palpitar da idéia comunista:
Pois o canto que exorta à investidura
A Marselhesa revolucionária final
É o canto heróico da 'Internacional!'"*⁴³

Ainda que Laura tenha participado apenas informalmente do partido, nunca chegando a assinar a ficha de filiação, ela se mostra muito convencida da vitória proletária... Ao mesmo tempo, Laura não deixa de se preocupar com a poesia, com as artes plásticas e com toda a movimentação cultural dos anos vinte no Rio de Janeiro.

⁴¹ Apud: Maria Elena Bernardes, **Laura Brandão. A invisibilidade na política**. Campinas, Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Dissertação de Mestrado em História, 1995, p. 72.

⁴² A trajetória política de Laura Brandão nos anos vinte pode ser acompanhada na Dissertação de Mestrado, acima citada, capítulo III - "***Dos salões aos comícios***".

⁴³ Apud: idem, **ibid.**, pp. 125 e 126.

No entanto, a noção de *intelectual* só aparece no PCB a partir do ano de 1928. Neste ano, por motivos de divergências internas, a Comissão Executiva do partido decidiu abrir uma publicação interna de debates tanto para essas discussões como para os preparar o III Congresso ⁴⁴.

As motivações da divergência, em especial a de Barbosa - um dos membros da direção partidária -, extrapolam os limites desta pesquisa, mas o seu desfecho é muito significativo. Barbosa e seus companheiros de opinião foram expulsos do partido, taxados de "*intelectuais pequeno-burgueses*", claramente no sentido pejorativo da expressão ⁴⁵.

A partir deste momento, se forma uma noção ambígua de "*intelectual*". Afinal, quem era Astrojildo Pereira se não um "*intelectual*"? Se o dirigente comunista era assim reconhecido por outros membros do PCB e assim se representava, o problema se colocou na origem social de cada "*intelectual*". O pequeno-burguês que é considerado um "*intelectual*", não se livra da pecha de sua origem social somente pelo fato de aderir ao PCB, *partido da classe operária*. O caso é esclarecedor: o "*intelectual*" que discorda das posições políticas majoritárias da sua direção, ainda não se livrou de sua *ideologia pequeno-burguesa*.

Nos anos seguintes, ocorreu o processo de "*proletarização*" do partido. Este processo teve origem em uma decisão da Internacional Comunista, cujo objetivo era depurar o partido dos elementos *pequeno-burgueses*. Este processo tem início com a realização do III Pleno do Comitê Central do partido em outubro de 1929, no qual foram renegadas as suas formulações políticas anteriores, afastando de imediato seus antigos dirigentes. Leôncio Basbaum comenta um episódio deste processo:

"Alguns destes [intelectuais] (isso aconteceu em São Paulo, mais tarde em reuniões das quais participavam até mesmo Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral) chegavam a ficar de boca aberta com tamanha exibição de 'proletarismo'. Lambiam-se de ver um 'verdadeiro proletário', 'autêntico', 'legítimo', o operário ideal, forte na sua humanidade, inteligente na sua ignorância [...]." ⁴⁶

Basbaum era um dirigente do partido neste período e a citação, retirada de seu livro de memórias, revela como o autor assume de maneira crítica e irônica o processo de "*proletarização*". Mesmo porque ele foi um dos dirigentes afastados do

⁴⁴ PEREIRA, *Formação do PCB...*, *op. cit.*, pp. 135 e 136.

⁴⁵ RODRIGUES, *op. cit.*, pp. 367 e 368.

⁴⁶ BASBAUM, Leôncio, *op. cit.*, p. 76

partido durante esse processo, juntamente com Octávio Brandão e Astrojildo Pereira.

Se em 1928, os “barbosistas” foram expulsos do partido como “*intelectuais pequeno-burgueses*” agora, com a “*proletarização*”, o feitiço virou-se contra os feiticeiros. Mas o feiticeiro Astrojildo Pereira, ainda em 1957, concordava com a decisão de ter sido afastado:

“Considere-se, por outro lado, que a composição social da direção do Partido, nos primeiros anos de sua existência, não obedecia a um critério adequado: intelectuais de origem pequeno-burguesa, operários da pequena indústria, empregados no comércio, artesãos, com a agravante de uma quase absoluta impreparação teórica. Em tais condições, a atividade do Partido não podia deixar de ser o que foi, durante anos, caracterizando-se por uma permanente vacilação e por métodos de trabalho extremamente falhos. Era uma atividade empírica, descontínua, espontaneísta e burocrática.”⁴⁷

É interessante notar que, ao mesmo tempo em que um grupo de comunistas é afastado de sua organização partidária sob a acusação de serem “*intelectuais pequeno-burgueses*”, outros “*intelectuais*” que poderiam facilmente ser classificados como *pequeno-burgueses* aderem ao PCB. É o caso, por um lado, de Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Patrícia Galvão, etc.; por outro, de Jorge Amado. E por uma via nem literária nem artística, filia-se também ao PCB Caio Prado Júnior.

Ao mesmo tempo em que ocorriam os episódios da chamada “*proletarização*”, na qual eram afastados do PCB Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e Leôncio Basbaum, outra grande divergência sacudia as fileiras do PCB. Ligada aos debates que aconteciam na União Soviética, a divergência tinha como pivôs Stálin e Trotski, os quais acirraram-se com a morte de Lênin em janeiro de 1924. Neste período, Stálin era secretário-geral do PCUS desde 1922 (apoiado por Zinoviev e Kamenev, antigos dirigentes bolcheviques) e Trotski era membro de seu *bureau* político e Comissário da Guerra. Trotski levantava críticas ao processo de centralização política e da política econômica que se achavam em curso na União Soviética, além da própria burocratização do partido e do Estado.

Em 1924, o congresso do PCUS votou contrariamente às críticas de Trotski; logo depois, ele foi afastado do Comissariado da Guerra e das instituições políticas decisórias, tanto as do partido como as do Estado. Por algum tempo, Trotski

⁴⁷ PEREIRA, Formação do PCB..., op. cit., p. 163.

manteve-se publicamente em silêncio. Mas, em 1926, uniu-se aos mesmos que antes lhe faziam oposição, Zinoviev e Kamenev, formando a chamada Oposição Unificada. Em maio de 1927, publicou-se o “*Manifesto dos 83*” assinado por Trotski, Zinoviev, Kamenev e mais oitenta antigos bolcheviques, além de três mil assinaturas de membros do PCUS. Este manifesto reivindicava a abertura do debate acerca do planejamento do Estado Soviético, a política de coletivização no campo e a industrialização, entre outras questões.

Neste ínterim, Stálin consegue expulsar Trotski do partido e, finalmente, em 1929, expulsa-o do país, acusando-o de “*contra-revolucionário*”. Não obstante, também fora da URSS criam-se grupos de oposição à política implantada por Stálin. O próprio movimento que se reunia em torno da revista *Clarté*, na França, já começava a tornar pública a insatisfação diante das medidas adotadas por Stálin. Estas críticas vieram, especialmente, dos antigos surrealistas Breton e Éluard, sendo, por isso, expulsos do PCF em 1933 e, logo depois, aderindo formalmente ao trotskismo ⁴⁸.

Trotski, então fora da URSS, torna-se o grande unificador das diversas organizações de oposição, organizando o movimento Oposição Internacional de Esquerda, que passa a editar um boletim. No primeiro número do boletim, consta a assinatura de representantes de diversos países, entre os quais estavam URSS, Alemanha, Áustria, Argentina, Bélgica, Brasil, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Hungria, Itália, México e Tchecoslováquia ⁴⁹. Daí para o rompimento definitivo com a III Internacional e a organização da IV Internacional, faltaram poucos passos ⁵⁰.

⁴⁸ CAUTE, El Comunismo ..., op. cit., pp. 116 e 117.

⁴⁹ MARQUES NETO, op. cit., p. 44.

⁵⁰ Sobre os debates entre Stálin e Trotski, assim como os precedentes históricos das divergências e a ruptura definitiva que cria a IV Internacional liderada por Trotski, existe uma infinidade de livros e artigos, mas para a elaboração desta pesquisa foram consultados:

Fernando Claudín, A crise do movimento comunista - A crise da internacional comunista, São Paulo, Editora Global, 1985, em especial o item denominado “*Stalin revisionista, ou o socialismo integral num só país*”, pp. 70 a 85.

Arthur Rosenberg, História do Bolchevismo, Belo Horizonte, Editora Oficina de Livros, 1989, em especial, ver “*Stálin contra Trotski (de 1924 a 1927)*”, pp. 231 a 256.

Baruch Knei-Paz, “*Trotski: revolução permanente e revolução do atraso*”, in: Eric J. Hobsbawm (org), História do Marxismo, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1986, vol. 5, em especial, pp. 190 a 196.

No Brasil, as divergências internas no PCB ocorridas entre 1927 e 1928, que tiveram como um dos seus episódios a expulsão de Barbosa, levaram muitos membros do partido até os debates em torno da formação da Oposição de Esquerda. Alguns destes, se definiam como membros da “*fração de esquerda*” do PCB, buscando, através de críticas tanto às formulações políticas do PCB quanto às da III Internacional, uma elaboração política alternativa ao próprio partido ⁵¹.

Forma-se, neste tempo, o *Grupo Comunista Lênin*, aglutinado em torno do jornal ***A luta de classe***. Fundado em 8 de maio de 1930, o jornal explicita as divergências do grupo com a direção do PCB, apoiadas nos debates em torno da Oposição Internacional de Esquerda.

Ao mesmo tempo em que ocorriam vários debates e algumas cisões internas, o PCB ganhava simpatia de alguns “*intelectuais*”. Motivados por questões diferentes das levantadas pelo partido durante os anos vinte, estes imprimiram outro significado ao termo “*intelectual comunista*”.

Roi A. Medvedev, “*O socialismo num só país*” e Massimo L. Salvadori, “*A crítica marxista ao stalinismo*”. In: idem, ibid., 1986, vol. 7, respectivamente pp. 45 a 82 e, especialmente, pp. 308 a 320.

⁵¹ Michael Löwy et al., “*Trotsky e o Brasil*”, in: Daniel Aarão Reis Filho (org.), História do Marxismo no Brasil. Os influxos teóricos Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1995, pp. 232 a 235.

CAPÍTULO II: CONSTRUINDO A FAMÍLIA COMUNISTA

1. Alternativa Comunista

O início dos anos trinta é um marco no engajamento político dos “*intelectuais*” no comunismo. Neste período, generaliza-se internacionalmente a simpatia de vários escritores e artistas pela “causa” socialista/comunista. Mais que um movimento espontâneo, o engajamento deveu-se à propaganda que os dirigentes da URSS e, sobretudo, os da IC organizaram em torno do comunismo e da encarnação de seu programa e princípios, a URSS.

Com o propósito de aproximar os escritores, principalmente os europeus, das posições políticas da IC e da defesa da URSS, organizou-se a *União Internacional dos Escritores Revolucionários*, que produzia e divulgava a revista ***Literatura da Revolução Mundial***. A sede da organização localizava-se em Moscou, mas tinha uma filiada importante em Paris, denominada *Associação dos Escritores e Artistas Revolucionários*, a qual publicava a revista ***Commune***. Esta revista, cujo primeiro número é de julho de 1933, possuía 550 sócios, entre os quais artistas plásticos, músicos, artistas de teatro e cinema, fotógrafos, escritores e arquitetos. Entre os organizadores do grupo francês encontravam-se Louis Aragon, Henri Barbusse, André Breton, Romain Rolland, Paul Eluard e René Crevel¹.

No ano anterior, Rolland e Barbusse - os mesmos idealizadores do *Clarté* - organizaram um congresso, cujo objetivo era mobilizar escritores e artistas contra um possível ataque japonês à URSS e contra a iminência de uma segunda guerra mundial. O encontro ficou conhecido como *Congresso de Amsterdam* e dele participaram cerca de 2.200 delegados de diversas partes do mundo². Em meados de 1933, realizou-se um segundo congresso internacional em Paris. Barbusse encontrava-se também entre os organizadores deste congresso. Após alguns dias do encerramento do congresso de Paris, realizado na *Salle Pleyel*, os

¹ Herbert R. Lottman, ***A Rive-Gauche - Escritores, artistas e políticos em Paris, 1930-1950***. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987, pp. 98 e 99.

² Dentre os muitos participantes do Congresso, destacam-se Albert Einstein, Heinrich Mann, John Dos Passos, Theodore Dreiser, Upton Sinclair, George Bernard Shaw, Malcolm Cowley, Michael Gold, Bertrand Russell, André Gide, Paul Vaillant-Couturier. LOTTMAN, *op. cit.*, pp. 85 a 87.
David Caute, ***El comunismo ...***, *op. cit.*, pp. 127 e 128.

organizadores dos dois congressos reuniram-se e formaram o *Comité de Luta Contra a Guerra e o Fascismo*. O movimento passou a ser conhecido como *Amsterdam-Pleyel*.

Na linha de frente da entidade francesa e nos dois congressos internacionais encontraram-se vários escritores e artistas de diversas tendências políticas. Entretanto, por trás de tais iniciativas estavam os membros do PCF e alguns “*enviados*” de Moscou.

Ao mesmo tempo em que organizavam entidades amplas de escritores e artistas pela Europa, membros do PCF e “*enviados*” de Moscou, em especial Willy Münzenberg e Ilya Erhenburg, tentavam estreitar cada vez mais os laços entre escritores e artistas reconhecidamente importantes e a URSS, proporcionando visitas a este país. Ao que parece, tal iniciativa tentava atacar dois pontos. Um deles era obter de personalidades importantes declarações de apoio à União Soviética nos países europeus e o segundo, conseqüentemente, ampliar o campo de influência das idéias soviéticas e comunistas. Entre os escritores europeus, tornou-se comum a publicação de relatos de viagem à URSS.

A crise de 1929 e tudo o que ela desencadeou, assim como a vitória do nazismo na Alemanha em 1933 e sua transformação em um movimento internacional de direita, formou o cenário que mobilizou diversos escritores e artistas em torno de um movimento anti-fascista. Nestas condições, a URSS era vista, por grande parte dos “*intelectuais*” anti-fascistas, como uma sociedade planificada e racional, que vivia os momentos de glória do Primeiro Plano Quinquenal e por isso, imune aos percalços do capitalismo³. O movimento anti-fascista e a defesa da URSS aproximaram vários escritores e artistas do marxismo e do partido comunista. Isto, entretanto, não significava que todo anti-fascista era comunista e que colocasse sua produção “*intelectual*” a serviço da organização política da qual participava. Além disso, a participação política de escritores e artistas não era uma novidade; a novidade era de que um país considerado socialista havia se tornado um referencial importante em contraposição ao nazifascismo e, nos casos mais radicalizados, em contraposição ao próprio capitalismo.

³ David Caute, *ibid.*, pp. 129 e 130.

Eric J. Hobsbawm expressou este sentimento positivo e generalizado em torno do comunismo:

“[...] não fizemos mais que optar por um futuro, ao invés de nos resignarmos a não ter nenhum futuro, e isto significava a revolução. Mas significava a revolução em um sentido positivo e não negativo; um mundo novo ao invés de absolutamente nenhum mundo. A grande Revolução de Outubro e a Rússia soviética nos provavam que um novo mundo era possível e que talvez já estivesse em marcha.”⁴

Ainda que o trecho citado represente apenas uma parcela dos escritores e artistas que se aproximaram do comunismo, é notável o sentimento de uma guerra iminente que poderia acabar com o “futuro” e com a possibilidade de construção de um mundo alternativo ao mundo capitalista.

No Brasil, a iminência de eclosão de uma guerra e os perigos do nazifascismo estavam um pouco longe de serem as principais preocupações dos escritores e artistas. Assim mesmo, vários escritores aproximaram-se do PCB, alargando as áreas de influência da organização. Como veremos neste capítulo, vários destes escritores encontraram motivação na política nacional e/ou na longínqua URSS para optar pelo comunismo.

Desde a ruptura dos trotskistas com o PCB, as acusações mútuas se tornaram corriqueiras. Para os membros do PCB acusar alguém de trotskista se tornara sinônimo de ser considerado um “inimigo do povo”, “inimigo da revolução”, “inimigo do proletariado” ou, ainda, “inimigo da União Soviética e do socialismo”⁵.

Rachel de Queiroz sofreu as conseqüências deste processo. Nascida em Fortaleza em 1910, Rachel de Queiroz estreara como escritora em 1930 com o romance *O quinze*, publicado no Ceará. Mas somente com o segundo romance, *João Miguel*, é que a autora passa a ser reconhecida nos meios literários do Rio e

⁴ Eric J. Hobsbawm, “*Intelectuais e a luta de classes*”, in: idem, *Revolucionários*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1982, pp. 250 e 251.

Sobre a participação de *intelectuais* e, em especial, de historiadores no Partido Comunista Britânico ver:

John Saville, “*The Twentieth Congress and The British Communist Party*”, in: _____, *The Socialist Register*. London, 1976.

Eric J. Hobsbawm, “*The Historians’ Group os The Communist Party*”, in: _____, *Rebels and their causes: Essays in honour os A. L. Morton*. London, Lawrence and Nishart, 1978, pp. 21-47.

⁵ Ver, por exemplo, documento assinado pelo *bureau* político do PCB, cujo título é “*Aos camaradas do Partido e a todos os trabalhadores conscientes*”, publicado em *A Classe Operária* de 19 de julho de 1930, no qual os trotskistas são classificados, entre outras coisas, como “*renegados*” e “*traidores*”. Apud: CARONE, *O PCB...*, *op. cit.*, pp. 130 e 131.

de São Paulo. Este livro foi publicado pela editora Schmidt, localizada no Rio de Janeiro e de propriedade do poeta Augusto Frederico Schmidt, em 1932.

Pelas indicações de John W. Foster Dulles, Rachel, militante do partido desde os anos finais da década de 1920, teria colocado à disposição da direção do PCB os manuscritos do seu segundo romance, os quais foram severamente criticados. A escritora, discordando das opiniões expressas pela direção partidária, publicou o livro. Dulles afirma que o episódio ajudou na decisão de expulsão da escritora das fileiras partidárias sob acusação de trotskista ⁶.

A história do romance gira em torno de João Miguel e o assassinato que havia cometido, causando a sua prisão. Através das relações que João Miguel estabelece na prisão, a autora desenvolverá o enredo. Na prisão, serão restabelecidos os ares cotidianos de liberdade dos presos. Num sentido moral, o romance não dá nenhum indicativo de culpa sentida pelo assassino. Além disso, João Miguel, a não ser pelo episódio do assassinato, é um sertanejo acomodado e passivo.

Não obstante, a interpretação de Dulles, que justifica a expulsão da autora como mais um episódio do processo de "proletarização" pelo qual passava o PCB ⁷, podemos encontrar outra explicação, já que a de Dulles contradiz outro dado: o ingresso de vários "intelectuais" no partido neste mesmo período.

O marido de Rachel, José Auto, mantinha relações com pessoas que aos olhos dos dirigentes pecebistas eram consideradas trotskistas. Talvez o conteúdo, digamos, amoral do romance e os contatos com trotskistas tivessem motivado a decisão dos dirigentes partidários em relação à expulsão da autora. Mesmo porque, neste período de combate aos trotskistas e às idéias trotskistas, a direção do PCB incluiu em seus estatutos um item que proibia a relação dos militantes comunistas com os trotskistas. No entanto, vale ressaltar que a história da ligação de Rachel com o PCB e da sua expulsão, assim como sua ligação com o movimento trotskista, estão ainda à espera de uma investigação de maior fôlego.

Se Rachel de Queiroz tinha algum tipo de relação com os que eram considerados trotskistas, este não era o caso de Nise da Silveira. Em depoimento

⁶ John W. Foster Dulles, Anarquistas e comunistas no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1977, p. 404.

⁷ Esta interpretação é endossada por Alfredo W. Berno de Almeida, Jorge Amado: política e literatura. Um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979, pp. 43 e 44.

recente, a autora revela a tentativa de controle da direção partidária sobre as suas atividades:

*“Eu queria fazer concurso para médica do hospital. Os companheiros não aprovavam que eu me dedicasse tanto ao concurso. Eu estudava, de manhã, de tarde e de noite. Meu chefe de célula, um alfaiate, me repreendia fortemente. [...] Eu lia as apostilas stalinistas, horrorosas, mal escritas, ferrenhas [...] Acabaram me expulsando, acusada de trotskista. Eu não era trotskista.”*⁸

Nise da Silveira era grande amiga de Laura e Otávio Brandão, freqüentava muito a casa do casal, pois morava na mesma rua. Quando Laura e Otávio saíam para cumprir alguma tarefa partidária, Nise da Silveira cuidava das filhas do casal. Passava horas com ambos lendo romances e poesia. Como vimos, Otávio Brandão havia sido afastado da direção do partido, o que lhe causava um certo desconforto frente os militantes comunistas. Assim, é muito mais provável que Nise tenha sido expulsa da organização por ser amiga do casal Brandão do que por ser uma trotskista.

O processo de “proletarização” foi radical. Como relembra Leôncio Basbaum, significava aos militantes mudar vários comportamentos considerados burgueses os pequeno-burgueses:

*“Proletarizar-se significava, segundo alguns, abandonar hábitos burgueses, só fumar cigarros baratos, andar mal-vestido. A própria gravata passou a ser um sinal de tendência pequeno burguesa. E [...] até tomar banho diário era um resquício pequeno-burguês capaz de afetar a ideologia proletária do Partido.”*⁹

Assim como é difícil estabelecer quais relações Rachel de Queiroz manteve com o PCB e, posteriormente, com a Oposição de Esquerda no Brasil, também é difícil estabelecer as relações de outros “intelectuais” que se encontravam no PCB durante este período. Entretanto, ao mesmo tempo em que ocorria o processo de “proletarização” e de perseguição aos trotskistas (ou apenas aos indesejáveis), a imagem construída por alguns antigos militantes, através de livros ou depoimentos memorialísticos, de que o partido era muito rigoroso, disciplinado e que mantinha um forte controle sobre sua militância precisa ser vista com mais cuidado. As dificuldades em limitar as fronteiras da militância tanto de Rachel de Queiroz como de Nise da Silveira mostram exatamente os limites fluidos desta militância e, até, as

⁸ Depoimento de Nise da Silveira, médica psicanalista, a Dulce Pandolfi em outubro de 1992. Apud: Dulce Pandolfi, *op. cit.*, p. 101.

⁹ Leôncio Basbaum, *op. cit.*, p. 75.

dificuldades do comitê central em transmitir as suas decisões. Isto indica um partido de militância mais autônoma, mesmo que fosse à revelia da vontade de sua direção central.

Neste sentido, Gregório Bezerra, ao narrar os seus primeiros anos de militância no PCB, reforça essa dupla imagem. Por um lado, ele comenta as suas dúvidas em ingressar no partido em 1928:

*“Receava não me adaptar à sua férrea disciplina e além disso achava que o militante comunista devia [sic] renunciar a todos os seus interesses pessoais em função dos interesses da classe operária e de seu Partido, para ser um verdadeiro bolchevique, como os bolcheviques da URSS.”*¹⁰

Por outro lado, ao narrar o cotidiano de sua militância partidária em Fortaleza, lembrando que atuava também com Rachel de Queiroz, Bezerra explica que ninguém sabia que a romancista já havia sido expulsa do partido. A questão só foi exposta para ele quando, em meio a um comício, Rachel de Queiroz se desentendeu com Járder Carvalho. Ambos trocaram acusações e enquanto Járder denunciava que Rachel era uma trotskista, Rachel respondia chamando-o de oportunista. Após o incidente, Bezerra foi à casa de Rachel, onde ela lhe explicou que havia sido expulsa por não concordar com a transformação do PCB *“numa seita de aventureiros”*. Bezerra conta que ficou muito decepcionado com a romancista e não deu ouvidos aos seus conselhos para que deixasse o partido¹¹.

Data deste período o ingresso de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão no PCB. Entre o final de 1930 e início de 1931, Oswald de Andrade e Patrícia Galvão foram à Montevideu, onde entrevistaram Luiz Carlos Prestes¹². Grande parte da bibliografia indica essa viagem e o conseqüente encontro com Prestes como a motivação para o ingresso de ambos no PCB, ocorrido logo após a volta ao

¹⁰ Gregório Bezerra, Memórias. Primeira Parte: 1900-1945. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979, p. 214.

¹¹ idem, ibid., pp. 226 e 227.

¹² FONSECA, op. cit., pp. 196 e 197. A bibliografia, no entanto, é confusa sobre esta viagem. Uma versão diz que Pagu foi sozinha a Buenos Aires em dezembro de 1931, Oswald ficara para cuidar de seus dois filhos: Haroldo de Campos, Pagu: vida-obra. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, p. 325. Outra versão afirma que Pagu fora a Buenos Aires em 1930 para entrevistar Luis Carlos Prestes: John W. F. Dulles, O comunismo no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985, p. 39. De acordo com Dênis de Moraes e Francisco Viana, Prestes: lutas e autocríticas. Petrópolis, Editora Vozes, 1982, p. 53, Prestes foi preso em Buenos Aires em outubro de 1930, sendo solto estabeleceu-se em Montevideu.

Brasil¹³. Mesmo que ambos tenham entrevistado Prestes, seria por demais simplista afirmar que somente tal fato os tenha levado ao PCB. O *Manifesto de Antropofagia* de Oswald, de maio de 1928, traz já algumas indicações desta aproximação.

O *Manifesto* apresentava-se, em polêmica com o grupo “Anta”, como uma espécie de radicalização dos temas e das interpretações realizadas pelo “movimento modernista” no início da década de 1920¹⁴. Preconizando uma volta à “idade do ouro”, que fora vivida pelos “nossos” antepassados indígenas, Oswald afirma:

[...] Queremos a revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls. [...]

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade do ouro. [...]

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue. [...]

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade. [...]¹⁵

A referência a um passado mitológico, anterior ao descobrimento, como instituinte do presente e do futuro, no qual a idade do ouro é a representação do comunismo primitivo, de um matriarcado como formas alternativas de organização social, faz parte de uma crítica mais abrangente à civilização ocidental, vista como um amontoado de tecnologias (*catálogos, aparelhos de televisão, maquinaria...*)¹⁶. Provavelmente, Oswald encontrara, no início dos anos trinta, tal projeto-idade do ouro no ideário comunista oficial. Aqui, talvez, o comunismo fosse encarado como uma “utopia” de felicidade da humanidade, que incluía críticas ao capitalismo. Ao mesmo tempo, como Oswald entrara em confronto direto com os membros dos grupos “Anta” e “Verdeamarelo” desde 1928, grupos que se dirigiam às propostas políticas consideradas de direita, ele pode ter considerado o PCB como uma alternativa às propostas políticas de seus opositores.

¹³ Ver todas as indicações da nota anterior, com exceção do livro de Dênis de Moraes, nas mesmas páginas.

¹⁴ Ver, por exemplo, BOSI, *op. cit.*, p. 343, FONSECA, *op. cit.*, pp. 177 e Antonio Risério, “Pagu: vida-obra, obravida, vida”, in: CAMPOS, *op. cit.*, p. 18.

¹⁵ Oswald de Andrade, “*Manifesto Antropófago*”, *Revista de Antropofagia*, ano I, no. 1, maio de 1928. Apud: Antonio Candido e J. Aderaldo Castello, *Presença da Literatura Brasileira. Modernismo*. São Paulo, Editora Difel, 1975, pp. 65 a 73.

¹⁶ Maria Augusta Fonseca, *op. cit.*, p.

Pagu juntou-se ao movimento de “antropofagia”, como vimos, em 1929 e, em seguida, teve um romance com Oswald. Segundo seu depoimento, participaram juntos de algumas agitações em torno da “revolução de 30”. Assim, no início de 1931 ingressaram no PCB e, em 27 de março de 1931, fundaram o jornal **O Homem do Povo**, no qual Pagu, além de contribuir com ilustrações, redigia a seção **A Mulher do Povo**.

Através dos artigos escritos por Pagu na seção que era de sua responsabilidade é possível vislumbrar o tom irônico e agressivo do jornal. Logo no primeiro número Pagu desafiou as “feministas de elite” que reivindicavam o voto para as “mulheres cultas”. Explicou que essa visão reformista, vinda deste grupo de mulheres, deveria ir mais além, implicitamente reivindicando o voto a todas as mulheres. No terceiro número, 2 de abril de 1931, Pagu deve ter escandalizado as “senhoras paulistas quatrocentonas”:

[...] Todo mundo sabe que esta coisa de alta classe está caindo de podre. E é canginha a gente passar uma rasteira nesse restinho sífilítico. As grandes damas estão se esborrachando e no último estertor econômico se agarram à única tábua de salvação para não engraxar os sapatos das cozinheiras.”¹⁷

Pagu, sem papas na língua, prenuncia o fim definitivo de todo um grupo social. Assim como estavam caindo (*restinho sífilítico*) as damas da aristocracia paulista, subiria a cozinheira, a qual teria seus sapatos engraxados pelas “decadentes”. Mas não é só as mulheres da aristocracia que Pagu critica. As da *pequena-burguesia* também não são poupadas:

“Excluída a grande maioria de pequenas burguesas cuja instrução é feita nos livrinhos de beleza, nas palavras estudadas dos meninos de baratinha, nos gestos das artistas de cinema mais em voga ou no ambiente semi-familiar dos cocktails modernos [...]”¹⁸

Pagu tampouco poupa as católicas:

“Senhoras que cospem na prostituição, mas vivem sofrendo escondidas num véu de sujeira e festinhas hipócritas e massantes, onde organizam o hino de cometas ligadas pra todos os gozos, num coro estéril, mas barulhento.”¹⁹

Esta é a frase final do artigo publicado no dia 4 de abril de 1931 e que foi intitulado “**Liga de Trompas Católicas**”. Por isso tudo, não foi à toa que no dia 9 de abril alguns estudantes da faculdade de direito invadiram a redação do jornal,

¹⁷ idem, *ibid.*, p. 83.

¹⁸ idem, *ibid.*, p. 81.

¹⁹ idem, *ibid.*, p. 84.

que se localizava próxima à faculdade. A revolta dos estudantes (*"imbecis, alcaïotes aguilhoados, amestrados, filhinhos de papais ricos"*, etc., nas palavras de Pagu) foi inflamada ainda mais por um artigo de Oswald de Andrade, no qual criticava a faculdade de direito, afirmando ser esta um *"cancro"* que apenas solapava os cofres do patrimônio do Estado ²⁰.

Pagu não desanimou e na edição de 9 de abril de 1931 escreveu um artigo realmente furioso, intitulado *"Guris patri-opas"*. Desqualificando os estudantes de direito, afirmou que o pretense discurso democrático que utilizavam para tentar empastelar o jornal não passava de pura ignorância. Por fim, ameaçou:

"Farranchinhos infantis que gritam clamores revolucionários, prontinhos pra gente enganar. Vem impingir na gente a tapição da Eucaristia e o respeito das tradições do século. Isso tudo será recomendado com carinho e culminado no Santíssimo Sacramento de uma metralhadora." ²¹

À parte a fúria e sarcasmo com que trata os estudantes, Pagu demonstra a sua crença na inevitabilidade de uma revolução popular que está por chegar.

De modo geral, seus artigos são críticas à vida cotidiana de mulheres que julga ilegítima, pois é um cotidiano que se sustenta através da exploração de trabalhadores. Mas Pagu acreditava na possibilidade de uma transformação, ao menos, das *pequeno burguesas*. Assim, escreveu um artigo para as estudantes de cursos normais, geralmente oferecidos por escolas de freiras ou de padres, chamadas no artigo de *"normalinhas"*. Afirmou que faltava à estas meninas livrarem-se dos preceitos que a burguesia e a igreja católica lhes impunham. Aproveita também para ajustar contas com suas antigas colegas de colégio ²², que, segundo ela, reprovavam suas atitudes mais sinceras. Ameaça as estudantes da mesma forma que ameaçou os estudantes do curso de direito, avisando que quando a revolução chegar elas servirão *"de lenha para a fogueira transformadora"*. Mas aconselha as estudantes, numa esperança de mudança de comportamento:

"Se vocês, em vez dos livros deturpados que lêem, e dos beijos sífilíticos de meninotes desclassificados, voltassem um pouco os olhos para a avalanche revolucionária que se forma em todo o mundo e estudassem de fato, para compreender o que se passa no momento, poderiam, com uma convicção de verdadeiras proletárias, que não querem ser, passar uma

²⁰ idem, *ibid.*, p. 91, 92 e 97.

²¹ idem, *ibid.*, p. 86.

²² Pagu, entre os anos de 1924 e 1928, freqüentou as escolas normais do Brás e da Praça da República, respectivamente.

rasteira nas velharias enferrujadas que resistem a ficar na frente de uma mentalidade atual como autênticas pioneiras do tempo novo."²³

Há também nestes artigos, além da crítica ao comportamento de pessoas identificadas por ela como burguesas e/ou pequeno burguesas, um projeto político de transformação desta situação que ela, através de sua fúria e sarcasmo, tanto despreza. Identificada, então, com o PCB, Pagu estabelece seus pontos de contato com o ideário comunista oficial.

A situação do país era complexa. As eleições convocadas para 1929, tiveram dois candidatos à presidência do país: Getúlio Vargas (representante do movimento denominado *Aliança Liberal*) e Júlio Prestes. Acusando ambos de "fascistas", o PCB estabeleceu a palavra-de-ordem "votar no BOC é votar na revolução" como forma de intervir no processo eleitoral. No entanto, o PCB sofreu uma grande derrota com seu candidato à presidência da República²⁴. A derrota deveu-se a uma votação inexpressiva tanto de seu candidato à presidência como a de outras candidaturas ao parlamento. Após, esta derrota o BOC foi extinto, já que sofria críticas no interior do partido desde sua fundação.

O candidato vitorioso foi Júlio Prestes, que não assumiu por ter sido acusado pelo adversário de fraude eleitoral e de envolvimento no assassinato do candidato à vice na chapa de Vargas, João Pessoa. Assumiu, por dez dias, uma junta militar que acabou passando o cargo, em caráter provisório, a Getúlio Vargas.

Um documento intitulado "**O Partido Comunista do Brasil frente aos próximos combates**" e publicado entre janeiro e fevereiro de 1931, demonstra que tipo de posição política o PCB tomou em relação ao governo que acabava de ser formado. O documento faz uma avaliação econômica do país, pressupondo que a produção de café é o centro de toda economia brasileira, afirmam que o país se encontra numa grande crise. Crise que foi agravada pelo "golpe de Estado" e que continuava se agravando em consequência das medidas adotadas por Vargas. Segundo o documento, o governo de Vargas acabou por mostrar as duas facções políticas existentes na *Aliança Liberal*: os que se agrupavam em torno do

²³ idem, *ibid.*, p. 87.

²⁴ Michel Zaidan Filho, Comunistas em céu aberto. 1922-1930. Belo Horizonte, Editora Oficina de Livros, 1989, pp. 56 e 57.

imperialismo norte-americano e os que se agrupavam em torno do imperialismo inglês ²⁵.

Luis Carlos Prestes foi taxado como um grande vacilante, já que mudou de posição várias vezes durante o processo eleitoral e, posteriormente, em relação ao “golpe de Estado”. Prestes e o “prestismo” são apresentados como um grande perigo ao PCB. Ao mesmo tempo, o documento critica a antiga direção que, apesar de ter mantido relativa independência em relação a Prestes, não conseguiu sequer unificar o próprio partido. Mas o documento vai mais além e critica seriamente os setores do partido que se voltaram em apoio à *Aliança Liberal*. O documento identifica a política adotada pela antiga direção como a causa da penetração de idéias *pequeno-burguesas* no interior do partido ²⁶.

Prestes, os prestistas e os trotskistas são rapidamente colocados no mesmo saco das idéias *pequeno-burguesas*. E, desta forma, justifica-se o processo de “proletarização” - um combate tenaz às idéias oriundas da *pequena-burguesia* que só fazem obstaculizar as grandes lutas populares. Este processo se apresenta, segundo o documento, como a expressão da “luta de classes” no interior da organização partidária ²⁷.

O grande problema colocado pela direção do partido era o controle político das lutas populares. Segundo o documento, se os comunistas se entregarem às idéias *pequeno-burguesas* será Prestes o grande dirigente da revolução popular e esta, então, não passará de uma grande revolução reformista. Para finalizar, apresentam as tarefas partidárias:

“Os elementos trabalhadores que compreendem realmente a situação e tarefas atuais, devem converter-se em forjadores de novos quadros proletários que garantam e assegurem a liquidação definitiva de toda tendência ‘koumintanguista’, tendência que constitui o maior obstáculo no caminho do desenvolvimento do Partido Comunista do Brasil.” ²⁸

No fundo, a nova direção (posterior à saída de Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, etc.) do PCB lutava por criar uma identidade que a afastasse do grupo trotskista que se formava no interior do partido.

Aparentemente, os artigos de Pagu não trazem nada que se assemelhe com as posições políticas do PCB. No entanto, um olhar mais atento poderá constatar

²⁵ Apud: CARONE, *op. cit.*, pp. 120 a 123.

²⁶ idem, *ibid.*, pp. 124 a 126.

²⁷ idem, *ibid.*, p. 126.

²⁸ idem, *ibid.*, p. 130.

que a visão sobre a iminência de uma revolução transformadora está presente tanto em Pagu como nas posições oficiais do partido. Ambos partem da mesma esperança: a intensificação das lutas populares.

Ao mesmo tempo, o PCB procurava encontrar aliados possíveis para a revolução e, entre os diversos grupos sociais, estava a *pequena-burguesia* que, se devidamente conduzida pelos proletários (pelo *partido da classe operária*) poderia ser uma forte aliada no projeto de transformação do país. Ora, os artigos de Pagu se dirigem especialmente às mulheres da pequena burguesia com objetivo de esclarecê-las e transformá-las em "*verdadeiras proletárias*".

Neste sentido, ao menos no caso de Pagu, a hipótese de que a causa imediata de seu ingresso no PCB tenha sido o contato com Prestes fica descartada, já que o documento do partido deixa claro a opinião negativa em relação ao líder dos tenentes. Ao mesmo tempo, mais uma vez, é possível perceber a fluidez ideológica e organizativa as quais os comunistas vivenciavam sua militância. Desta forma, Patrícia Galvão e Oswald de Andrade, entre os anos de 1930 e 1932, se afirmam mais como simpatizantes comunistas do que como militantes profissionais.

O ano de 1933, no entanto, parece decisivo para a definição política de alguns que, até agora, manifestaram simpatias pelo comunismo. Neste ano, publicam-se livros de escritores considerados comunistas: ***Evolução política do Brasil e outros estudos - Ensaio de interpretação materialistas da história do Brasil*** de Caio Prado Júnior, ***Serafim Ponte Grande*** de Oswald de Andrade e ***Parque industrial*** de Patrícia Galvão.

Caio Prado Júnior se interessa pelas idéias comunistas a partir de 1931. Oriundo de uma tradicional família paulista, cursou a faculdade de direito entre os anos de 1924 e 1928. Em 1928, ingressou no Partido Democrático e, em 1929, participou da campanha presidencial apoiando Getúlio Vargas. Seu ingresso no PCB parece ter ocorrido devido à desilusão com a *Aliança Liberal* e o início do governo de Vargas²⁹. Se essa desilusão não é explicitada nas páginas de seu livro ***Evolução política...***, ela se tornará clara no relato que escreveu por motivo de sua visita à URSS, publicado em 1934. No entanto, vários elementos no seu livro de história já demonstravam suas ligações com o ideário comunista oficial.

²⁹ Ver, por exemplo, depoimento de Heitor Ferreira Lima, in: Maria Angela D'Incao (coord.), ***História e Ideal. Ensaio sobre caio Prado Júnior***, São Paulo, Editora Brasiliense, Editora Unesp, 1989, pp. 18 e 19.

A começar pelo título do livro, *Evolução política...*, Prado Júnior defini seu trabalho como uma interpretação materialista da história do Brasil e, por isso se coloca no campo teórico identificado com o marxismo. Mas Caio Prado, diferentemente de Pagu, que usa mais livremente o materialismo de Marx ³⁰, trabalha com a noção de classe social, buscando, segundo seu objetivo explícito, mostrar que na história do país a luta de classes sempre esteve presente. No Prefácio, adverte:

*“Quis mostrar, num livro ao alcance de todo mundo, que também na nossa história os heróis e os grandes feitos não são heróis nem grandes senão na medida em que acordam com os interesses das classes dirigentes, em cujo benefício se faz a história oficial [...]”*³¹

Colocando-se em oposição ao que ele denomina história oficial, Prado Júnior propõe-se a interpretar a história do Brasil de um modo diferente. Em consequência, afirma, logo em seguida, que irá se alongar em analisar as “*revoluções da menoridade*” (a Cabanada, a Balaiada e a revolta Praieira), insistindo em fazer uma história que não seja a *glorificação das classes dirigentes*. Segundo ele, tais revoluções são analisadas pelos historiadores “[...] apenas [como] a explosão de ‘bestiais’ sentimentos e paixões das massas.”³²

Quando analisa os momentos da *insurreição* (processo de Independência, 1822) e os sujeitos históricos envolvidos no processo, o autor explicita o que havia anunciado no Prefácio. Assim, ao mesmo tempo em que denuncia a exclusão sofrida pela maioria da população brasileira no período, incluindo os escravos, apresenta-os como sujeitos do processo:

“São ainda as contradições de natureza étnica, resultando da posição deprimente do escravo preto, e em menor escala, do indígena, o que dá no preconceito contra todo indivíduo, mesmo livre, de cor escura. É a grande maioria da população que é atingida, e que se segue contra uma organização social que além do efeito moral, resulta para ela na exclusão de quase tudo quanto de melhor oferece a existência na colônia. A condição dos escravos é outra fonte de atritos. Não se julgue a normal e aparente quietação dos escravos

³⁰ No artigo que inaugura a seção “A Mulher do Povo”, intitulado “*Maltus Além*”, Pagu afirma:

“*Marx já passou um sabão no celibatário Maltus, que desviava o sentido da revolução para um detalhe que a Rússia, por exemplo, já resolveu. O materialismo solucionando problemas maiores faz com que esse problema desapareça por si.*” Apud: CAMPOS, *op. cit.*, p. 81.

³¹ Caio Prado Júnior, *Evolução Política do Brasil e outros estudos. Ensaio de Interpretação Materialista da História do Brasil*. 2a. edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1947, p. 7. O presente Prefácio se refere à 1a. edição (1933).

³² idem, *ibid.*, pp. 7 e 8.

*(perturbada aliás pelas fugas, formação de quilombos, insurreições mesmo, por vezes) fosse expressão de um conformismo total. É uma revolta constante que lavra surdamente entre eles, e que não se manifesta mais porque a comprime todo o peso e força organizada da ordem estabelecida.”*³³

Duas questões são importantes aqui e se relacionam com as interpretações posteriores do autor. Ainda que este texto tenha aberto as portas para um novo tipo de interpretação histórica no e do Brasil, já que levou em conta não só os heróis e grandes fatos das classes no poder da história oficial e colocou os negros (fossem escravos ou libertos) na condição de sujeitos históricos, trabalhando, assim, com conflitos entre classes³⁴, a autonomia deste sujeito histórico fica relativizada pelo pressuposto contido em sua interpretação. O autor, ao se utilizar de noções como “*marcha da história*” ou “*evolução histórica*”, avaliou que as lutas populares não vingaram, naquele período, porque o Brasil não estava preparado para elas, nem elas para o Brasil.

Ao mesmo tempo em que elegeu os setores que poderim levar o país a uma transformação maior, argumentou a limitação política de tais setores:

*“Quanto às camadas populares, elas não se encontravam politicamente maduras para fazerem prevalecer suas reivindicações; nem as condições objetivas do Brasil eram ainda favoráveis para sua libertação econômica e social.”*³⁵

O que ele quer dizer com *politicamente maduras*? Esse julgamento pode estar relacionado com a sua perspectiva de transformação social. Mas importa, agora, destacar a guinada interpretativa que Caio Prado implementou na historiografia: colocou em pé de igualdade as *camadas populares* com as *classes dirigentes*, ambos sujeitos de um determinado processo histórico.

Utilizando um estilo obviamente diferente, Pagu pode ser incluída na mesma temática inserida por Caio Prado. Pagu publicou ***Parque industrial - romance proletário***, neste mesmo anos, cuja edição foi financiada por Oswald de Andrade. Segundo Augusto de Campos, Pagu foi obrigada a assinar o romance com o pseudônimo de Mara Lobo por exigência da direção do PCB, já que era considerada uma “*agitaradora individual, sensacionalista e inexperiente*”. Então, para não ver o

³³ *idem*, ***ibid.***, p. 91.

³⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre os caminhos teóricos e interpretativos abertos por Caio Prado Júnior, ver: Elide Rugai Bastos, “***A sociologia nos anos 30***”, in: D’INCAO, ***op. cit.***, pp. 335 a 346.

³⁵ PRADO JÚNIOR, ***op. cit.***, p. 94.

nome de Pagu ligado aos comunistas, a direção do PCB acabou exigindo que não utilizasse seu nome verdadeiro ³⁶.

Ambos, procuraram colocar no centro de seus argumentos o *povo e/ou trabalhador*. Desta forma, não é propriamente no tema utilizado por esses escritores que devemos procurar os elementos da identidade entre os escritores comunistas, mas sim no modo como o tema foi tratado por eles. Já pode estar claro para o leitor que tais escritores, não tematizam o *povo e/ou trabalhador* apenas como elementos constituintes de uma realidade que aparece aos seus olhos. O modo como se utilizam destes personagens, ficcionais ou históricos, têm um papel de relevância na construção de seus discursos. Seus personagens populares são investidos de uma missão histórica: realizar a transformação social, a revolução e a construção do socialismo.

Mas não foram só os “*intelectuais comunistas*” que se utilizaram de uma temática popular; esta temática invadiu grande parte da produção literária e artística no início dos anos trinta. Em 1933, Di Cavalcanti escreveu sobre o assunto nas artes plásticas:

“Tolstói considerava a arte como um dos meios de socialização dos sentimentos. O artista, diz esse gênio da Alemanha moderna, Jorge Groz, é um proletário; deve, portanto, compreender o proletariado, aderir a seus objetivos sociais e políticos que são leis orgânicas e históricas.” ³⁷

Este tipo de preocupação sensibilizou Candido Portinari. Em um óleo sobre tela, **Café** (1934), o artista retrata uma plantação de café, na qual mulheres, crianças e homens negros de lábios grossos e pés descalços - todos vestidos de branco e com uma expressão resignada no olhar -, se encarregam da colheita das frutinhas vermelhas do cafezal. Todo trabalho é vigiado e controlado por um capataz altivo e de dedo em riste, colocado no canto esquerdo da tela, como se naquela posição pudesse tudo controlar e vigiar. Há a denúncia de que os trabalhadores são ameaçados por um capataz, ao mesmo tempo em que a grandeza dos trabalhadores supera em muito a pequenez do capataz. O trabalhador e o trabalho que realiza são, desta forma, valorizados pelos pincéis do artista plástico.

³⁶ CAMPOS, *op. cit.*, p. 102.

³⁷ Apud: João Batista Berardo, O político Candido Torquato Portinari. São Paulo, Edições Populares, 1983, p. 48.

Ferreira Gular comentou a guinada temática de Portinari a partir da tela **Café**:

*“ A realidade social impõe novos graus de realismo à visão artística, exige maior conhecimento do país e de seu povo. [...] A partir desse momento, Portinari se empenharia nessa tarefa. Produzindo uma arte voltada para a captação da problemática social brasileira.”*³⁸

Assim, abordar os problemas sociais brasileiros passou a ser, para uma parte dos “*intelectuais*” - em especial, para os “*intelectuais comunistas*” -, uma maneira de conceber o personagem “*popular*”.

As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro concentravam boa parte dos escritores e artistas já reconhecidos ou em busca do reconhecimento do público e da crítica especializada, dividindo suas atividades entre a literária e a jornalística. Os pontos de encontros eram as livrarias José Olympio, cuja sede ficou instalada em São Paulo até 1934 quando mudou-se para o Rio, a Guarnier, a Católica; os bares mais freqüentados, o Vermelho e o Amarelo.

Pela manhã e nos finais de tarde, a livraria da editora José Olympio reunia literatos que discutiam o comunismo e o fascismo, o integralismo e o governo de Getúlio Vargas, as teorias literárias, os recém-publicados livros de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, discutiam Kafka que também acabava de ser publicado no Brasil... A editora publicava diversos gêneros. Quanto aos autores faziam parte da lista da “Casa” - termo que o próprio proprietário usava -, escritores de diversas correntes políticas. Segundo Jorge Amado:

*[...] a Casa foi pátria e família de mais de uma geração de literatos - poetas, ficcionistas, cronistas, ensaístas - do modernismo aos jovens dos anos quarenta: o romance de trinta, os estudos brasileiros. Louve-se ademais a isenção política, plúmbeos das ideologias mais opostas, esquerda e direita, comunistas e integralistas [...]*³⁹

Mais que mostrar a isenção política do editor, Jorge Amado fala da polarização política que vivia naquele período, que foi sendo radicalizada conforme os anos trinta foram acabando. Será, então, a formação desta visão polarizada de mundo o assunto do próximo item.

³⁸ Apud: idem, *ibid.*, p. 49.

³⁹ Jorge Amado, Navegação de cabotagem. Rio de Janeiro, Editora Record, 1992, p. 323.

2. Paraíso Socialista

Em **Serafim Ponte Grande** encontramos uma outra forma de identificação com o comunismo. Se por um lado, escritores comunistas produziram personagens que expressam uma temática considerada “popular”; por outro, a iminência do fim da burguesia também fez parte desta mesma temática. Oswald de Andrade avisa no Prefácio que o livro é o “*necrológico da burguesia*”. Narra as aventuras de um ex-funcionário público que, ao se apropriar de uma grande soma de dinheiro pertencente ao grupo revolucionário que seu filho guardava, vai viajar pelo mundo. Porém, mais importante que o enredo do romance, as palavras do Prefácio revelam outra forma de Oswald de Andrade assumir a posição política anteriormente definida:

*“O caminho a seguir é duro, os compromissos opostos são enormes, as taras e as hesitações maiores ainda. Tarefa heróica para quem já foi Irmão do Santíssimo, dançou quadrilha em Minas e se fantasiou de turco a bordo. Seja como for. Voltar para trás é que é impossível. O meu relógio anda sempre para frente. A História também.”*⁴⁰

E já que para Oswald a história anda sempre para frente, a URSS acaba se tornando um lugar onde existe a mais avançada organização social. Dentre os diversos romances e peças teatrais de Oswald, escritos durante a década de 1930, propositadamente foi escolhida a peça teatral **O Homem e o Cavalo**, publicada em 1934. Esta escolha deveu-se ao conteúdo explicitamente favorável à URSS, como tentativa de elucidar a relação que o autor estabeleceu com este país e, ao mesmo tempo, para compará-lo com outros “*intelectuais comunistas*”.

A peça se divide em nove quadros que, segundo Sábato Magaldi, era uma grande inovação para o período, já que as peças teatrais eram escritas em apenas três quadros⁴¹. Do primeiro quadro, “O céu”, ao último, “O planeta vermelho”, o texto é recheado de frases-feitas do movimento comunista ligado à Terceira Internacional. O espírito satírico que dá o tom ao texto pode até levar o leitor dos anos noventa a uma leitura diferente do sentido pedagógico que teve originalmente.

⁴⁰ Oswald de Andrade, **Serafim Ponte Grande**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1972, p. 133.

⁴¹ Sábato Magaldi, “*A mola propulsora da utopia*”, in: Oswald de Andrade, **O Homem e o Cavalo**. São Paulo, Editora Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 6.

A cena do primeiro quadro se passa num carrossel velho, onde há uma inscrição *"Deus-Pátria-Bordel-Cabaço"*. A alusão é explícita à palavra-de-ordem usada pelos integralistas. A Ação Integralista Brasileira (AIB) havia sido fundada em outubro de 1932 e era dirigida por Plínio Salgado, velho inimigo *modernista* de Oswald de Andrade. A tríade da AIB era formada de acordo com o seu programa:

*"O que o integralismo combate é o regime comunista, que pretende: escravizar nossa Pátria como colônia da Rússia Soviética; degradar a mulher e destruir a família pelo amor livre; transformar Deus em boneco fantasiado."*⁴²

Oswald substituiu a *família* dos integralistas por *bordel-cabaço*. Esse primeiro quadro é representado por São Pedro, pelo professor Icar, pelo Poeta-Soldado, por Divo, por 4 garças e pelo cachorro Swendemborg, no qual Oswald narra o cotidiano enfadonho do Céu. O personagem mais interessante deste primeiro quadro é o Poeta-Soldado que vivia pregando a guerra como única forma de regenerar a humanidade. O Céu decadente tem também um São Pedro em decadência, cuja virilidade havia sido perdida, mas não deixava de ser um profundo conhecedor das ciências do homem terrestre, anunciando que vivia no *"céu físico do [seu] compatriota Einstein - o céu do tempo"*.

A vidinha maçante dos moradores do Céu é agitada pela chegada do professor Icar, que havia construído uma *"estratonave"* denominada Ícaro I e que acabou levando-o ao Céu. Empolgados com a possibilidade de voltarem à Terra, os moradores do Céu entraram na Ícaro I com destino certo: o mundo terreno.

No terceiro quadro, Oswald narra a chegada dos moradores do Céu na Terra, mais especificamente na Inglaterra, em um campo de corrida de cavalos. Na primeira cena, o Cavalo de Tróia debate com o Cavalo Branco de Napoleão sobre qual dos dois poderia ser o cavalo mais histórico. Oswald, então, anuncia o início de uma guerra e começa uma grande confusão. Em meio à confusão aparece Job, que pede a palavra:

"A VOZ DE JOB - Eu sou Job, o pedagogo. Resolvi há três mil anos o problema do empregado que quer ficar sócio do patrão. Avacalhai-vos! eis o meu lema. Um dia talvez Deus tenha dó! Então ele vos dará o dobro do que tirou. A mais-valia por intermédio da

⁴² Folheto da AIB de Jaboticabal, 1934. Apud: Marly de Almeida Gomes Vianna, **Revolucionários de 35. Sonho e Realidade**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1992, p. 108.

Providência. E tereis de novo honras, mulheres, festins. A família vos abandonará quando estiverdes na miséria. Mas voltará, quando ficardes rico outra vez. Talvez traga alguns rebentos a mais. Não faz mal. O pai é sempre o marido. A legitimidade é feita pela herança. Deus quer assim!

ICAR - Mas é a propaganda da mansidão e do servilismo.

*A VOZ DE JOB - Qualquer revolta é insensata. O homem nasceu para a desgraça como o pássaro para voar!"*⁴³

O trabalho se torna um personagem com características humanas, sem escrúpulo, mau e cruel. Dessa forma, Oswald tematiza a revolta social e a religião, introduzidas, no desenrolar da narrativa, sob o ponto de vista do grupo de personagens representantes de um mundo em decadência, que revelam o caráter reacionário e conservador do grupo.

O quarto quadro se intitula "A Barca de São Pedro" e inicia-se com um diálogo entre Mister Byron e Lord Capone como se eles fossem velhos amigos. A posição do pronome de tratamento (*Mister* e *Lord*) invertido parece representar a visão do autor de um mundo burguês em plena confusão no processo de decadência⁴⁴. Mas o diálogo mostra, também, a visão que Oswald tem desses representantes do mundo burguês: Mister Byron revela seu lado conservador ao confessar que, além de fazer parte da *frente única contra a URSS*, julgou sempre a miséria como uma necessidade social; e Lord Capone se vê injustiçado pela burguesia, que, segundo ele, nunca o compreendeu. Mesmo assim, Capone considera-se um fiel à esta classe já que sempre foi um "moralista, um inimigo do comunismo e da Rússia".

O diálogo se interrompe com a chegada de São Pedro e do professor Icar que, juntos, dão continuidade ao diálogo. Neste ponto, Oswald expressa sua opinião sobre a *pequena burguesia*:

"São Pedro - Eu sou materialista. Nunca acreditei em Deus nem quando andei com ele pela Terra Santa.

Icar - Pois eu creio e espero!

*Lord Capone - É o papel da pequena burguesia!"*⁴⁵

⁴³ OSWALD, O Homem e o Cavalo, op. cit., p. 49.

⁴⁴ SÁBATO, op. cit., p. 8.

⁴⁵ OSWALD, O Homem e o Cavalo, op. cit., p. 58.

Mais do que crer e esperar por Deus, o papel da *pequena burguesia* é crer em projetos de outras classes sociais (burgueses ou operários) e esperar que elas lutem entre si, para que obtenha vantagem. O papel oscilante da *pequena burguesia*, construído por Oswald de Andrade, relaciona-se com um mundo que se divide antagonicamente em duas classes: burguesia e proletariado. Estas duas classes são representadas também através do conflito entre as suas respectivas formas de organização social: capitalista e socialista.

O diálogo entre os representantes de um mundo burguês é repentinamente interrompido com o discurso do mestre da barca, que chega correndo e anuncia: “- *Finalmente encontrei a alta sociedade [...]*”, causando uma grande discussão. Cada vez mais exaltado, o mestre da barca anuncia que mudará o rumo da barca, que irá dirigir-se aos estaleiros, cujo objetivo será o de revoltar seus irmãos trabalhadores. Mesmo sob os protestos dos representantes da burguesia, a barca chegou aos estaleiros.

O quinto quadro tem início com os pedidos desesperados de São Pedro e seus companheiros de viagem para que os tirassem de lá. São Pedro tenta, então, convencer os operários, mas percebe a chegada do Soldado Vermelho de John Reed:

“A voz do Soldado Vermelho - Eu não quero saber de filosofia nem de arte. O que eu sei é que há duas classes - opressores e oprimidos! Burgueses e proletários!

São Pedro - (Tomando do seu alto-falante e dirigindo-se às massas) Vocês não estão preparados para tomar o poder. Pleitearei novas reformas sociais!

Vozes do Cais - Tapeação! Conhecemos o jogo desesperado da burguesia!

*A voz do Soldado Vermelho - Para comer e trepar todos os homens estão preparados!”*⁴⁶

Aqui, a sátira se confunde com o jargão do movimento comunista, como se o problema da injustiça social pudesse ser resolvido com o acesso à alimentação e com a liberdade sexual. Incitados pelo Soldado Vermelho e pelo Mestre da Barca, os marinheiros deixam seus postos e avançam em direção a São Pedro. “*A Internacional toma conta da Barca e do Mundo.*” Além disso, a referência a John Reed, escritor norte-americano, autor do célebre livro ***Os dez dias que abalaram o***

⁴⁶ idem, ***ibid.***, p. 64.

mundo ⁴⁷ pode estar relacionada com a inauguração um tipo de literatura de conteúdo propagandístico e positivo sobre a URSS, ainda que estes não tenham sido os objetivos do próprio autor. Foi neste período que surgiram os relatos de viagens.

No quadro seguinte, São Pedro e Icar se encontram sentados no asfalto como se fossem mendigos. Então, entra em cena a “*maior usina do mundo socialista*”. Do seu alto-falante, ouve-se a voz de Stálin:

“A voz de Stálin - O Socialismo é o poder dos Soviets mais a eletrificação. Eis o testamento de Lénin. Novas cidades saíram dos desertos, das estepes, das planícies. Do século da madeira passamos ao século do motor e ao do aço. A economia agrícola repousa agora sobre a base técnica da grande produção moderna. [...]

- Passar do cavalo camponês ao cavalo da indústria construtora de máquinas, eis o plano central do poder Soviético. Escutai a metáfora leninista. Passar de uma alimária à outra. Da alimária do campo, do cavalinho que convém a um país arruinado de camponeses ao cavalo que o proletariado procura e deve procurar, o cavalo da indústria, o cavalo-vapor. [...]

- É preciso sonhar! Quem vos falava assim era o camarada Lénin. Ele ensinou que o vosso sonho deve sobrepujar o curso natural dos acontecimentos. Sonhar não vos faz nenhum mal. O sonho sustenta e anima. O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de perigoso se quem sonha crê seriamente em seu sonho, se trabalha para a realização de seu sonho. Quando há contato entre o sonho e a vida tudo vai bem. [...]

São Pedro - Somos o fim de um mundo.” ⁴⁸

Ainda que hoje pudéssemos ler esses trechos como uma sátira, a forma como o autor aludia a Stálin nos revela qual o tipo de engajamento político o autor praticou. A fala de Stálin refere-se sempre a Lénin, a qual indica-o como o herdeiro legítimo do legado político de seu antecessor. O programa socialista contido nos argumentos de Stálin-personagem envolve a necessidade urgente de transformar um país camponês atrasado em um país industrializado. Dessa forma, o autor

⁴⁷ Este livro de John Reed foi publicado nos Estados Unidos em 1919. Neste mesmo ano o livro contou com três edições. Na URSS a primeira edição surgiu em 1923, sendo dez vezes reeditado até o ano de 1930. No Brasil, a primeira edição deste livro data de 1930, publicado pela Editora Lux. No ano seguinte a mesma editora publicou a segunda edição deste volume, incluindo os prefácios traduzidos de Lenin e Krupskaya feitos para as edições russas, in: Edgard Carone, **O Marxismo no Brasil**. Rio de Janeiro, Dois Pontos Editora, 1986, p. 132.

⁴⁸ idem, **ibid.**, p.75.

mostra qual o socialismo que propõe e defende, através da imagem positiva da URSS, ao estar engajado politicamente no comunismo.

O sétimo quadro, *"A verdade na boca das crianças"*, dá continuidade às críticas ao capitalismo. Trata-se de um diálogo entre algumas crianças, ao qual São Pedro, Icar e Madame Icar assistem. Uma das crianças começa a narrar a vida de *"antigamente"*, quando ainda existia a propriedade privada, as guerras que ela causava e as igrejas. Afirma que as igrejas serviam para manter a propriedade privada, assim como a herança era a forma através da qual as famílias mantinham suas propriedades. Explica que o sistema de herança transformou a família, através do casamento monogâmico, do qual a mulher tornou-se escrava. Por fim, a criança narra como o *povo se revoltou e acabou construindo um mundo novo, um "mundo do cavalo-vapor. A socialização e a paz."*⁴⁹

Madame Icar resolve, então, conversar com as crianças e estas acabam lhe contando como são suas vidas no mundo socialista-soviético. Afirmam que fazem parte da *"família socialista"*, que nas escolas aprendem que o papel da religião é tão somente para fazer o povo esquecer da miséria em que vive. São Pedro intervém na conversa, pedindo licença ao médico que examinava as crianças. Afirma que, vindo de um *"país longínquo e passadista"*, interessava-lhe saber mais sobre esse outro mundo. O médico lhe explica que não ocorrera nenhum milagre nas transformações implantadas no mundo socialista. O que havia ocorrido, segundo ele, era apenas a aplicação da *"ciência social"*, que nada tem de misterioso. O médico encerra a conversa com um longo discurso de loas ao socialismo, afirmando, por exemplo, que no socialismo não há mais desigualdade social, nem adultério, nem sífilis, nem cadeias, nem loucura, nem desemprego, nem assassinatos, nem depravações. Para finalizar sua palestra, recorre aos números de diversas estatísticas e argumenta como o socialismo é melhor que o capitalismo.

O penúltimo quadro, *"Tribunal"*, é o julgamento de Cristo pelo mundo socialista. Aqui, Oswald realiza uma verdadeira revisão histórica da cristandade do ponto de vista comunista. E, ao final, para dar o veredicto no julgamento, foi chamada a Camarada Verdade:

"A Camarada Verdade - Eu sou a Verdade! Sou a defesa da espécie. Da humanidade pobre que habita um planeta milionário. Fui a geografia de Ptolomeu e a geometria de

⁴⁹ idem, *ibid.*, pp. 81 a 83.

Euclides. No meu caminho tortuoso, ensombrado e dialético, fui sempre a certeza dos que trabalham. Fui a voz dos profetas bíblicos que mandaram arrasar a Babilônia capitalista. Morei nas Catacumbas. Fui o platonismo e a patrística, enquanto se conservaram fiéis às reivindicações sociais de seu tempo. Compareci ao tribunal de Galileu. Humanista do século XVI, eu vinha das batalhas populares da Idade Média, onde fui a força rude dos camponeses e a consciência de Albi. Estive na caravela de Vasco da Gama. Acompanhei a travessia de Colombo. [...]

- Subi à fogueira de Bruno e à de Servet. Morei com os alquimistas. Fui companheira de Cromwell e assisti a agonia de Marat. Preparei o advento da Máquina. Flama do socialismo utópico, fui a base do socialismo científico. Morei na cabeça genial de Hegel e na de Fierbach. Hoje sou a física de Einstein e a ciência social de KARL MARX!"⁵⁰

Oswald de Andrade constrói um mundo socialista no qual a *ciência* é um elemento importante de sua constituição. Ao usá-la, através da Verdade-personagem no julgamento de Cristo, o autor está aludindo à uma *ciência* vista em contraposição à religião. Ao mesmo tempo, a pretensa reconstituição da história da humanidade em muito se assemelha a um conhecido poema de Bertold Brecht:

"Quem construiu a Tebas das sete portas?

Nos livros constam os nomes dos reis.

Os reis arrastaram os blocos de pedra?

E a Babilônia tantas vezes destruída

Quem as ergueu tantas vezes? [...]

Uma vitória em cada página.

Quem cozinhava os banquetes da vitória?

Um grande homem a cada dez anos.

Quem pagava suas despesas? [...]"

Tal como em Caio Prado Júnior, há um movimento generalizado dos *intelectuais comunistas* em busca de uma nova forma de interpretar o passado. Porquanto, esta nova leitura do passado contrapôs-se àquela que só reconhecia os acontecimentos dos que detiam o poder, propondo uma leitura que fosse realizada a partir daqueles que estavam no extremo oposto do poder institucional.

No final da peça, os representantes do mundo burguês viram-se impossibilitados de qualquer ação de resistência às formas de organização

⁵⁰ idem, *ibid.*, p. 105.

econômica e social do mundo socialista. Acomodaram-se à situação, vivendo de recordações do passado.

Deste último quadro, vale ressaltar duas passagens. A primeira refere-se ao momento em que Icar afirma que a burguesia estava mesmo liquidada na Terra e que o rádio acabava de anunciar o suicídio de Hitler. Presságio de Oswald, já que ainda se encontrava em 1934 e a II Guerra Mundial nem havia começado? Não! O suicídio de Hitler, no texto de Oswald, está relacionado com a projeção do fim de uma sociedade capitalista, que seria inevitavelmente substituída pela sociedade socialista. O projeto de transformação da sociedade capitalista em socialista, neste caso, tinha como referencial obrigatório a própria URSS.

A outra passagem se refere à Gare Interplanetária, o ponto de chegada e partida de várias excursões em visita à Terra Socialista, vindas de Marte, Vênus, Platão, etc. Oswald de Andrade apresenta a URSS como um outro mundo, um mundo diferente do capitalista. Assim, o autor entende o socialismo como uma transformação mundial. Esse entendimento está também relacionado com a sua visão sobre a revolução e sobre a construção do socialismo.

Talvez as primeiras relações de Oswald de Andrade e Pagu com o comunismo tenham sido através de pessoas ligadas à Oposição de Esquerda no Brasil. Mário Pedrosa, um dos organizadores do movimento trotskista no Brasil, viajou para a Europa, chegando na Alemanha e França, entre 1927 e 1929. Lá, esteve em contato com muitos dos futuros organizadores e participantes da Oposição Internacional de Esquerda. De volta ao Brasil, Mário Pedrosa afirmou em uma carta a Lívio Xavier, outro organizador da Oposição de Esquerda no Brasil, ter conhecido Oswald de Andrade:

*“Conheci a Tarsila, muito, mas muito mais interessante que sua pintura sem importância e conheci Oswald, sujeito simpático e engraçado. Anda me procurando pra conversar e afirmando os pontos de contato da antropofagia com o comunismo. Disse a ele que fizesse um congresso e convocasse a nós todos e então discutiríamos etc. Ficou combinado isso.”*⁵¹

Desta forma, é possível que Oswald de Andrade ainda em 1933/1934, período em que escreve a peça **O Homem e o Cavalo**, defendesse a “revolução

⁵¹ Carta de Mário Pedrosa a Lívio Xavier, Rio de Janeiro a São Paulo, agosto/setembro de 1929. Apud: MARQUES NETO, op. cit., p. 312.

mundial” e não o “*socialismo num só país*”. Estas teses, a primeira defendida por Trotski e a segunda por Stálin, foram a causa de grandes e inúmeros debates cristalizando a divisão do movimento comunista internacional entre trotskistas e estalinistas. Mas Oswald, nesta peça, consegue unir ambas, defendendo ao mesmo tempo a URSS e uma idéia de revolução mundial.

Pagu, por esta época, andava pela Europa. Em Paris, Pagu viveu na casa de Elsie Houston e Benjamin Péret e, através do casal, conheceu vários surrealistas, entre eles Breton, Aragon, Elluard e Crevel. Em maio de 1935, vai à URSS e escreve um cartão-postal para Oswald:

*“Meu bem
Te mando este
de Moscow -
Isto aqui
é fantas
tico sem fan
tasia -
Tou besta.”*⁵²

A URSS tornava-se o centro na propaganda organizada pelos “*intelectuais-comunistas*” comprometidos com uma proposta de transformação social definida a partir da IC e do PCB. Este foi também o caso de Caio Prado Júnior.

As viagens de brasileiros para a URSS tiveram início ainda na década de 1920, cujo objetivo dos viajantes enviados pelo PCB, era participar de reuniões organizadas pela Internacional Comunista; como, por exemplo, Antônio Bernardo Canelas e Astrojildo Pereira.

No início da década de 1930 estas viagens de caráter exclusivamente partidário continuaram a existir, mas também organizam-se viagens de *intelectuais*, fossem comunistas ou não, com objetivo de estabelecerem relações de intercâmbio cultural e/ou por curiosidade jornalística/documental.

Em 1931 Tarsila do Amaral e Osório César (psiquiatra) foram à URSS, onde a artista realizou uma exposição de suas pinturas no Museu de Arte Moderna. De volta ao Brasil, o casal organizou uma exposição de cartazes soviéticos no Clube dos Artistas Modernos, dirigido por Flávio de Carvalho. Aliás, este centro cultural foi

⁵² Apud: FONSECA, *op. cit.*, p. 204. Há, no entanto, outra versão para o mesmo cartão-postal, que no lugar de “*fantástico sem fantasia*”, encontra-se “*jantar frio sem fantasia*”, in: CAMPOS, *op. cit.*, p. 328.

muito visado pela polícia e várias de suas atividades foram proibidas como, por exemplo, a peça de Oswald de Andrade, **O homem e o cavalo**. Osório César publicou um livro propagandístico sobre a URSS, denominado **Onde o proletariado dirige...**, cujo prefácio foi assinado por H. Barbusse.

Após a publicação de **Evolução política do Brasil...**, Caio Prado faz uma viagem à URSS. Quando retorna, publica **URSS, um mundo novo** em 1934. O relato de Caio Prado é dividido em quatro partes: organização política, econômica, social e as realizações da URSS. A organização do relato leva o leitor a considerar somente os aspectos positivos da experiência soviética. A estrutura do texto segue uma lógica: a explicação teórica é enfatizada em detrimento de uma suposta descrição. Ao mesmo tempo, a explicação teórica é utilizada pelo autor também como forma de justificar os problemas que encontrou naquele país.

A interpretação de Caio Prado está calcada em dois pressupostos complementares. Para afirmar que a experiência soviética não é uma tentativa de realizar um projeto utópico, o autor explicita, ao mesmo tempo, sua visão sobre a história:

“A sociedade humana não é um conjunto de tintas que um pintor combina à vontade. É um organismo vivo que evolue de acordo com leis que podem ser cientificamente determinadas, e que não estão sujeitas ao arbítrio de doutrinadores, por mais bem intencionados que sejam. E ninguém sabe disto melhor que os bolchevistas, cujo senso prático, assente numa concepção rigorosamente objetiva e científica dos fatos sociais, e apurado por uma longa luta revolucionária que sempre os colocou no fogo dos mais vivos e intensos embates humanos, não se deixariam levar pelas miragens de uma utopia por mais generosa que fosse.”⁵³

O autor se utiliza de um suposto prestígio adquirido pela *ciência* para legitimar e comprovar a idéia da racionalização e planejamento da experiência soviética, apresentada como a forma mais avançada de organização social. Neste processo, o papel preponderante concedido pelo autor aos bolcheviques é justificado pelo uso dessa *ciência*. Entretanto, não é em qualquer *ciência* que os bolcheviques fundamentam suas propostas; é a *ciência social* de Karl Marx que lhes fornece os instrumentos necessários para o conhecimento da realidade e, assim, prosseguirem a construção da sociedade socialista.

⁵³ Caio Prado Júnior, **URSS, um mundo novo**. 1a. edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934, p. 58.

Trabalhando com o termo *organismo vivo*, expressão originária da biologia e influenciada por Darwin, Caio Prado relata o modo como vê a sociedade. Como um *corpo* que tem seus próprios mecanismos de movimento, a sociedade aparece através de uma imagem de cabeça, tronco e membros. Quem e/ou o que seria a cabeça que dirige a sociedade? No caso da URSS, a resposta está no próprio trecho citado: os bolcheviques, já que o autor os considera herdeiros da *ciência marxista* e os mais experientes nas lutas sociais. Assim, a cabeça da URSS, os bolcheviques, têm autoridade suficiente para dirigir o *organismo vivo*.

No capítulo intitulado “*Organização Política*”, Caio Prado parece estar muito próximo dos textos de Lênin. A estrutura política da URSS, segundo Caio Prado, é baseada nos sovietes. A partir daí, o autor organiza a sua interpretação histórica da revolução de 1917 na Rússia, iniciando esta história com uma volta à Comuna de Paris (1871). Aqui, o autor valoriza os sovietes como a base da organização social na URSS. Ora, essa é a mesma estrutura utilizada por Lênin no livro ***O Estado e a Revolução***.

O texto de Lênin foi escrito no exílio entre a revolução de fevereiro e a de outubro em 1917. Sendo assim marcadamente influenciado por tais acontecimentos, os quais colocaram para os bolcheviques a questão do poder institucional. Lênin objetivou com o texto sistematizar sua leitura do livro de Marx, ***A Guerra Civil em França***, no qual interpretou a Comuna de Paris. Lênin levanta como questão central o poder proletário, que se constitui: pelo Estado proletário, por sua base organizativa e por definir seus membros. Não é à toa, portanto, que o relato de Caio Prado, no capítulo “*Organização Política*”, aborda a ditadura do proletariado, os sovietes e o partido comunista da URSS. Para este autor, a URSS é organizada através do Estado proletário, sob a forma de ditadura do proletariado, que por sua vez se baseia nos sovietes, isto tudo dirigido pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Vale a pena discutir alguns pontos relacionados no texto de Caio Prado e no de Lênin. Sem querer simplificar o texto de Lênin, duas idéias parecem centrais e são coerentes com os argumentos usados por ele em ***Que fazer?***:

“Em virude de seu papel econômico na grande produção, só o proletariado é capaz de ser o guia de todos os trabalhadores e de todas as massas que, embora tão exploradas,

escravizadas e esmagadas quanto ele, não são aptas para lutar independentemente por sua emancipação.”⁵⁴

“Educando o partido operário, o marxismo forma a vanguarda do proletariado, capaz de tomar o poder e de conduzir todo o povo ao socialismo, capaz de dirigir e de organizar o novo regime, de ser o instrumento, o chefe e o guia de todos os trabalhadores...”⁵⁵

Ele parte do pressuposto de que só os proletários como classe serão capazes de realizar a *revolução* e organizar o Estado proletário. Lênin, no entanto, afirma que o cumprimento de tal tarefa não poderá ser realizada pelos trabalhadores sozinhos. Aqui, Lênin está, em certa medida, reproduzindo uma das críticas de Marx à Comuna de Paris, o qual acusava os anarquistas de espontaneístas; e enfatizando a possibilidade de aliados do proletariado no processo revolucionário e no de construção do socialismo. Mas, de acordo com os dois trechos citados, o sujeito desses processos é o marxismo, adquirindo com Lênin independência, tornando-se mais que um instrumento de análise.

Já que os bolcheviques são os únicos que detêm a *ciência* marxista, Lênin acabou considerando os soviets como embriões da sociedade socialista só quando os bolcheviques estavam prestes a ser hegemonia em suas direções. Caio Prado compartilha esta visão. Ao apresentar a ditadura do proletariado na URSS como a ditadura da classe operária sobre outras classes, justifica a existência de um poder operário dirigido pelos bolcheviques⁵⁶. E, ao fazer o histórico dos soviets, compartilha a idéia de que estes só se tornaram realmente revolucionários e capazes de construir o socialismo, quando os bolcheviques tornaram-se maioria em suas direções⁵⁷.

Neste ponto, a idéia de *vanguarda* torna-se preponderante para o desenvolvimento do argumento tanto no de Lênin como no de Caio Prado. Este último afirma:

[...] os membros do partido comunista não são apenas eleitores e contribuintes, ou meros endossantes de programas políticos: formam a vanguarda da revolução, os seus orientadores. [...] eles são os condutores da massa trabalhadora soviética no caminho da edificação de uma nova sociedade. [...] Um comunista é sempre um modelo. Pode-se ter a

⁵⁴ V. I. Lênin, **O Estado e a Revolução**, São Paulo, Editora Hucitec, 1978, p. 32.

⁵⁵ idem, **ibid.**, p. 33.

⁵⁶ PRADO JÚNIOR, **URSS, um mundo novo, op. cit.**, p. 13.

⁵⁷ idem, **ibid.**, pp. 26 e 27.

*certeza que a fração comunista de uma fábrica ou de outra empresa qualquer é sempre composta de seus melhores elementos e reconhecidos por todos. O partido forma por isso a vanguarda da classe, a sua parte mais conciente [sic] e capaz.”*⁵⁸

Até aqui nada diferente das noções de Astrojildo Pereira na década de 1920. Além disso, Caio Prado, ao caracterizar um comunista soviético, está também falando de si mesmo como comunista, definindo o seu papel como tal e reforçando a caracterização apresentada anteriormente por Astrojildo: um *condutor das massas*.

Mas, nem tudo são flores no *paraíso socialista*... Caio Prado se atém à questão da burocracia que, segundo ele, ainda persistia na URSS:

*“A sua supressão completa depende naturalmente de uma educação política e administrativa da massa trabalhadora que não poderia ser atingida no período relativamente curto da revolução. [...] Para fazer face a estas múltiplas funções não se podia contar unicamente com a colaboração de uma massa sem preparo e a experiência necessárias.”*⁵⁹

Entretanto, muito diferentemente dos grupos troskistas, Caio Prado não considera essa persistência como um problema central de degenerescência do Estado soviético. Ao contrário, a justifica com o argumento de que falta experiência à *“massa trabalhadora”* para assumir as funções do *Estado Proletário*.

Ao afirmar a falta de preparo dos trabalhadores, Caio Prado, assim como grande parte dos comunistas, articula um projeto de sociedade no qual a cabeça do organismo vivo é indispensável. Do mesmo modo como afirma que a existência da *vanguarda* se justifica pela impossibilidade de ações autônomas e independentes destes trabalhadores. Só os mais *conscientes e capazes*, só a *vanguarda*, só os comunistas estão aptos a dirigirem a transformação social e a sociedade transformada; isto tudo, sob o pretexto de defenderem a *massa de explorados e oprimidos*.

Agora, é possível entender porque Caio Prado, ao analisar o processo de Independência do Brasil em relação a Portugal, em *Evolução Política do Brasil...*, qualificou as *camadas populares* como politicamente imaturas. Caio Prado, ao se ligar a uma corrente teórica marxista, entende que a transformação social do capitalismo para o socialismo só pode ocorrer com a formação da classe operária, já

⁵⁸ idem, *ibid.*, pp. 45 e 46.

⁵⁹ idem, *ibid.*, pp. 36.

que esta é a classe dirigente do processo revolucionário. Mesmo para o período a partir de 1822, Caio Prado tem uma interpretação muito singular do Brasil:

*“O regime de capitâneas foi em princípio feudal. [...] Este ensaio de feudalismo não vingou. [...] Aqui, uma só riqueza: os recursos naturais; daí uma só forma de exploração: a agricultura e a pecuária, subordinadas ambas à posse fundiária.”*⁶⁰

E, na conclusão do livro, Caio Prado é categórico:

*“A evolução política progressista do Império corresponde assim, no terreno econômico, à integração sucessiva do país numa forma produtiva superior: a forma capitalista.”*⁶¹

Esta interpretação era muito diferente da direção do PCB, na qual a estrutura da posse da terra no Brasil se caracterizava pelo feudalismo e pelo latifúndio. Entretanto, Caio Prado não deixou de partilhar com outros comunistas uma idéia comum de transformação social, de socialismo e do papel do partido comunista e de seus membros.

Desta forma, é difícil concordar com análises que sugerem uma separação entre a obra de história e o relato de viagem, sendo esse considerado mais como um documento do militante e não do historiador, como faz Leandro Konder⁶². Isto não significa dizer que há um reducionismo teórico em Caio Prado por ser comunista, significa somente afirmar que seus pressupostos acompanham tanto suas interpretações da história como seus documentos explicitamente políticos, se é que podemos fazer esta distinção.

Mas, destes dois textos de Caio Prado, podemos concluir duas questões. A primeira se refere ao público que o autor intencionava atingir. No relato de viagem, Caio Prado parece atingir um público que extrapolaria as fronteiras partidárias. Ainda que fossem os militantes do PCB os mais interessados na experiência soviética, tal país era pouco conhecido no Brasil, as notícias chegavam apenas pela grande imprensa nacional e, para os que tinham acesso, pela imprensa internacional. No prefácio do relato, Caio Prado afirmou ter publicado o livro porque ficou com medo de tornar-se um “*relógio de repetição*”, já que a todo instante chegavam pedidos para que ele fizesse uma palestra sobre a URSS. No entanto,

⁶⁰ idem, *Evolução Política do Brasil...*, op. cit., pp. 18 e 19.

⁶¹ idem, *ibid.*, p. 189.

⁶² Leandro Konder, “*A façanha de uma estréia*”, in: D’INCAO, op. cit., p. 138.

vale ressaltar que em grande parte este relato poderia ter sido escrito sem que o autor houvesse estado naquele país. Não há no relato muitas observações sobre a vida soviética; há insistentemente um esquema teórico que justifica a forma de organização econômica e política soviéticas, e as medidas sociais que estavam sendo implantadas como, por exemplo, as transformações do sistema educacional público.

Já no livro em que interpreta a história da Independência do Brasil o público que o autor busca parece ser mais reduzido. Apesar de advertir que pretendia colocar ao alcance de “*todo mundo*” uma história que não fosse a glorificação dos “*grandes feitos e grandes homens*”, a linguagem utilizada não pode ser considerada popular. O estilo é mais ensaístico e pouco jornalístico, o que pode ter reduzido o público leitor.

Entre os anos de 1932 e 1934, como vimos, o movimento contra o nazifascismo tornava-se internacional e vários *intelectuais* participavam ativamente dele. No dia 1o. de maio de 1932, Rolland escreveu para o jornal *L'Humanité* um apelo:

“A Mãe Pátria está em perigo! Nossa Mãe Pátria Internacional. [...] A URSS está ameaçada. Em consequência, o mundo inteiro encontra-se à beira do colapso.”⁶³

Mas diferente da linguagem utilizada por Rolland para caracterizar a URSS, Caio Prado a compara à construção de um imenso arranha-céu, na qual madeiras, andaimes, paredes mal-acabadas, sacos de cimento e areia convivem com os trabalhadores, cujo objetivo comum era o de terminarem a construção do prédio⁶⁴. A imagem utilizada para sintetizar a idéia de construção é a de um imenso “*formigueiro*”. Ainda que “*formigueiro*” não tenha nada a ver com “*família*”, ambas imagens representam uma forte idéia de algo coletivo.

Em São Paulo, em 1934, criou-se o *Comitê Internacional Provisório de Luta contra a Guerra Imperialista e o Fascismo*, filiado ao movimento de Rolland e Barbusse e, neste mesmo período, Astrojildo Pereira publicou um livro denominado *URSS, Itália, Brasil*, cuja edição foi em grande parte financiada por ele próprio.

A primeira parte, sobre a URSS, é uma espécie de compilação de algumas cartas que escreveu quando esteve neste país. Tais cartas datam de 1929, com

⁶³ Apud: Herbert R. Lottman, *op. cit.*, p. 86.

⁶⁴ PRADO JÚNIOR, *URSS, um mundo novo*, *op. cit.*, pp. 239 a 241.

exceção da última parte que foi escrita no Brasil em 1931. A segunda parte, sobre a Itália, foi escrita no início de 1931 e a última parte, sobre o Brasil, entre novembro de 1933 e maio de 1934.

No Prefácio o autor anuncia aos leitores que se encontrava afastado do PCB e, como consequência, afirma estar reduzido “aos limites de mera cogitação intelectual.” Este aviso é dirigido aos próprios membros do partido, para que não o considerem um ataque às posições comunistas, mas, antes, como uma tentativa de auto-crítica. Após ajustar as contas com a direção partidária, traça os objetivos do livro:

*[...] primeiro estabelecer a comparação por assim dizer concreta entre os resultados a que chegaram os dois regimes antagônicos - o soviético e o fascista - depois de anos inteiros de aplicação prática, e, em seguida, com os dois ensaios finais, concluir por mostrar às massas oprimidas do Brasil o caminho da libertação, isto é, o caminho soviético, indicado pela iniludível lição da experiência.”*⁶⁵

A forma categórica utilizada nesse trecho diz muito da relação que pretende manter com os comunistas e com o comunismo. Como coloca a União Soviética e o fascismo em posições antagônicas e como afirma que só através do caminho soviético, demonstrado pela experiência, as “massas oprimidas” poderão chegar à libertação, a experiência soviética torna-se inquestionável. O conteúdo do texto é interessante, já que encontramos pontos de contato entre ele e o relato de viagem de Caio Prado; além de, num estilo menos dogmático e doutrinário, questões semelhantes às tratadas por Oswald de Andrade em sua peça teatral.

A forma de governo na URSS, reconhecida como “ditadura do proletariado”, era muito atacada pela propaganda anti-comunista, considerada como a forma de cerceamento de toda a liberdade individual - significado, aliás, que será rigorosamente intensificado durante a chamada “guerra fria”. Assim como Caio Prado, Astrojildo inicia seu texto discutindo o caráter democrático da ditadura do proletariado, aqui entendida como a única forma de democracia para os trabalhadores⁶⁶.

⁶⁵ Astrojildo Pereira, URSS, Itália, Brasil. São Paulo, Editora Novos Rumos, 1985, Prefácio, s/p.

⁶⁶ idem, ibid., p. 12.

Mas grande parte da discussão sobre a URSS se centra no Plano Quinquenal. Tentando entender a importância do plano econômico para a URSS e para a construção do socialismo, Astrojildo utilizou-se também do recurso comparativo entre socialismo e capitalismo. O argumento do autor considera que a economia capitalista, tanto na produção quanto na distribuição de mercadorias, se realiza de forma anárquica; sendo ao contrário na economia socialista, na qual a produção e a distribuição são previamente planejadas. Se por um lado, o capitalismo representa a concorrência, por outro, o socialismo representa a cooperação.

O planejamento na economia socialista, continua Astrojildo, não se elabora de qualquer forma. Este planejamento deve ser “científico”, baseado em “dados concretos da economia”. Somente desta forma é que o plano econômico se torna socialista e só é socialista porque é científico. Assim, a União Soviética poderá ultrapassar o ritmo de desenvolvimento econômico dos países capitalistas mais “adiantados”. Conseqüentemente, o plano torna-se parte da luta pelo socialismo contra o capitalismo⁶⁷.

Marcados pelos debates que ocorriam na URSS, o relato de Caio Prado e o texto de Astrojildo tratam os problemas da agricultura e do burocratismo. Por um lado, Astrojildo anuncia o início do processo de coletização no campo:

*“Por outras palavras: o proletariado luta contra o ‘kulak’, que é o camponês enriquecido, inimigo do sistema socialista, e luta procurando apoio da massa de camponeses pobres e médios, os quais têm mais interesse em defender o sistema socialista, apoiando portanto o proletariado mais do que o sistema antigo, que só aproveita à minoria renitente de ‘kulaks’.”*⁶⁸

Já Caio Prado analisa os resultados deste processo:

*“O maior obstáculo [para a industrialização] - a incompreensão das massas camponesas, solidamente aferradas à ideologia pequeno burguesa - já foi vencido pelos resultados práticos que a coletivização trouxe.”*⁶⁹

⁶⁷ idem, *ibid.*, p. 17.

⁶⁸ idem, *ibid.*, p. 28.

⁶⁹ PRADO JÚNIOR, URSS, um mundo novo, *op. cit.*, p. 122.

Em ambos não há qualquer questionamento em relação ao processo de coletização forçada do campo soviético. Entretanto, há o reconhecimento de que a burocracia continua sendo um grande problema a ser resolvido. Problema que, segundo eles, já encontra-se em processo intenso de eliminação.

Em seguida, Astrojildo caracteriza a União Soviética como o único país verdadeiramente interessado em defender a paz. Mais uma vez o autor identifica o problema comparando o mundo socialista com o mundo capitalista. A luta que a URSS empreende pela paz é considerada como "*atributo natural*" de um país socialista, assim como a guerra é um "*atributo natural*" dos países capitalistas e, enquanto existir capitalismo, segundo ele, existirá inevitavelmente a iminência de guerra ⁷⁰.

Obviamente, a análise de Astrojildo sobre a Itália tem como referencial a União Soviética. O autor, então, apresenta um estudo minucioso sobre a economia italiana que parte do período imediatamente anterior ao fascismo. A sua análise conclui que os aspectos econômicos foram as causas do próprio advento do fascismo. E o fascismo, para ele, tem características especiais:

"O fascismo na realidade não é outra coisa senão a ditadura cínica da burguesia, sem a máscara democrática, assim como a democracia outra coisa não é senão a máscara desta mesmíssima ditadura. Em ambos os casos, ditadura de classe, ditadura ao serviço do grande capital. O fascismo não se estabelece na Itália, nem noutros países, contra a democracia burguesa, mas sim contra o proletariado. Para esmagar o proletariado revolucionário, antes que este último tomasse o poder ou se consolidasse nele." ⁷¹

Ainda que Astrojildo tenha se empenhado em analisar o fascismo através da questão econômica, ele acaba por concluir que a questão é política, é uma luta entre classes que têm diferentes interesses, interesses opostos. Ao relacionar a análise econômica com análise política, o autor está revelando sua visão sobre a luta de classes e, ao mesmo tempo, sua crença na iminência de uma transformação social dirigida pelos proletários.

Devidamente realizada a caracterização da URSS e de seu opositor, o fascismo, Astrojildo passa a analisar o Brasil. Na primeira parte desta análise, o autor interpreta minuciosamente o manifesto da *Legião Revolucionária de São*

⁷⁰ PEREIRA, URSS, Itália..., op. cit., p. 35.

⁷¹ idem, ibid., p. 97.

Paulo, lançado em março de 1931 e que, segundo Astrojildo, foi escrito por Plínio Salgado e cujo chefe do movimento era Miguel Costa.

Miguel Costa havia sido um dos companheiros de Prestes durante o “tenentismo” e a *Coluna Prestes*. A partir de 1927, os dirigentes do PCB, especialmente Astrojildo Pereira e Octávio Brandão, organizaram contatos mais efetivos com os tenentes e, em especial, com Prestes⁷². Com esse objetivo Astrojildo foi à Bolívia em novembro de 1927 procurar o já reconhecido *Cavaleiro da Esperança*. Em 1928, Leôncio Basbaum encontrou-se com Prestes para convidá-lo em nome do PCB a candidatar-se à presidência da República pela legenda comunista. Entretanto, este encontro não teve maiores conseqüências práticas e, logo depois, Astrojildo Pereira, um dos maiores defensores da aliança dos comunistas com os tenentes, foi afastado da direção do partido. Anteriormente, discutiu-se o processo de “*proletarização*”, no qual qualquer aliança dos comunistas com outros grupos sociais ficava inviabilizada pelas exigências da palavra-de-ordem “*classe contra classe*”. Assim, qualquer tipo de ligação de comunistas com os tenentes estava fora de cogitação.

Miguel Costa foi um dos articuladores da participação dos tenentes na *Aliança Liberal*, formada em torno da candidatura de Getúlio Vargas, que teve a participação, ainda que rápida, de Prestes. Esta posição dos tenentes, inviabilizou de vez qualquer contato com os comunistas e, além disso, deixou Astrojildo numa posição delicada frente a militância partidária porque este acreditava na possibilidade dessa aliança.

Como Astrojildo fora afastado da direção por estes motivos, parece possível que a análise que elabora sobre os tenentes e a *Legião Revolucionária de São Paulo* e seu manifesto de 1931, tenha sido uma tentativa de reconciliação com os comunistas. O documento foi escrito por Astrojildo em 1931, logo depois do seu afastamento da direção do partido. A possibilidade de entender tal documento como uma auto-crítica do autor encontra-se na ferocidade com que trata tal grupo e seu manifesto:

“O Manifesto [...], que pretende haver traçado ‘uma diretriz definida e clara, em face dos problemas fundamentais’ do país, constitui, na realidade, por sua expressão e seu

⁷² Há indícios, entretanto, de que a simpatia de alguns dirigentes comunistas pelos tenentes tenha sido iniciada em 1922 e, depois, em 1924. Ver: Marly de Almeida Gomes Vianna, *op. cit.*, pp. 49 a 54.

*conteúdo, um documento que se pode considerar característico da ideologia confusa, contraditória e delirante de certa camada de intelectuais pequeno burgueses.”*⁷³

O autor ataca-os pelo nacionalismo que defendem, considerado como um “*patriotismo exaltado*” e qualifica o manifesto como um documento de “*brasilidade integral*”. Astrojildo divide o manifesto em três grandes questões: a primeira discute o problema do latifúndio que, segundo ele, propõe somente fórmulas jurídicas de distribuição de terras (“*uma reformazinha agrária*”); a segunda trata-se de um combate tímido ao imperialismo; e a terceira considera o trabalho como questão social, sem que expliquem seu significado⁷⁴.

Nesse sentido, a conclusão de Astrojildo baseia-se no recurso da autoridade, utilizando as posições políticas da Internacional Comunista:

*“Ora, as ‘legiões revolucionárias’, que se estão criando por este vasto Brasil, nada mais são, no fim de contas, que meras traduções brasileiras regionais [...] das ‘milícias fascistas’ italianas, que constituem o odelo clássico da espécie. Explorando demagogicamente o ‘descontentamento das massas pequeno-burguesas, dos intelectuais e de outros meios (Programa da I.C.), o que os seus chefes, ideólogos e organizadores visam é reconsolidar o poder da burguesia ameaçado pela crise revolucionária, que sacode o país.”*⁷⁵

A Internacional Comunista desde seu VI Congresso (1928) passou a defender a tese de “*classe contra classe*”, na qual é cunhado o termo “*social-fascista*” para designar a esquerda social democrata, vista como mais perigosa que a própria direita política e, também, recusava qualquer proposta que viesse de partidos socialistas, defendendo a formação de uma frente única limitada à colaboração com operários socialistas⁷⁶. Se a intenção de Astrojildo era a de se reconciliar com o PCB, nada mais lógico e coerente que aceitasse sem críticas as propostas da Internacional Comunista, levadas às últimas conseqüências pela direção do PCB, ao menos em seus documentos oficiais.

A partir daí, Astrojildo se empenha em interpretar o governo federal desde o “*golpe de Estado de 1930*”. Considera como justa a denuncia dos comunistas em

⁷³ PEREIRA, URSS, Itália..., *op. cit.*, p. 109.

⁷⁴ *idem*, ibid., pp. 115 a 121.

⁷⁵ *idem*, ibid., p. 125.

⁷⁶ Paulo Sérgio Pinheiro, Estratégias da ilusão: a revolução mundial no Brasil. 1922-1935, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1991, p. 198.

relação à demagogia das propostas da *Aliança Liberal* desde a sua formação. Avalia que foram exatamente estas propostas demagógicas da *Aliança Liberal* e do movimento de outubro de 1930 que conquistaram as “*largas massas*”. A demagogia, segundo ele, continuou através do Ministério do Trabalho que, ao lançar decretos e leis a cada dia e ao regulamentar as questões trabalhistas, anunciou-as como conquistas dos trabalhadores. Entretanto, Astrojildo afirma que tudo isso foi “*mal traduzido e adaptado do italiano ou dos textos modelados em Genebra.*”⁷⁷

Então, ao analisar a composição partidária do governo de Vargas, afirma que esta visa somente a consolidar o “*‘novo’ regime feudal-burguês*”⁷⁸. O caráter feudal-burguês da sociedade brasileira, aqui apresentado por Astrojildo Pereira, está em parte de acordo com a posição oficial do PCB. Um documento assinado pela Internacional Comunista de dezembro de 1932, que trata da questão brasileira, afirma:

*“O Brasil, que por sua extensão é mais da metade da América do Sul (oito milhões de km quadrados) e sua população quase a metade (40 milhões de habitantes); que possui enormes riquezas naturais (inclusive 23% das reservas mundiais de ferro), é campo de formidáveis contradições, determinadas fundamentalmente por seu caráter semicolonial e semifeudal.”*⁷⁹

Parece que Astrojildo unificou a tese oficial sobre o caráter da sociedade brasileira com a tese de Caio Prado Júnior apresentada em *Evolução Política do Brasil*. Ou, o que é mais provável, o PCB ainda não havia unificado sua posição oficial em torno de uma única caracterização.

Independente disto, Astrojildo apresenta o PCB como a única alternativa possível para a realização da transformação social. Entretanto, o documento de Astrojildo Pereira, como vários outros apresentados nesse trabalho, não vai muito além das generalizações no tocante a um projeto efetivo desta transformação tão desejada:

“Na situação atual brasileira - mais ou menos idêntica à situação de todos os países dominados pelo capitalismo - só há um caminho de salvação para as massas operárias e camponesas. É o caminho indicado pelo Partido Comunista: o caminho da luta revolucionária de massas sob a direção do proletariado e sua vanguarda organizada em partido independente, para a instauração do governo operário e camponês. Caminho longo, áspero, difícil... mas o único que poderá salvar as massas Laboriosas da miséria feudal-burguesa e

⁷⁷ PEREIRA, *URSS, Itália...*, *op. cit.*, pp. 130 a 132.

⁷⁸ *idem*, *ibid.*, p. 149.

⁷⁹ Apud: CARONE, *op. cit.*, p. 133.

da escravização fascista. [...] Este é o único caminho que vai ter a Moscou, isto é, ao socialismo.”⁸⁰

Aqui, a alegoria religiosa (“salvação”) completa sua imagem em relação à URSS, considerada como um paraíso socialista. Mais que isso, o caminho que levará ao paraíso socialista se apresenta em forma de sacrifícios a serem oferecidos à causa comum dos trabalhadores e de obstáculos a serem superados por seus defensores.

Em um momento em que o fascismo já se encontrava, de certa forma, consolidado na Itália e o nazismo se encontrava em plena ascensão, a URSS e os partidos comunistas de cada país (representantes diretos da URSS e do socialismo) apresentam-se para esses “*intelectuais comunistas*” como única alternativa viável de combate ao nazi-fascismo e, nesta situação, qualquer crítica ao “*paraíso proletário*” seria a defesa do capitalismo em suas formas mais monstruosas: o nazismo e o fascismo. Desta forma, a URSS acabou sendo caracterizada como uma entidade sobrenatural, na qual os mais diferentes “*intelectuais comunistas*” brasileiros depositaram suas esperanças e seus desejos de transformação.

⁸⁰ PEREIRA, URSS, Itália..., op. cit., pp. 153 e 154.

3. As frentes populares e o “povo”

Já vimos que o movimento anti-fascista europeu começou a articular-se no início dos anos trinta. A organização e a irradiação deste movimento contra o nazi-fascismo contribuiu de duas formas para o engajamento político de escritores e artistas no comunismo ou, pelo menos, tornou o comunismo frente a estes escritores e artistas uma alternativa simpática. De um lado, forçou uma polarização entre socialismo e nazi-fascismo, por outro, pressionou a mudança da política da Internacional Comunista de “*classe contra classe*” para a defesa das “*frentes populares*”.

A política de “*frentes populares*”, que teve como principal idealizador Georgui Dimitrov, pressupunha a ampliação do leque de alianças dos comunistas, já que só assim existiria uma possibilidade de derrotar o nazi-fascismo. Oficialmente esta proposta só foi aprovada em julho de 1935, no VII Congresso da Internacional Comunista, cujo porta-voz de Stálin foi o próprio Dimitrov. Entretanto, os movimentos contra o nazi-fascismo anteriores à decisão da Internacional e, em muitos casos, organizados por “*intelectuais comunistas*” já haviam ensaiado a política de “*frentes populares*”.

No Brasil, esta polarização construiu-se em torno do PCB e do integralismo, considerados herdeiros diretos do socialismo-URSS e do nazi-fascismo, respectivamente. Tal polarização foi coroada com a fundação da ANL - Aliança Nacional Libertadora, tentativa de vários grupos políticos de organizar uma frente ampla pela defesa de medidas democráticas. Sua fundação só ocorreu em março de 1935, mas no ano anterior já havia sido realizado, no Rio de Janeiro, o *I Congresso Nacional Contra Guerra Imperialista, a Reação e o Fascismo*, cujos membros, incluindo-se Caio Prado Júnior, se encontraram na direção da ANL pouco tempo depois. Os organizadores deste congresso foram primeiros os idealizadores da Aliança⁸¹. Mesmo só tendo apoio oficial do PCB em 24 de janeiro de 1935, através de seu órgão oficial - *A Classe Operária* -, a ANL contava desde os seus primórdios com a participação de muitos comunistas e principalmente de muitos “*intelectuais-comunistas*”. O artigo de declaração de apoio do PCB à ANL dizia:

⁸¹ VIANNA, op. cit., p. 109.

“Por que apoíamos a ANL [...] Um grupo de intelectuais, médicos, engenheiros, advogados, professores, oficiais do Exército e da Marinha, de representantes de organizações proletárias, de soldados, marinheiros, camponeses, estudantes, acaba de lançar o manifesto da ANL.”⁸²

O documento deixa transparecer como os dirigentes do partido viram a composição social da ANL, bem característico de uma *“frente popular”*. Além disso, a citação hierarquiza os diversos grupos integrantes da Aliança, na qual os trabalhadores só aparecem através de suas organizações.

O manifesto-programa da Aliança reivindicava o cancelamento das dívidas imperialistas, nacionalização das empresas estrangeiras, liberdade de manifestação e fim dos latifúndios. Os comunistas, juntamente com outros aliancistas, assumiram a defesa de um *desenvolvimento nacional* que vinha sendo barrado pelo atraso de quem detinha o poder no campo. Esse atraso manifestava-se, segundo a interpretação oficial do PCB, através das oligarquias e das aristocracias. O governo Vargas, que a princípio também assumiu a defesa deste *desenvolvimento nacional*, em 1934/1935 não havia conseguido implantar suas propostas iniciais de acordo com a avaliação contida no programa da Aliança. Basicamente, as propostas da ANL giravam em torno de medidas que permitissem o desenvolvimento econômico e de soberania nacional, ao mesmo tempo em que pode ser constatada a ausência de reivindicações sindicais e operárias.

A ANL teve papel importantíssimo na aproximação de alguns *intelectuais* com o PCB. Nos poucos meses de legalidade da Aliança muitos escritores e artistas se integram em suas atividades. Talvez pela quantidade de escritores e artistas na ANL, foi fundada a *Liga de Defesa da Cultura*. No manifesto de fundação da Liga aparecem vários nomes de futuros comunistas, além dos que já haviam ingressado no PCB: Rubem Braga (que pertencia também à direção nacional da ANL), Brasil Gerson (jornalista), Acrísio Viana (advogado), Sadi Garibaldi (jornalista), Genolino Amado (advogado), Benjamin Soares Cabello (jornalista), Carlos Lacerda (estudante, que na reunião de fundação da ANL propôs Luiz Carlos Prestes como presidente de honra da entidade tendo sido por isso amplamente aplaudido), Maria Werneck de Castro (advogada), Anibal Machado (escritor), Aparício Torelli (jornalista), Santa Rosa (desenhista).

⁸² Apud: idem, *ibid.*, p. 109.

Caio Prado Júnior era o vice-presidente da ANL de São Paulo e este caso é curioso: o presidente era, nada mais nada menos, que Miguel Costa. Prestes, já filiado ao PCB, enviou um pedido a Miguel Costa para que este assumisse efetivamente a direção da ANL em São Paulo, pois, segundo ele, o futuro chefe do governo popular deveria ser um militar e não um *intelectual*⁸³. Prestes, ao colocar o problema desta forma, opôs o trabalho militar ao trabalho *"intelectual"*. Prestes avaliava que estava na ordem do dia *"a questão da tomada do poder"*⁸⁴ e, ao que parece, este tipo de tarefa não era para um *"intelectual"*. O *intelectual*, aqui, é considerado como aquele que não tem disciplina partidária/militar e nem pode realizar o trabalho conspirativo. Neste caso específico, é possível afirmar a existência de preconceitos em relação ao *"intelectual"* no interior do partido, já que em Prestes encontra-se um modelo de partido comunista que une as formulações de Lênin e a estrutura militar.

Entretanto, Getúlio Vargas colocou a ANL na ilegalidade dois meses após a sua fundação oficial; conseqüentemente, várias prisões foram realizadas. Houve durante este período várias manifestações de solidariedade entre os escritores e artistas.

Dionélio Machado, médico no Rio Grande do Sul, havia feito várias incursões pela literatura. Quando formou-se ANL no Rio Grande, Dionélio tornou-se seu presidente e em agosto de 1935 fora preso em conseqüência das perseguições aos líderes da organização aliancista. Da prisão enviou um artigo para o jornal ***A Manhã***, órgão oficial da ANL, dirigido por Pedro Motta Lima. De acordo com sua avaliação, a ANL foi o primeiro grande movimento de manifestação popular:

*"[...] a Aliança operou entre nós o despertar da consciência popular revolucionária no Estado - verdadeiro milagre, tendo-se em conta o espírito da nossa gente, que passa toda sua existência de povo politicamente organizado a transitar das mãos de uns caudilhos para as de outros, anulada em suas vontades, enganada por uma demagogia desenfreada [...]."*⁸⁵

Considerando que Dionélio Machado não era ainda um membro do PCB, percebe-se a afinidade entre sua visão de *"povo"* e do papel que estabelece para si

⁸³ VIANNA, *op. cit.*, p. 175.

⁸⁴ Apud: idem, *ibid.*, p. 176.

⁸⁵ ***A Manhã***, 17 de outubro de 1935, p. 3.

como “*intelectual*”, e a visão de outros “*intelectuais comunistas*” em relação a estas mesmas questões.

Pouco antes, Dionélio havia enviado os manuscritos de seu romance **Os ratos**, à Companhia Editora Nacional, propriedade de Othales Marcondes Ferreira e localizada em São Paulo. A Nacional estava organizando um concurso literário denominado Prêmio Machado de Assis, o qual teria como recompensa a publicação do romance vencedor pela editora. No júri encontravam-se Gastão Cruis, Monteiro Lobato, Gilberto Amado, Agripino Grieco e, representando a editora, Moacyr Deabreu. Os favoritos do júri eram os romances de Marques Rebelo, de João Alphonsus e Érico Veríssimo. Jorge Amado era um assíduo freqüentador dos bastidores da editora e muito amigo de Veríssimo; de posse de tal informação, foi avisar o amigo das preferências do júri. Entretanto, Érico Veríssimo pediu-lhe que interviesse junto ao júri em favor de um amigo que se encontrava preso acusado de ser comunista, Dionélio Machado. Jorge Amado realizou o pedido de Érico e foram premiados pela editora: Dionélio Machado, Érico Veríssimo, Marques Rebelo e João Alphonsus⁸⁶. Para um preso político ter um romance de sua autoria publicado por uma editora reconhecida era uma das formas de pressionar o governo e a polícia política.

Este tipo de solidariedade multiplicou-se em razão do recrudescimento do governo de Vargas. No final de 1935 ocorreram os levantes organizados por Prestes, já filiado e na direção do PCB. Sob pretexto de prender os reponsáveis pelos levantes, centenas de pessoas foram detidas sem que soubessem os motivos. Dentre os vários presos políticos deste período do governo de Vargas, estavam vários “*intelectuais*” que, na verdade, não tiveram qualquer participação ativa na organização dos levantes de Natal, Recife ou do Rio de Janeiro.

Enquanto isso na Europa, a ameaça de uma nova guerra mundial tornava-se mais concreta, já que ocorreu o *putsch* nazista na Áustria em 1934, a guerra na Etiópia em 1935, a rarecuperação nazista da Renânia em 1936, a invasão japonesa na China em 1937 e a ocupação alemã na Áustria em 1938 e, neste mesmo ano, houve a capitulação de Munique. Dentre estes episódios que confirmavam a cada

⁸⁶ Jorge Amado, Navegação de Cabotagem, *op. cit.*, pp. 515 a 517.

Érico Veríssimo, Solo de Clarineta. Porto Alegre, Editora Globo, 1974, vol. I, pp. 259 e 260.

ano que passava da década de 1930 a iminência de um novo conflito mundial, a Guerra Civil Espanhola tornou-se símbolo dos mais diversos *intelectuais*.

Mais que despertar a curiosidade dos “*intelectuais*” comprometidos de alguma maneira com a luta anti-fascista, a Guerra Civil Espanhola tornou-se portadora da esperança de que um conflito de proporções mundiais não acontecesse: esperava-se que a Espanha resistisse a Franco e barrasse a ofensiva nazi-fascista na Europa.

Num primeiro momento, o PCF aglutinou e tentou organizar as manifestações internacionais de apoio aos republicanos espanhóis. Em 1936 instalou-se na França, o governo de Léon Blum, um *intelectual* líder do Partido Socialista Francês. O resultado das eleições deram vitória esmagadora para os candidatos da Assembléia Popular. André Malraux, que havia estudado com Blum, foi convidado pelo Ministério da Aeronáutica a ir para a Espanha saber dos republicanos se era possível a França enviar alguma ajuda militar.

Ainda que o governo francês não tenha efetivamente contribuído com os republicanos espanhóis, o caso de Malraux que lutou na Espanha irradiou-se por todo o mundo. Diversos *intelectuais* participaram da Guerra Civil Espanhola não só de longe, acompanhando as notícias pelos rádios e jornais, mas na frente de batalha, como soldados. Entretanto, a participação destes diversos *intelectuais* na guerra espanhola acabou tendo mais uma significação simbólica e política do que militar, uma forma de pressionar os governos de outros países em defesa da República espanhola e, mais importante do que isto, formar uma coalizão de diversos governos contra a ameaça nazi-fascista.

Os *intelectuais* eram organizados nas Brigadas Internacionais, que se encarregavam de enviá-los para a frente de batalha. Não faz parte das preocupações deste trabalho saber o engajamento militar de tais *intelectuais*, mas a produção literária resultante desta participação. Os casos são conhecidos. Ernest Hemingway publicou *Por quem os sinos dobram*, misto de romance e relato de guerra, no qual o autor enfatizou as razões para participar da guerra através do personagem Jordan:

“Malgrado toda a burocracia, ineficiência e esterilidade da luta partidária, havia lá algo do sentimento que o jovem católico experimenta na primeira comunhão. Um sentimento de consagração a um dever para com todos os oprimidos do mundo, tão difícil de definir como o

de uma experiência religiosa qualquer; e no entanto, tão verdadeiro como o de quem ouve Bach [...] Era a integração da criatura numa fé profunda e num profundo sentimento de confraternidade entre todos os do mesmo credo.”⁸⁷

Jordan, entretanto, por pouco tempo sentiu-se assim, logo veria os horrores da guerra. Talvez, este tenha sido também o caso de George Orwell. Em seu ensaio **Recordando a Guerra Civil**, ele explica:

“A luta da classe trabalhadora é como o crescimento de uma planta. A planta é cega e estúpida, mas sabe o bastante para continuar subindo para a luz, e fará isso a despeito de todas as dificuldades e empecilhos. Pelo que estão lutando os trabalhadores? Apenas pela vida decende que cada vez mais sabem ser tecnicamente possível. Sua consciência desse objetivo aumenta e diminui.

Na Espanha, por algum tempo, as pessoas agiam conscientemente, marchando para uma direção que desejavam seguir e visando uma meta que acreditavam poder atingir. Isso explica o sentimento curiosamente alegre que a vida da Espanha do Governo apresentou nos primeiros meses da guerra.

As pessoas comuns sabiam, sentiam nos próprios ossos, que a República era sua amiga e Franco o seu inimigo. Sabiam estar certas, pois lutavam por algo que o mundo lhes devia, e podia proporcionar-lhes. É preciso lembrar disso para ver a guerra civil espanhola em sua verdadeira perspectiva.”⁸⁸

As razões que aqui Hemingway e Orwell expressam foram, muito provavelmente, as mesmas de Nicola Chiaromonte, Lazlo Rajk, Alexei Tolstói, Anna Seghers, Jean-Richard Bloch, Antoine de Saint-Exupéry, John Dos Passos, Arthur Koestler, Gustav Regler e vários outros.

No Brasil muitos escritores e artistas manifestaram apoio aos republicanos espanhóis. Entretanto, com a prisão de vários deles surgiram várias publicações dirigidas por “*intelectuais*” de várias tendências políticas para, através da manutenção de frentes amplas, barrar a repressão que a cada dia se intensificava.

Érico Veríssimo é um exemplo de escritor cuja trajetória nunca cruzou de modo radical o comunismo, mas não deixou de estar sensível à luta dos republicanos espanhóis e à luta antifascista. Em seu livro de memórias, Érico comentou este período:

⁸⁷ Ernest Hemingway, **Por quem os sinos dobram**. São Paulo, Editora Companhia Nacional, 1976, p. 212.

⁸⁸ George Orwell, **Lutando na Espanha** e **Recordando a Guerra Civil**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1967, p. 261.

*“Nunca fui partidário do ditador russo [Stálin], mas achava então, e ainda acho hoje, que a presença no mundo dum país socialista militar e industrialmente forte como a Rússia soviética podia servir como elemento catalisador, obrigando as nações capitalistas a corrigir seus excessos expansionistas, monopolistas e colonialistas.”*⁸⁹

Este sentimento levou o escritor a escrever **Saga**, publicado em 1940, cuja história ganhou um novo desfecho em seu livro de memórias. O autor afirma que este foi seu pior romance, já que Vasco Bruno - protagonista do romance - após ter se envolvido em diversas atividades de responsabilidade social, chegando a ir lutar na Espanha ao lado dos republicanos, não poderia acabar se retirando das atividades políticas e ir morar no campo. O autor indica a falha do enredo: *“Estou, porém, certo de que Vasco Bruno abandonou a vida do campo e voltou à luta, na cidade, em prol de um mundo melhor e mais justo.”*⁹⁰ Mas, a esta altura, Érico não depositava esperanças na Rússia nem na Espanha Republicana; acreditava que somente Franklin Roosevelt poderia derrotar o nazi-fascismo.

No entanto, não era essa a esperança trazida pela **Revista Cultura Mensário Democrático**. A revista surgiu em outubro de 1938, quase um ano após o golpe de Getúlio Vargas e a implantação do Estado Novo, cujo corpo editorial era significativamente composto por Affonso Schmidt, Álvaro Moreira, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade e Sérgio Milliet - alguns já eram comunistas; todos, no entanto, eram antifascistas⁹¹.

É curioso como vários artigos de apoio aos republicanos espanhóis foram publicados em um período de muitas perseguições políticas⁹². A explicação talvez

⁸⁹ Érico Veríssimo, **op. cit.**, vol. I, p. 272.

⁹⁰ idem, **ibid.**, p. 273.

⁹¹ A lista de colaboradores da revista é gigantesca: SP - Arnaldo Ferreira (professor da Faculdade de Medicina), Abguar Bastos, Alfredo Bonzon (prof. da Faculdade de Filosofia), Amadeu Amaral Júnior, Américo Albuquerque, Alonso Aníbal da Fonseca, Barros Ferreira, Benjamin Hunmiut (dir. do Mackenzie College), Braulio Prego, Camito Mendes de Almeida (prof. da Faculdade de Direito), Celso Guimarães da Fonseca, Edgar Cavalheiro, Fidelino de Figueiredo, Padre Lindolfo Esteves, Mario de Andrade, Orígenes Lessa, Roger Bastide, Rubem Braga, Rossine Camargo Guarniere, Tarsila do Amaral, Prof. Vieira dos Santos./RJ - Arthur Ramos./MG - Ciro dos Anjos./ BA - Edison Carneiro./RS - Viana Moog./Chile - Pablo Neruda. Ver: **Revista Cultura**, São Paulo, julho de 1940, no. 16 -AEL.

⁹² Ver, por exemplo: Delio Toral, **“Guerra na Espanha, guerra pela cultura”**, **Revista Cultura**, São Paulo, dezembro de 1938, no. 3 - AEL.

Emil Farhat, **“Perdão, Espanha”**, **Revista Cultura**, São Paulo, fevereiro-março de 1939, no. 5 - AEL.

Nicolas Guillen, **“Paul Robeson ao lado do povo espanhol. Um artista a serviço do povo”**, **Revista Cultura**, São Paulo, fevereiro-março de 1939, no. 5 - AEL.

se encontre nos nomes que figuram na lista de colaboradores da revista. Alguém como Mario de Andrade, Roger Bastido, Tarsila do Amaral ou Affonso Schmidt não seria molestado pela polícia política de Vargas, já que não interessava ao próprio presidente do país ganhar publicidade por ter encarcerado alguns destes nomes.

Entretanto, em março de 1936, Graciliano Ramos fora preso durante a ofensiva policial de Vargas após os levantes de 1935. O romancista foi encarcerado sem nenhuma acusação formal, apenas havia sido denunciado como comunista. Pouco depois, foi solto e acabou colaborando em diversas publicações, inclusive já na década de 1940 na revista **Cultura Política** - órgão do Departamento de Imprensa e Propaganda, dirigido por Almir de Andrade⁹³. Antes disto, Graciliano mostrou-se um democrata de coragem: assinou um manifesto de "intelectuais" brasileiros em defesa dos republicanos espanhóis. Dizia o manifesto:

*"Nós, intelectuais brasileiros, patriotas e democratas, fiéis à nossa consciência, não podemos silenciar mais ante o que se passa nas terras desgraçadas da Espanha. Esta nossa atitude tem apenas o sentido de uma pura demonstração de amor à liberdade e à cultura, tão ameaçadas pelas hordas do fascismo internacional, no país que deu ao patrimônio da humanidade figuras como Goya e Cervantes."*⁹⁴

Depois de ter saído da prisão em janeiro de 1937, Graciliano Ramos obteve o prêmio de literatura infantil do Ministério da Educação, com a história intitulada **A terra dos meninos pelados**. A obra foi publicada em 1962, em uma coletânea intitulada **Alexandre e outros heróis**, cujo prefácio foi escrito por José Geraldo Vieira, jornalista e crítico literário. Diz o jornalista sobre **A terra dos meninos pelados**:

*"Há que considerar nas páginas desta fantasia ingredientes exóticos e personagens inefáveis; aqueles, como ectoplasmas numa sessão espírita; estas, como gnomos e elfos numa composição de Perrault. Dir-se-ia que mestre Graça, de hábito casmurão e solitário, quis montar para alguma das filhas, talvez mais para Luiza do que para Clarita, uma menagerie; ou talvez, para ele mesmo, já que todo grande escritor ou artista é, no dizer de Huizinca, um 'homo ludens'."*⁹⁵

⁹³ Dênis de Moraes, **O velho Graça. Uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, p. 185.

⁹⁴ **"Os intelectuais brasileiros e a democracia espanhola"**, **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1937.

⁹⁵ José Geraldo Vieira, **"A dioptria de Alexandre"**, in: Graciliano Ramos, **Alexandre e outros heróis**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1968, p. 18.

A história é uma fantasia para crianças, mas, aos moldes de Perrault, parece existir nela uma mensagem. A fantasia começa com a seguinte frase:

*"Havia um menino [Raimundo] diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada"*⁹⁶

Acontece que, no vilarejo onde Raimundo morava, não havia meninos iguais a ele. Todos tinham cabelo na cabeça e os dois olhos da mesma cor. Estas diferenças, entretanto, não seriam um problema para Raimundo se as outras crianças não zombassem dele; tornou-se comum chamarem-no de Raimundo Pelado. As outras crianças estranhavam o menino e não brincavam com ele. Raimundo começou a ficar muito triste e acabou imaginando uma terra onde todos fossem como ele. Um dia, então, atravessou a serra de Taquaritu e chegou ao país chamado Tatipirun. Lá tudo era diferente de onde ele viera: as árvores conversavam e tinham nome, as pedras também falavam, o rio das Sete Cabeças abria-se para quem quisesse atravessá-lo, D. Aranha era proprietária de uma alfaiataria...

Quando Raimundo encontrou D. Laranjeira, perguntou-lhe:

"- [...] Tem a bondade de me ensinar o caminho?"

*- É esse mesmo. Vá seguindo sempre. Todos os caminhos são certos."*⁹⁷

Não há nada de exótico em um personagem conduzir outro afirmando que todos os caminhos são certos. Mais a frente, Raimundo encontra os meninos pelados:

*"Raimundo deixou a serra de Taquaritu e chegou à beira do rio das Sete Cabeças, onde se reuniam os meninos pelados, bem uns quinhentos, alvos e escuros, grandes e pequenos, muito diferentes uns dos outros. Mas todos eram absolutamente calvos, tinham um olho preto e outro azul."*⁹⁸

Ao encontrar os meninos pelados, Raimundo ficou um pouco intimidado, mas logo tornou-se amigo deles. Andou com os meninos, pulou, correu, conversou... Até que alguém propôs que fossem ouvir histórias que a Sinhá Guariba contava. Mas, antes que pudesse começar a contar alguma história, a Sinhá adormeceu.

⁹⁶ Graciliano Ramos, *ibid.*, p. 129.

⁹⁷ *idem*, *ibid.*, pp. 131 e 132.

⁹⁸ *idem*, *ibid.*, p. 132.

Caralândia, que naquele momento brincava de ser princesa, falou das terras por onde havia andado. Num lugar distante, encontrou meninos com duas cabeças, quatro olhos, a boca no peito e uma perna só; em outro lugar, encontrou meninos que nunca choravam, que tinham oito olhos, onde as árvores tinham raízes para cima e as folhas para baixo e davam frutos no chão. A conversa estava boa, mas Raimundo lembrou-se que deveria voltar para sua casa porque tinha que estudar geografia.

A história traz algo significativo para um momento no qual as diferenças eram enfatizadas e radicalizadas: comunistas *versus* integralistas, capitalistas *versus* socialistas, operários *versus* burgueses, trabalhadores *versus* patrões, etc. Graciliano Ramos, ao brincar com as diferenças físicas dos personagens de sua história, chama a atenção para as intolerâncias reinantes no mundo em que vivia⁹⁹.

Esta maneira de ver a situação política e social pela qual passava o Brasil e o mundo às vésperas de uma guerra mundial não era exclusividade de Graciliano. Outra revista de cunho frentista, **Problemas. Revista Mensal de Cultura**, cujo conselho editorial era composto por Affonso Schmidt, Alfredo Tomé, Nabor Caires Brito, Oswald de Andrade e Rubem Braga, trouxe em sua edição de setembro de 1937, dois artigos interessantes.

O primeiro, de Nabor Caires Brito e intitulado **“Política de dois mundos”**, reforça as diferenças em termos mundiais:

“Há dois mundos e duas políticas nos dias que correm [...] Esses dois mundos significam duas mentalidades. O espírito humano como que se dividiu, numa dessas horas grandes do tempo, no qual a condensação das idéias políticas traça dois caminhos e ninguém pode fugir de uma definição de atitudes. [...] Mas, para ser nobre, o homem tem de projetar a sua posição individual à média das satisfações coletivas. [...] A política dos dois mundos em que os americanos devem pensar, é aqueles mundos de que falamos, da internacional fascista e da frente democrática, e a posição dos países latino-americanos é definida pela índole tradicional - defender a democracia”¹⁰⁰

Mas, aqui, diferentemente de Graciliano Ramos que não separa o mundo entre partes muito diferentes, o texto divide o mundo entre totalitarismo *versus*

⁹⁹ Logo no pós-guerra o cineasta norte-americano, Joseph Losey, de orientação marxista, dirigiu **“O menino dos cabelos verdes”**, cuja temática é análoga. Losey, anos depois, teve de abandonar os Estados Unidos, perseguido pelo *macartismo*.

¹⁰⁰ Nabor Caires Brito, **“Política de dois mundos”**, **Diretrizes**, São Paulo, 15 de setembro de 1937, no. 2 - AEL.

democracia. Assim mesmo, Graciliano não brinca com a democracia, ao contrário, faz com que o leitor reflita sobre as diferenças e que com isso aprenda a respeitá-las.

Neste mesmo número da revista *Problemas*, Rubem Braga escreve um artigo que satiriza as posições extremadas, sem, no entanto, deixar de definir-se por uma. O artigo, intitulado “**Comunismo, bananismo e integralismo**”, discute a situação política brasileira, o qual avalia os levantes comunistas de 1935 como uma tentativa positiva de implantar no país um “*governo popular revolucionário*” e não, como a grande imprensa havia anunciado, uma “*ditadura do proletariado*”. Em seguida, descreve a teoria do bananismo:

“Depois de um certo tempo as coisas vão se acabando. Não há mais bondes, nem chapéus, nem cinemas, nem elevadores. O povo está integrado no doce espírito bananista. Não há mais governo, nem cabarés, nem fábricas. Nesse mundo em ruínas os bananistas sentem fome. Então é destacada uma turma para plantar bananas. Depois aquela turma vem descansar e vai outra. O povo come bananas. Só mais ou menos de quatro em quatro anos um homem precisa trabalhar, isto é, plantar uma bananeira. Depois descansa quatro anos. O bananismo avança, ou melhor, continua. Todo mundo anda nú. Ninguém discute nada. Ama-se, dorme-se, come-se banana. Aí surge a contradição do regime. O Estado acabou. Mas é preciso formar uma Polícia. A Polícia tem apenas um fim: evitar que alguns sujeitos mais dinâmicos plantem outras coisas: laranjas, por exemplo. Parece que, de acordo com a doutrina bananista, essa Polícia será transitória. Depois de uma ou duas gerações o espírito bananista será geral. Os homens, unânimes, comerão bananas.”¹⁰¹

Segundo Rubem Braga, Genolino Amado, escritor, era adepto do bananismo. Parece que Braga acusa o adepto do bananismo de defender o totalitarismo ou, mais que isto, de querer impor regras à toda uma sociedade, as quais não poderiam sequer serem discutidas. Além disto, Braga insinua uma certa preguiça intelectual de Genolino Amado, já que de acordo com a teoria bananista ninguém precisaria (ou melhor, deveria) preocupar-se em refletir sobre o mundo que o cerca. Rubem Braga compara o bananismo com o integralismo, imprimindo uma conotação negativa a ambos. A única opção encontrada pelo autor é, obviamente, o comunismo - visto como o oposto do bananismo e do integralismo.

¹⁰¹ Rubem Braga, “**Comunismo, bananismo e integralismo**”, *Diretrizes*, São Paulo, 15 de setembro de 1937, no. 2 - AEL.

Desde os levantes frustrados organizados pelo PCB, como já vimos, a perseguição policial aos comunistas intensificou-se. O comitê central do PCB havia sido esfacelado e várias tentativas de reorganizá-lo não tiveram resultados positivos imediatos. Grande parte dos membros da direção da organização encontrava-se na prisão e, de lá, saíam as orientações políticas para o conjunto dos militantes comunistas. Mas desde a experiência, ainda que malograda, da Aliança Nacional Libertadora e das conseqüentes perseguições que se seguiram, o PCB continuou a defender uma política de frente ampla cujos objetivos não eram revolucionários mas sim democráticos.

Quando houve o golpe de Estado de Getúlio Vargas e a instalação do Estado Novo, Octávio Brandão, que era um funcionário da IC e vivia em Moscou, escreveu um artigo no qual avaliou a situação do Brasil:

*“Trata-se de um golpe de Estado fascista contra o povo brasileiro, contra os povos democráticos dos Estados Unidos, Inglaterra, França e da União Soviética, contra a paz e a democracia mundiais, em proveito do bloco internacional dos agressores fascistas que preparam um incêndio mundial para uma nova divisão dos territórios, dos mercados, das fontes de matéria-prima, etc.[...] Vargas, ajudado por Hitler e Mussolini, preparou este golpe sob a máscara da luta contra o ‘comunismo’. Os fatos citados: dissolução do Congresso, anulação da Constituição, abolição das liberdades elementares, etc, demonstram definitivamente que Vargas e seus aliados lutam, na realidade, contra a democracia!”*¹⁰²

Percebe-se o tom democrático do documento: as acusações centram-se apenas em Hitler, Mussolini e Vargas. Todas as acusações contra o capitalismo, os burgueses e os patrões de meados da década de 1930, transformam-se na luta dos comunistas pela democracia. E a luta pela democracia acabou justificando o pacto de não-agressão entre a União Soviética e a Alemanha.

O pacto de não-agressão teve péssimas repercussões. Os militantes comunistas não entenderam, os dirigentes dos partidos comunistas apressaram-se em informar-se das justificativas do gesto, os simpatizantes do comunismo assustaram-se e muitos deles acabaram abandonando qualquer relação com o comunismo e os democratas que participavam dos movimentos contra o

¹⁰² Octávio Brandão, *“O golpe de estado fascista no Brasil é um golpe contra a Paz e a Democracia mundiais”*, 1937, apud: Edgar Carone, *O PCB, op. cit.*, pp. 208 e 209, grifos do autor.

nazifascismo ao lado dos comunistas ficaram perplexos ¹⁰³. O “bureau político” do PCB fez circular um documento entre seus militantes em 18 de setembro de 1939, o qual culpa os governos francês e inglês pelo pacto de não-agressão:

*“Quando do desmembramento e anexação da Tcheco-Eslováquia, a União Soviética insistiu novamente pela convocação de uma conferência internacional de todas as potências interessadas em manter a paz. Esta proposta foi rechaçada pelos governos inglês e francês que preferiram organizar seu próprio sistema de segurança, dando garantias a diversos países. Depois os governos inglês e francês estabeleceram as negociações de Moscou demonstrando, nos quatro meses de penosas conversações, que não queriam chegar a um pacto de ajuda mútua, mas sim obter argumentos para continuarem a negociar com Hitler, Mussolini e os militares japoneses.”*¹⁰⁴

Assim, a direção do partido afirmava que, apesar de ter sido firmado um pacto com os nazistas, a URSS era a única interessada em uma aliança com EUA, França e Inglaterra para combater o nazifascismo. Então, argumenta em defesa do pacto de não-agressão:

“Aceitando a proposta alemã de um pacto de não agressão a URSS botou por terra todas as manobras dos provocadores de guerra. Se a Polônia está sendo esmagada pelos nazistas só pode apontar como responsáveis desse desastre seu próprio governo reacionário e os imperialistas ingleses e franceses que recusaram a única ajuda que garantiria a independência do país e a integridade de suas fronteiras.

*Outro aspecto. A imprensa faz uma confusão propositada sobre o alcance do pacto de não agressão teuto-soviético. Não se trata de uma aliança, trata-se apenas de um compromisso de não agressão que a URSS cumprirá enquanto for respeitada pela outra parte. E, finalmente, não há partilha da Polônia pelo Exército Vermelho.”*¹⁰⁵

À esta altura, a *intelectualidade* começava a desanimar, já que os republicanos espanhóis haviam sido definitivamente derrotados e o pacto de não-agressão acabava por afirmar que a guerra seria inevitável. No Brasil, a confusão foi grande: logo que a notícia do pacto chegou ao Brasil, alguns afirmaram que isto

¹⁰³ Joel Silveira e Geneton Moraes Neto, Hitler/Stalin. O pacto maldito, Rio de Janeiro, Editora Record, 1989.

John W. F. Dulles, O Comunismo no Brasil, *op. cit.*, pp. 196 a 200.

David Caute, El comunismo y los...., *op. cit.*, pp. 161 a 173.

Herbert R. Lottman, *op. cit.*, pp. 185 a 187.

¹⁰⁴ Bureau Político do Partido Comunista do Brasil - S. da IC, “A URSS e o movimento *internacional*”, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1939.

¹⁰⁵ idem, ibid.

só poderia ter sido invenção da *“imprensa burguesa”*. Doce ilusão rapidamente destruída pela confirmação da notícia.

Ilya Ehrenburg, escritor soviético, que poderia ser encontrado com mais facilidade em Paris do que em Moscou, já que lá estava cumprindo tarefas da IC no movimento antifascista, indignou-se com o pacto e comentou com seus amigos:

*“Deixou-me aturdido o telegrama de Stalin a Ribbentrop, que continha a expressão ‘amizade cimentada com sangue.’”*¹⁰⁶

O comentário expressava a indignação dos círculos literários e artísticos europeus ligados ao movimento antifascista. No Brasil, não ocorreu de forma muito diferente. Jorge Amado inseriu o episódio em seu romance ***Os Subterrâneos da Liberdade***, da seguinte forma:

“E fora aquela confusão nos meios intelectuais, aquele quase repentino isolamento dos comunistas e simpatizantes, aquelas acusações brutais, um ambiente tenso e desagradável.”

*“Mas havia também gente honesta que não compreendia as razões e o significado do pacto Germano-Soviético e se afastava dos comunistas [...]”*¹⁰⁷

Jorge Amado, ao afirmar a existência de *“gente honesta”* estava referindo-se aos *“desonestos”* trotskistas, que, obviamente, ganharam um prato cheio para criticar veementemente a política empregada por Stálin. No entanto, os trotskistas brasileiros concordavam com a avaliação da IC e do PCB quando estes atacavam e culpavam os governos inglês e francês de imperialistas e pouco interessados em uma aliança que pudesse combater o nazifascismo.

Érico Veríssimo comentou o episódio reafirmando sua posição política não-totalitária, ou seja como um democrata, e o sentimento de derrota que pairava no ar:

“No dia anterior firmara-se em cima do cadáver da Polônia o pacto de não-agressão entre Alemanha e a Rússia soviética. Através do mundo, muitos intelectuais comunistas abandonaram, desiludidos, o Partido, e tanto eles como centenas de escritores e artistas de tendências esquerdistas afastaram-se da URSS, permanecendo como almas penadas, numa espécie de limbo político. Alguns deles me dava a impressão de orfandade: papá Stalin

¹⁰⁶ Ilya Ehrenburg, ***Memórias***. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966, vol. IV, p. 253.

¹⁰⁷ Jorge Amado, ***Os Subterrâneos da Liberdade***. São Paulo, Livraria Martins editora, 1954, Livro 3, pp. 209 e 200 respectivamente.

*morrera moralmente. Outros portavam-se exatamente como sacerdotes defroquês. E eram todos mal vistos pelos comunistas ortodoxos - que justificavam Stalin e seu 'realismo político' - e olhados com desconfiança tanto pelo Centro como pela Direita. [...] Mas, fosse como fosse, naquele ano de 1940 as perspectivas para os escritores não-totalitários no mundo inteiro eram negras.”*¹⁰⁸

Apesar de o pacto de não-agressão ter desfeito parte das ilusões de alguns escritores e artistas simpáticos ao comunismo e à URSS, as convicções democráticas e antifascistas foram reforçadas. Esperava-se que os Aliados fossem os vitoriosos e o medo do nazifascismo e da guerra exalava pela atmosfera. Graciliano Ramos escreveu um artigo intitulado **“Conversa fiada”** em maio de 1940, no qual o medo e a esperança convivem simultaneamente sem estarem em harmonia:

“A vida vai-se tomando insuportável - e o morro que ali se eleva sobre as casas fronteiras perde a consistência. Realmente não nos achamos em segurança. Esse ataque à Holanda e à Bélgica perturba-nos, tira-nos o apetite.

Mesquinhos, estávamos protegidos pela nossa pequenez, protegidos como ratos em tocas. Não podemos agora confiar nisso.

*Na rua estreita e silenciosa há sinais de ruína. As crianças que patinavam desapareceram. Será que os homens fortes irão matá-las?”*¹⁰⁹

Diante da escuridão que se abatia nos corações e nas mentes dos homens sensíveis, comprometidos de alguma maneira com a luta por um mundo melhor, cujas referências encontravam-se na URSS, na democracia e, em alguns casos, na defesa do socialismo, não havia outra alternativa senão empreender um esforço para a união de forças políticas de combate ao totalitarismo e à desumanização que o período de guerra causava.

¹⁰⁸ Érico Veríssimo, *op. cit.*, pp. 271 e 272.

¹⁰⁹ Graciliano Ramos, **“Conversa Fiada”**, maio de 1940, apud: idem, **Linhas Tortas**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1994, p. 202

CAPÍTULO III: JORGE AMADO NOS ANOS TRINTA
DA SIMPATIA À MILITÂNCIA COMUNISTA

Anos noventa... Jorge Amado é unânime e elogiosamente consagrado pela grande imprensa como “romancista de putas e vagabundos”¹¹⁰. Indicando, em seu livro de memórias, que esta definição partiu, com menosprezo, de um crítico literário ao analisar sua produção romanesca, Jorge Amado apropria-se dela, transformando-a e imprimindo-lhe um sentido positivo¹¹¹. Isto revela que, apesar dos mais de sessenta anos de estrada, Jorge Amado continua lutando por definir-se como um escritor *popular*. Mais que isso, luta por uma radicalização dessa definição, explicitando uma suposta opção político-literária por *putas e vagabundos*.

Há mais de trinta anos, em 1961, a Livraria Martins Editora lançou um volume em comemoração ao trigésimo aniversário da publicação da primeira edição de ***O País do Carnaval***, considerado o livro de estréia do autor¹¹². O volume é recheado de artigos, trechos, poemas, etc., assinados pelos mais importantes jornalistas, romancistas, críticos literários e poetas brasileiros (incluíram-se alguns estrangeiros), publicados em diversos jornais e revistas contemporaneamente às primeiras edições dos romances de Amado. Logo na apresentação da coletânea há uma afirmação vinculando Jorge Amado ao “povo” brasileiro, já considerado um “escritor popular”, mas nem de longe “romancista de putas e vagabundos”. Esta coletânea teve como objetivo homenagear Jorge Amado; assim, o conteúdo dos artigos escolhidos ganhou um sentido de reafirmação e/ou cristalização da definição de escritor *popular*.

Voltando mais um pouco no tempo, durante a década de 1950, Antonio Candido, em um trabalho obviamente diferente dos artigos de jornais da década de 1990 acima citados, discute o surgimento do “modernismo” e suas conseqüências para a década de 1930. Candido, então, define as características do romance que surge na década de 1930:

“Romance fortemente marcado de neonaturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado,

¹¹⁰ Ver o jornal ***Folha de São Paulo***, Caderno ***Mais!***, edição especial sobre Jorge Amado, 9 de agosto de 1992 e, no mesmo jornal, 13 de setembro de 1992.

¹¹¹ Jorge Amado, ***Navegação de Cabotagem***. *op. cit.*, p. 174.

¹¹² José de Barros Martins e Eduardo Portella (org.), ***Jorge Amado: 30 anos de literatura***. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1961.

Amando Fontes); *êxodo rural, cangaço* (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); *vida difícil das cidades em rápida transformação* (Érico Veríssimo).”¹¹³

Insistindo na idéia do surgimento de um romance de *inspiração popular* na década de 1930, Candido afirma que o “*modernismo*” não só proporcionou à literatura e aos seus autores uma “*ida ao povo*”¹¹⁴, como também o surgimento da “*arte interessada*”; incluiu-se aí Jorge Amado, ainda que não fosse o melhor representante desta definição¹¹⁵.

Neste período parece haver certa unanimidade na interpretação do significado da obra de Jorge Amado. Mas é preciso voltar ainda mais no tempo. O objetivo deste capítulo é acompanhar de perto a trajetória de um escritor que tornou-se reconhecido durante a década de 1930 como um “*intelectual comunista*”. Assim, não é relevante aqui discutir se Jorge Amado é ou não um “*escritor popular*” ou um “*romancista de putas e vagabundos*”, bem como todas as implicações destas definições; mas, sim, qual a marca que o autor imprime a si mesmo quando afirma ser um “*escritor popular*” e um “*intelectual comunista*” durante os anos trinta, em outras palavras, quais relações possíveis entre a obra do romancista e a sua opção político-partidária.

Entretanto, esta opção de abordagem é arriscada. Por um lado, ao descolar a experiência de Jorge Amado da dos seus companheiros de militância (literária, política e partidária) corre-se o risco de perder-se a riqueza das relações que os *intelectuais comunistas* estabeleceram entre si e com o mundo que os cercava. Por outro lado, ganha-se pelo acompanhamento de perto de uma trajetória que foi, durante as décadas de 1930 e 1940, considerada pelos próprios comunistas como exemplar.

¹¹³ Antonio Candido, Literatura e Sociedade. Estudos de teoria e história literária. 5a. edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, p. 123. O presente capítulo foi publicado originalmente em forma de artigo nos anos de 1953 e 1955.

¹¹⁴ Candido usa aqui a expressão russa “*v narod*”, que, sem o verbo, fica um pouco sem sentido, mas que pode significar mais exatamente “*no povo*”, “*dentro do popular*” etc. Outro significado pode ser encontrado através dos “*narodniks*”, que eram os chamados populistas russos bastante influentes, principalmente, no início do século na Rússia, cujo objetivo era ligar-se ao povo e às suas reivindicações.

¹¹⁵ idem, ibid., pp. 124 e 125.

1. Um companheiro de viagem

Misturado aos frutos dos cacauzeiros, nasceu Jorge Leal Amado de Faria em 10 de agosto de 1910 na fazenda Auricídia (Itabuna-Bahia). O pai, João Amado de Faria, natural de Sergipe, estabeleceu-se na Bahia em 1902, onde participou de lutas por conquista de terras, tornando-se um produtor de cacau. A mãe, Eulália Leal Amado, de descendência indígena, nasceu na Bahia.

A partir de 1918, Jorge Amado, frequentou um colégio em Ilhéus e, quatro anos depois, foi matriculado no Colégio Antônio Vieira, em regime de internato, na cidade de Salvador. Tentou fugir do colégio, mas logo foi achado por seu pai, que o matriculou em outro internato também em Salvador. Entre os anos de 1925 e 1929, viveu entre as atividades escolares e jornalísticas. Escreveu, por exemplo, na revista *A Luva*, depois trabalhou como repórter no *Diário da Bahia*, passando, então, pelas revistas *Samba*, *A Semana* e *Meridiano*.

Jorge Amado, Dias da Costa e Edison Carneiro escreveram o romance *Lenita*, publicado em fascículos por *O Jornal* no ano de 1929. Curiosamente, nem a crítica literária, nem o próprio Jorge Amado reconhecem este romance como o que deu início à sua carreira literária. Jorge Amado nega, posteriormente, o romance afirmando:

*"É também a cerveja do Bar Brunswick responsável por uma miserável novela que eu, Edson Carneiro e Dias da Costa escrevemos: Lenita."*¹¹⁶

Assim, o autor pretendeu romper com um suposto passado boêmio ("a cerveja"). Este rompimento e esta negação sugerem uma atitude do autor preocupado em adequar-se às regras estabelecidas por um grupo de literatos já reconhecidos por um certo público e pela crítica especializada. Ao passo que, quando de seu depoimento em 1934, alguns críticos literários já haviam

¹¹⁶ "Vizinhança", *Correio do Povo*, 2 de dezembro de 1934. Apud: Alfredo Wagner Berno Almeida, *op. cit.*, p. 37.

(des)qualificado **Lenita** em relação ao seu romance publicado em 1931, **O país do carnaval** - este sim considerado o primeiro de Jorge Amado¹¹⁷.

Ao mesmo tempo em que o autor lutava por ser aceito como escritor profissional, sua produção literária foi revelando diferentes projetos. A coerência não é óbvia, mas entre o primeiro, **O país do carnaval** (1931), e o segundo romance de Amado, **Cacau** (1933), há uma estreita ligação.

Em junho de 1930, Jorge Amado foi morar na cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de terminar o ginásio. No final deste ano, escreveu **O país do carnaval**, cuja primeira edição data de setembro de 1931 com uma tiragem de 1000 exemplares. Os protagonistas do romance são denominados “*intelectuais*” e parecem revelar os dilemas vividos pelo autor e, talvez, os de sua geração. Ao menos foi essa a leitura do poeta-editor, Augusto Frederico Schmidt, ao prefaciá-la na primeira edição do romance:

*“Seu livro deve ser visto de uma maneira diversa da que se olham as obras de ficção. É antes de tudo, um forte documento do que somos hoje, nós a mocidade brasileira, mocidade sem solução, fechada em si mesma, perdida numa terra que nos dá a todo momento a impressão de que sobramos, de que somos demais.”*¹¹⁸

Porém, mais do que um documento sobre os literatos do período, o romance expressa uma crítica aos mesmos. Através de sua constatação do que significa ser um “*intelectual*”, Jorge Amado explicita sua proposta de transformação deste significado:

*“(Porque na Bahia, boa cidade de Todos os Santos e em particular de Senhor do Bonfim, todo mundo é intelectual. O bacharel é por força escritor, o médico que escreve um trabalho sobre sífilis passa a ser chamado de poeta e os juízes dão valiosas opiniões literárias, das quais ninguém tem coragem de discordar.)”*¹¹⁹

A frase entre parênteses avisa que é o próprio autor quem está falando, sem a mediação de qualquer uma das personagens do romance, indicando, através de

¹¹⁷ Ver, para uma discussão mais aprofundada, ALMEIDA, *ibid.*, Capítulo I “O livro de estréia ou o acesso a uma posição na estrutura de um campo intelectual”. Entretanto, nenhum dos textos consultados para esta pesquisa analisam o romance **Lenita**.

¹¹⁸ Augusto F. Schmidt, “**Apresentação de um autor estreante**”. Prefácio da primeira edição de **O país do carnaval** (1931). Apud: MARTINS, *op. cit.*, p. 55.

¹¹⁹ Jorge Amado, **O país do carnaval**. (1a. edição 1931) São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p. 18.

um tom crítico e bastante irônico, a talvez necessária reformulação deste significado de “*intelectuais*”. A crítica irônica integra o autor na luta dos diversos grupos profissionais tidos como *intelectuais* por campos específicos de atuação e pelo reconhecimento destas especificações profissionais. A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) foi fundada em 1930; a profissão de jornalista foi regulamentada em 1931; no mesmo ano formou-se a Academia de Medicina e, em 1933, foi organizado o Conselho de Engenharia e Arquitetura ¹²⁰.

Mais que isso, a frase citada parece criticar a ampliação do significado de “*intelectual*”. A formulação da crítica, desta forma, indica qual é, para o autor, o “*verdadeiro intelectual*”: não é aquele que emite a torto e a direito suas opiniões, nem as emite sobre qualquer assunto. Desta forma, o tom irônico transforma-se em uma séria crítica: o prestígio que os “*intelectuais*” têm na sociedade brasileira e seu poder de influenciá-la não poderia ser deixado para quem escrevesse sobre qualquer assunto, é preciso ter critérios.

Os *intelectuais* protagonistas do romance vivenciam um dilema que, segundo o autor, não era mais entre escolher ou não, mas sim o quê escolher e, neste ponto, se completará sua noção de “*verdadeiro intelectual*”. Enquanto as duas principais personagens, Paulo Rigger e José Lopes, passam o romance todo debatendo entre qual a melhor opção, vão se revelando as visões do autor sobre o *povo* e o *popular* - elementos cruciais na construção de sua definição de *intelectual*.

Paulo Rigger é um fanfarrão *intelectual*, que vai à Europa estudar, mas se encontra mais preocupado com as festas parisienses do que com seus estudos, um verdadeiro *blasé* nas palavras de Jorge Amado. Sua trajetória, ironicamente construída, revela o grupo de “*intelectuais*” com o qual o autor está discutindo e do qual discorda. Rigger, quando volta de Paris, tenta de todas as maneiras se integrar ao país, mostrar como o Brasil poderia ser “*elevado*”... Liga-se aos círculos de jornalistas, políticos e escritores, conhecendo um líder do *catolicismo*, que lhe pede um artigo para a revista que dirigia, tematizando a “*raça*”. Rigger, então, escreve um poema intitulado “*Poema da Mulata Desconhecida*”:

*“Eu canto a mulata dos freges
de São Sebastião do Rio de Janeiro...
A mulata cor de canela [...]*

¹²⁰ PÉCAUT, op. cit., p. 54.

*É entre as suas coxas sadias
que repousa o futuro da Pátria.
Daí sairá uma raça forte,
triste, burra, indomável,
mas profundamente grande,
porque grandemente natural,
toda de sensualidade [...]*¹²¹

E conclui pedindo que a mulata nunca deixe de abrir suas pernas aos poetas pobres e aos estudantes vagabundos. Podemos comparar esse poema e a trajetória do próprio personagem com Paulo Prado e seu célebre livro **Retrato do Brasil**, publicado em 1928.

Paulo Prado, conhecido também por ter sido um dos principais mentores, organizadores e financiadores da Semana de Arte Moderna em 1922¹²², escolheu para epígrafe de seu livro uma frase de Capistrano de Abreu:

“O jaburú... a ave que para mim symbolisa a nossa terra. Tem estatura avantajada, pernas grossas, asas fomidadas e passa os dias com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela ‘austera e vil tristeza’.”

A epígrafe assemelha-se ao poema de Rigger. Além da tristeza, discutida em ambos, a semelhança se encontra também na interpretação que Paulo Prado constrói para a história do Brasil. Uma *história de obsessões*, causada pelo clima, pela terra, pela mulher indígena ou pela escrava africana; obsessão pelo ouro e o vício sexual, doenças que resultaram em uma *“raça triste”*¹²³. Estas são afirmações de Paulo Prado que em muito se parecem com as do poema de Paulo Rigger.

Além de Paulo Prado, é possível relacionar a idéia de miscigenação do povo brasileiro que, no poema aparece através da *mulata*, com Gilberto Freyre. Este, no período de publicação do romance de Jorge Amado, **O país do carnaval**, já era um reconhecido ensaísta, vinculado ao debate sobre a *“identidade nacional”*. Tanto em Paulo Prado como em Gilberto Freyre, a *“identidade nacional”* se origina na questão racial - miscigenação - e no encontro de culturas - negra-escrava e portuguesa-européia. Ainda que estas relações sejam somente hipóteses plausíveis,

¹²¹ AMADO, **O país do...**, *op. cit.*, pp. 16 e 17.

¹²² Sobre a trajetória de Paulo Prado ver: BOSI, *op. cit.*, pp. 376 a 379.

¹²³ Paulo Prado, **Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo, s/editora, 1929, pp. 121, 122 e 123.

necessitando de maiores investigações, Jorge Amado parece dialogar com os “modernistas”, ou pelo menos com uma de suas diversas correntes, criticando-a e, em certa medida, qualificando seus membros como *falsos intelectuais*.

Em 1924, por motivo da visita do escritor Blaise Cendrars ao Brasil, alguns “modernistas” organizaram uma viagem, a qual denominaram “redescoberta do Brasil”¹²⁴. Entre os “modernistas” se encontravam na caravana Olívia Guedes Penteadó, Tarsila do Amaral, Goffredo Telles, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que percorreram, com o escritor visitante, as cidades de Belo Horizonte, São João d’El-Rei, Congonhas do Campo e Mariana. Por este tempo, como vimos, Oswald e Tarsila eram assíduos freqüentadores de Paris, passando lá períodos longos. Talvez a referência à viagem que Rigger realiza pelo Brasil, passado algum tempo de seu retorno, com o objetivo de conhecê-lo mais a fundo, seja a ironização da caravana “redescoberta do Brasil” dos “modernistas”. Assim, como desfecho, Rigger volta a Paris, afastando-se das *trevas brasilis*. Nestes termos, Jorge Amado o coloca em uma posição de covardia frente aos problemas que a “nação” teria que enfrentar e diante das quais ele, como “intelectual”, deveria refletir e intervir.

O “verdadeiro intelectual” de Jorge Amado é José Lopes, personagem que debate com Rigger as possíveis opções a serem tomadas e no fim acaba por optar pelo comunismo, definindo-se como materialista e um crente na humanidade. No diálogo que finaliza o romance, José Lopes expõe a Rigger as razões de sua opção, afirmando que é preciso acabar com os preconceitos do povo; em outras palavras, instruí-lo¹²⁵. Ainda que Lopes, o comunista, não tenha tanta convicção de sua decisão, mostrando-se mais um simpatizante dos ideais comunistas, Jorge Amado, através dele, projeta qual a temática e que tipo de abordagem deveria ter o “verdadeiro intelectual”, sua missão: instruir o “povo”.

Vimos no capítulo anterior que Rachel de Queiroz tornou-se reconhecida nos meios literários após a publicação de seus dois primeiros romances, **O quinze** e **João Miguel**. Através deste reconhecimento, a autora passou a incentivar vários jovens escritores. Jorge Amado se incluiu neste caso, já que os manuscritos de seu romance - **O país do carnaval** - teriam sido levados a Schmidt pelas mãos da autora¹²⁶. Jorge Amado, no entanto, afirmou, em depoimento recente, que foi Otávio

¹²⁴ FONSECA, op. cit., pp. 138 e 139.

¹²⁵ AMADO, O país do..., op. cit., pp. 93 a 96.

¹²⁶ ALMEIDA, op. cit., p. 41.

de Faria quem o apresentou a Schmidt e que foi ele quem levou seus manuscritos ao editor, ao passo que Tristão da Cunha, como conselheiro da editora, deu o aval final para a publicação do livro ¹²⁷. Mas as diferentes remissões não são assim tão contraditórias, já que, neste período, o círculo literário no Rio de Janeiro (assim como em outras cidades) era muito pequeno. Portanto, é possível que Rachel tenha também influenciado positivamente a decisão de publicação do romance de Jorge Amado.

Otávio de Faria havia apresentado um ensaio ao Centro de Estudos Jurídicos e Sociais intitulado *Desordem no mundo moderno*. Tal Centro era presidido por Tristão de Athayde, muito conhecido do editor Schmidt ¹²⁸. Também o primo de Jorge Amado, Gilson Amado que havia se instalado no Rio de Janeiro algum tempo antes, fazia parte do Centro. Aliás, foi através do primo Gilson que Jorge Amado acabou conhecendo estes que o ajudaram a publicar seu romance.

Jorge Amado ingressou no curso de Direito da Faculdade Nacional em 1931, juntando-se aí com Gilson Amado. Ao mesmo tempo, ingressou na juventude comunista tornando-se, segundo ele, com mais três ou quatro - incluindo-se Carlos Lacerda - estudantes militantes, os principais "*líderes de esquerda*" da faculdade ¹²⁹.

O depoimento de Jorge Amado se torna interessante por que remete sua "*estréia*" como romancista a Otávio de Faria, membro de um grupo de "*intelectuais*" considerado conservador e politicamente de direita (católicos), e seu ingresso no PCB a Rachel de Queiroz, militante comunista.

Esta aparente contradição entre ser aceito como escritor por um grupo de "*direita*" - e isto só poderia ocorrer se o autor, em seu romance, expressasse o projeto *intelectual* de tal grupo ¹³⁰ - e a opção pelo comunismo, desmancha-se na medida em que a direção do PCB não tinha controle sobre seus militantes, fossem eles *intelectuais* ou não, tal como vimos no capítulo anterior.

¹²⁷ Alice Raillard, Conversando com Jorge Amado. Rio de Janeiro, Editora Record, pp. 53 e 54.

¹²⁸ Tristão de Athayde era o pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, representante da corrente "*modernista*" que transformou-se em corrente literária e política ligada ao catolicismo.

¹²⁹ RAILLARD, op. cit., pp. 48 e 49.

¹³⁰ Jorge Amado, com a publicação de O país do carnaval, foi prontamente bem recebido por uma parcela da crítica literária, ver os artigos do próprio editor Augusto F. Schmidt, de Marques Rebelo, Sosigenes Costa e Otávio de Faria. Apud: MARTINS (org.), op. cit., respectivamente, pp. 55, 59 e 60.

Já no segundo romance de Jorge Amado, **Cacau**, delineia-se a simpatia do autor pelo projeto “político-literário” já anunciado no romance anterior. A publicação de **Cacau** teve grande repercussão entre os críticos literários e, também, entre a polícia carioca que o apreendeu, mas por intervenção de Oswaldo Aranha (então, Ministro do Exterior) foi liberado 24 horas depois. Talvez até por causa da apreensão é que o livro fez sucesso entre o público: a primeira edição, maio de 1933, contou com 2000 exemplares e se esgotou em um mês, tendo na segunda edição, julho-agosto de 1933, 3000 exemplares.

Contemporâneo a **Evolução Política do Brasil e outros estudos. Ensaio de Interpretação Materialista da História do Brasil** (1933) de Caio Prado Júnior e **Parque Industrial** de Pagu, **Cacau** de Jorge Amado é classificado como “romance proletário” e pretende narrar a vida dos trabalhadores, elegendo-os como seus protagonistas. Obviamente, há diferenças entre estas três obras. Caio Prado estava preocupado em elaborar uma interpretação da história do país através da “ciência proletária”, o materialismo histórico. Jorge Amado, a partir de seu seu segundo romance, buscou criar uma identificação entre o “personagem-trabalhador” e o próprio trabalhador.

Assim, o livro pretendeu ser uma história dos trabalhadores nas fazendas de cacau no sul da Bahia. “Será esse um romance proletário?”, com essa questão (ou dúvida?) o autor apresenta o romance. A narração do romance é entregue a um trabalhador das fazendas de cacau, de nome Sergipano. Ao investir Sergipano de habilidades literárias, Jorge Amado reafirma a missão a que se propôs em seu primeiro romance: guiar e conscientizar o povo, mostrando, agora, a este o caminho para fugir da ignorância e da miséria das fazendas cacauzeiras. Jorge Amado, neste sentido, usa da suposta prerrogativa de dar voz ao proletário, para, no entanto, falar por eles.

Sergipano ganha habilidades literárias quando vai para o Rio de Janeiro e se torna um operário tipógrafo, como esclarece nas últimas páginas do romance:

“Não é um livro bonito, de fraseado, sem repetição de palavras. É verdade que eu hoje sou operário tipógrafo, leio muito, aprendi muita coisa. [...] Demais não tive preocupação literária ao compor essas páginas. Procurei contar a vida dos trabalhadores das fazendas de

*cacau. [...] Um dia talvez eu volte às fazendas de cacau. Hoje tenho alguma coisa a ensinar.*¹³¹

A trajetória de Sergipano, que culmina com sua ida ao Rio de Janeiro para lá tornar-se tipógrafo, o que o habilita a ensinar outros trabalhadores, inicia-se com a narração de sua infância. Aqui, a percepção do personagem indica a existência de dois mundos diferentes, os patrões e os trabalhadores, os ricos e os pobres: marcações importantes desde o início do romance, sendo paulatinamente intensificado o conflito entre esses dois mundos. Isso ocorre, muito provavelmente, não porque Sergipano tenha assim vivenciado sua infância, mas porque quando ele está escrevendo, além de ser um operário tipógrafo, já está *conscientizado* pelo autor, tendo algo a ensinar: é o operário quem vai *conscientizar* o camponês.

O pai de Sergipano era dono de uma fábrica e quando morreu a família perdeu tudo. De uma infância sem problemas e com bastante conforto, o menino, no entanto, já percebia a diminuição gradativa nos salários dos operários da fábrica de seu pai¹³². Sua percepção aprofundou-se quando, após a morte do pai, a família mudou-se para perto da vila operária “*Cu com bunda*”. Já com um pouco mais idade foi trabalhar na fábrica que fora de seu pai, sentindo um certo orgulho em ter se tornado operário. Sendo despedido, resolveu trabalhar em outra cidade, chegando à fazenda de cacau onde se desenrola a maior parte do romance.

O coroamento da percepção de um mundo injusto, já no desfecho da história, aparece no capítulo intitulado “*Consciência de Classe*”. O título já sugere muito do que Jorge Amado pretendia. Nesse ponto, revela-se para Sergipano a atitude do companheiro de trabalho nas roças de cacau, Colodino, quando o patrão mandou-o matar um outro trabalhador e este não realizou a tarefa, fugindo da fazenda. Essa atitude de Colodino foi, para Sergipano, causada por sua *consciência de classe*¹³³. Algum tempo depois, Sergipano recebe uma carta de seu amigo Colodino, já instalado no Rio de Janeiro:

[...] Venha embora pra cá, Sergipano. Aqui se aprende muito. Tem resposta para o que a gente se perguntava ahi. Eu não sei explicar direito. Você já ouviu falar em luta de

¹³¹ Jorge Amado, *Cacau*. (1a. edição 1933) São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p. 163.

¹³² idem, *ibid.*, p. 105.

¹³³ idem, *ibid.*, pp. 160 a 162.

*classe? Pois há lucta de classe. As classes são os coronéis e os trabalhadores. Venha que fica sabendo tudo. E um dia a gente pode voltar e ensinar para os outros. [...]*¹³⁴

Desta forma, Sergipano irá seguir os mesmos passos de seu amigo Colodino. Há um *processo de conscientização* em ambos, processo que se realiza através da experiência na cidade e como operário, experiência externa ao processo de trabalho na fazenda. Esse processo, construído por Jorge Amado, parece indicar que se ambos continuassem na fazenda não *aprenderiam nada*.

Por isso, é coerente que, para finalizar o romance, o autor arquitete uma greve fracassada dos trabalhadores da fazenda. Mas eles são obrigados a voltar ao trabalho no dia seguinte com uma redução no valor dos salários. Logo depois, Sergipano vai embora da fazenda e se instala no Rio, onde se torna um tipógrafo. E, ao se despedir da fazenda, comenta:

*“Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande mataria o amor mesquinho pela filha do patrão. Eu pensava assim e com razão.”*¹³⁵

O lirismo que envolveu Sergipano, quando da sua chegada à fazenda, gerando um amor pela filha do patrão, transforma-se em amor por seus iguais, pela gente de sua “classe”. Mas essa transformação só pôde ocorrer quando já estava na cidade e vivenciava outras experiências. Neste ponto, há uma clara identificação entre as características do personagem-narrador construído pelo autor e a posição política do PCB. A morte do “*amor mesquinho*” pela filha do patrão pode representar a própria morte da oligarquia fazendeira, já anunciada com a chamada “*revolução de 30*” e preconizada pelo PCB, assim como o nascimento do amor por seus iguais pode representar o nascimento de um movimento de trabalhadores unidos por um ideal: acabar com a exploração que sofrem. Mas somente a consciência-operária, e não a consciência-camponêsa, poderia levá-los à emancipação.

Assim, a proposta literária-emancipadora de Jorge Amado passa pela negação da exploração sofrida pelos trabalhadores, causada pelos patrões. Ou seja, o “*verdadeiro intelectual*” neste romance é aquele que, além de falar sobre o povo, dá-lhe voz e o faz sujeito do processo de transformação social, ao mesmo

¹³⁴ idem, *ibid.*, p. 162.

¹³⁵ idem, *ibid.*, p. 169.

tempo em que, elege no povo os trabalhadores urbanos (operários) como sujeitos desta transformação.

É interessante notar como o crítico literário Murilo Mendes recebeu este romance de Jorge Amado. O crítico foi instigado pela publicação deste romance e pelo de Pagu, *Parque Industrial*, ambos denominados “romance proletário” e acabou escrevendo um artigo sobre eles no famoso *Boletim de Ariel*, em 1933. Mendes inicia o artigo tentando achar a resposta para a pergunta sobre o que poderia chamar de “romance proletário”, assinalando que, se um escritor tivesse realmente a pretensão de ser revolucionário, teria que se “integrar no espírito proletário”, já que no Brasil o proletariado ainda estava em formação. A partir daí compara o romance de Pagu com o de Jorge Amado:

“O caso recente de Pagu é típico. ‘Romance proletário’, anuncia a autora no frontispício do Parque industrial. Houve engano. É uma reportagem impressionista, pequeno-burguesa, feita por uma pessoa que está com vontade de dar o salto mas não deu. Assiste-se à entrada da fábrica, à saída da fábrica, a encontros do filho do grande capitalista com a filha do operário, etc. Parece que para a autora o fim da revolução é resolver a questão sexual. [...] Já este livro *Cacau* tem outra consistência. O autor examina a vida dos trabalhadores de fazenda de cacau com uma visão ampla do problema, e não sacrifica o interesse humano do drama ao pitoresco. [...] Com este livro entra Jorge Amado para o 1o. team dos novos escritores brasileiros.”¹³⁶

É bem sugestivo que Murilo Mendes tenha emitido este tipo de opinião. Mendes havia participado do “movimento modernista”, escrevendo para várias publicações do período. A partir do início da década de 1930, Mendes se aproximou cada vez mais dos escritores católicos, juntando-se a Jorge de Lima, Tristão de Ataíde, Augusto Schmidt e outros. Pagu era, antes de tudo, uma crítica extremada dos costumes e da moralidade religiosa e daquelas que ela denomina de burguesas, como já foi demonstrado através dos seus artigos para *O Homem do Povo*. Além disso, o artigo de Murilo Mendes nos avisa que qualquer escritor que se pretendia revolucionário deveria tematizar o proletariado que se encontrava em formação.

Nos romances publicados após *Cacau*, Jorge Amado leva paulatinamente às últimas conseqüências sua proposta literária-missionária: educar e regenerar esse

¹³⁶ Murilo Mendes, “*Cacau*”, *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, 1933. Apud: MARTINS, Jorge Amado..., *op. cit.*, pp. 71 e 72.

mesmo povo, conscientizando suas personagens principais e revelando sua proposta de transformação social relacionada com sua própria opção política.

Segundo Jorge Amado, *Suor* é um romance que retrata “verdadeiramente” o que ele viveu no período (meados da década de 1920) em que morou numa ruela próxima ao Largo do Pelourinho ¹³⁷. Falando de seu livro de 1934 nos anos noventa, Jorge Amado se define como um *realista*, apresentando uma proposta literária que rompia com os por ele denominados *acadêmicos* e com os próprios *modernistas*. Jorge Amado desqualifica tais correntes por entender que estas não contribuíram para mudanças das condições sociais de então. Assim, *Suor* é a tentativa de apresentar uma proposta alternativa a essas correntes literárias.

Suor se desenrola num grande casarão, povoado por centenas de pessoas, localizado na Ladeira do Pelourinho no. 68. O enredo, às vezes, se parece com uma coletânea de retratos das diversas personagens moradoras do casarão: trabalhadores do cais, operários, lavadeiras, empregadas em casas ricas, prostitutas, anarquistas, imigrantes, costureiras, malandros, vagabundos, etc. A descrição da miséria é, no entanto, uma espécie de *leitmotiv*: ratos caminhando pelos corredores escuros do casarão, o suor dos trabalhadores infestando cada canto, mulheres que lavam roupas para sobreviver, bêbados encostados nas escadas, prostitutas oferecendo seus corpos por um pouco de comida, crianças barrigudas correndo, o banheiro infestado de sujeira e insetos, os quartos cheirando a mofo, etc.

A questão que, no entanto, forma o enredo do romance é a luta dos inquilinos contra o proprietário do casarão. Essa luta dos inquilinos contra o dono do prédio se desenvolve num crescendo. Primeiro, são lutas individuais de moradores que não conseguem pagar o aluguel; depois vêm as doenças causadas pela sujeira do casarão, mortes e visitas da Saúde Pública.

A Saúde Pública enviou várias vezes “mata-mosquitos” ao casarão, multando o proprietário que se recusava a pagar, dizendo que este era um problema dos moradores. Os casos de doenças se intensificavam e, com maior frequência, viam-se caixões saindo da pequena porta de entrada do casarão. Jorge Amado, mostrando a miséria e a sujeira, discute o processo de desumanização dos

¹³⁷ Apud: RAILLARD, *op. cit.*, p. 33.

moradores do casarão. Faz da denúncia o seu principal instrumento narrativo, mas não se livra da visão que pretende mudar tal situação de fora para dentro.

Além das doenças que a sujeira do casarão causava, os moradores conviviam com os freqüentes acidentes de trabalho dos operários. Joaquim, ajudante de pedreiro, ficou cego devido à visita do proprietário na construção onde trabalhava. O proprietário lhes ordenou maior rapidez na execução das tarefas, os operários intensificaram o trabalho e Joaquim, que pegava os tijolos no alto do andaime, se atrapalhou. Um tijolo atingiu sua testa e ele caiu de uma grande altura. Quando Álvaro Lima, operário, chegou ao casarão, viu um tumulto e quis se inteirar. Depois de lhe contarem o que havia acontecido com Joaquim, Álvaro Lima respondeu com vigor:

*"- Camaradas! É preciso acabar com as explorações. Nós somos muitos, pobres, sujos, sem comida, sem casa, morando nesses quartos miseráveis. Explorados pelos ricos, que são poucos... É preciso que todos nós nos unamos, para nos defender... Para a revolução dos operários... É preciso que os operários se juntem em torno do seu partido, para acabar com as explorações... Com os governos podres e ladrões... Fazer um governo de operários e camponeses... Olhem para o caso de Joaquim [...]"*¹³⁸

Aparentemente perdido entre tantos casos de mortes e acidentes, este se liga diretamente ao desfecho do romance. Álvaro Lima é um dos organizadores da programada greve da companhia de bondes, buscando adesões entre outros setores operários. Dias antes do início da greve houve uma batida policial no casarão. Levaram muitos operários. Os moradores do casarão mobilizaram-se pedindo a liberdade dos presos. Escreveram panfletos, organizaram comícios. Todos os moradores amontoaram-se como se estivessem amotinados, veio a polícia quando Álvaro Lima começou a falar para a multidão. Levou um tiro na testa...¹³⁹

Mais uma vez uma greve fracassada encerra um romance de Jorge Amado. A derrota da greve demonstra um aparente pessimismo do autor. Entretanto, não há nos personagens-trabalhadores derrotados uma proposta alternativa de organização social, há quando muito um sentimento de solidariedade entre os que vivem na mesma condição e uma simples percepção de um mundo dividido em dois: explorados e exploradores, ricos e pobres, patrões e empregados. Este conteúdo

¹³⁸ Jorge Amado, *Suor*, (1a. edição 1934) São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p. 210.

¹³⁹ idem, *ibid.*, pp. 258 a 261.

literário significa uma visão do autor sobre o povo, mais exatamente, sobre os trabalhadores que ele elege, colocando-os como incapazes de elaborar um projeto alternativo de sociedade. Estes não influenciam a sociedade, estão à margem dela. Apesar de existir uma proposta alternativa, esta aparece de forma incipiente. Não foi à toa que, na frase citada acima, Álvaro Lima propôs uma união dos explorados, apenas como forma de resistência, e acaba organizando uma greve que resulta em sua trágica morte. Além disso, a construção da frase, originalmente cheia de reticências, apresenta um discurso pouco seguro do personagem-trabalhador.

Por outro lado, é o tom de denúncia o ponto mais forte deste romance e não a apresentação de uma proposta alternativa de sociedade. Denúncia de um povo que vive mal, mora mal, come mal, trabalha por uma miséria de salário, sofre todo tipo de privações e desgraças. Em um período em que se reconhece tais setores da população como brutos e incivilizados, o seu tom é para horrorizar principalmente seus colegas de profissão que, segundo ele, ainda permaneciam fazendo apologia da riqueza ou se negavam a ver a *dura realidade do povo* que ele pretendia mostrar. Esse tom tem também como objetivo *conscientizar* o povo através de tais personagens, já que intenciona estabelecer uma certa identidade entre o retrato (o romance) e o retratado (o próprio povo), humanizando suas experiências de vida. Nestes termos, o autor não rompe com a visão missionária e civilizadora de grande parte da *intelectualidade* do período, propondo a este mesmo povo uma vida nos próprios termos do autor.

Ao mesmo tempo, Jorge Amado ao “*elevantar*” o trabalhador, o operário, o camponês, a prostituta, etc. à condição de protagonistas de seus romances, denunciando suas péssimas condições de vida, integra-se num projeto de transformação social próxima à do ideário comunista oficial. Mas em **Cacau** e em **Suor** os desfechos não são positivos: no primeiro, a greve fracassada dos trabalhadores da fazenda e no segundo, a morte do líder da rebelião dos moradores do casarão. Isto revela a fragilidade da proposta emancipadora de Jorge Amado e o torna, ainda, um simpatizante do ideário comunista oficial. Mas, os romances de Jorge Amado que se seguiram, mostram uma radicalização em seu projeto político-literário...

2. O “intelectual comunista”exemplar

Em *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936) e *Capitães da areia* (1937), vistos em conjunto, os enredos estão imbricados. Surge, em Jorge Amado, um tipo ideal mais acabado, em relação aos seus romances anteriores, de trabalhador consciente, muito próximo do tipo ideal de trabalhador consciente imaginado pelos comunistas.

A história do negro Baldo, em *Jubiabá*¹⁴⁰, é exemplar. Trajetória que se encaminha do ódio racial ao ódio de classe. Baldo é aquele que consegue vencer as barreiras impostas pelas estruturas sociais, que o jogam para a malandragem, para a vagabundagem, para as lutas de capoeira, para os terreiros de candomblé.

Antonio Balduino, mais conhecido como o negro Baldo, aprende sobre a vida nas ladeiras do morro onde mora:

*“Antonio Balduino ouvia e aprendia. Aquela era a sua aula proveitosa. Única escola que ele e as outras crianças do morro possuíam. Assim se educavam e escolhiam carreiras. Carreiras estranhas aquelas dos filhos do morro. E carreiras que não exigiam muita lição: malandragem, desordeiro, ladrão. Havia também outras carreiras: a escravidão das fábricas, do campo, dos ofícios proletários.”*¹⁴¹

Aprendeu com Zé Camarão, capoeirista e malandro, que a liberdade está em não trabalhar, está em não manter a tradição negra de servir. Com Jubiabá, pai de santo, aprendeu, através das histórias que ele lhe contava, que a liberdade estava na manutenção da tradição religiosa de seus antepassados africanos.

Depois que a tia que o criava morreu, Baldo foi morar na casa de um comendador. Persuadido por Augusta, moradora do morro, que vendia rendas à esposa do comendador, este resolveu ajudar o menino órfão. Pouco tempo, no entanto, Baldo ficou nesta casa. Manteve, desde a sua chegada, uma grande admiração por Lindinalva, filha do comendador, e uma relação conflituosa com a criada da casa, Amélia. Quando o comendador o colocou em uma escola pública, por exemplo, e logo foi expulso por malandragem, ouviu-se o comentário venenoso de Amélia de que negro é uma raça que só serve para ser escravo, não nasceu para aprender coisa alguma¹⁴². E foi pelos comentários venenosos de Amélia que

¹⁴⁰ *Jubiabá* foi considerado, no final de 1935, um dos livros mais importantes do ano ao lado de *Moleque Ricardo* de José Lins do Rego.

¹⁴¹ Jorge Amado, *Jubiabá*. (1a. edição 1935) São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p. 23.

¹⁴² idem, *ibid.*, pp. 42 e 43.

Baldo fugiu da casa do comendador. Um dia, sentado na escada da cozinha, olhava para Lindinalva que costurava. Amélia soltou um grito, afirmando que Baldo estava olhando para as coxas da moça. Todos acreditaram em Amélia. Baldo sentiu que foi desacreditado por ser um negro e, a partir de então, começou a manifestar seu ódio contra os brancos.

Ainda criança, Baldo passou a mendigar nas ruas. Mas voltava sempre ao morro para visitar pai Jubiabá e seus outros amigos. Começou a freqüentar a “*Lanterna dos Afogados*”, bar no cais do porto, com Zé Camarão. Aprendeu a tocar violão e a fazer sambas, que eram comprados por poetas da parte rica da cidade. Além de excelente capoeirista, Baldo era um grande *boxer*, ganhando algum dinheiro com suas vitórias. A palavra *malandragem* passa a ter um significado muito especial de liberdade para ele. Resolveu, então, sair da cidade e encontrou emprego em uma fazenda de tabaco. Ficou por lá algum tempo, até que uma desavença o forçou a fugir da fazenda, passando maus momentos causados pela perseguição que sofreu.

Desde que saiu da casa do comendador, apesar de todo o ódio que cultivava, Baldo não conseguiu esquecer Lindinalva, aquela menina branca e sardenta. Não a esquecia e a depreciava em seus pensamentos. Vai, então, trabalhar como lutador de boxe no circo de um antigo amigo. Mas o circo estava em péssimas condições financeiras e Baldo resolveu voltar ao morro de sua infância.

Um dia, perambulando pela cidade, encontrou Amélia que lhe contou a desgraça que havia acontecido à Lindinalva e à sua família. Ela havia noivado com o filho de um famoso deputado, engravidou e este a largou. Lindinalva teve uma menina batizada com o mesmo nome da mãe. É bem sugestivo o fim construído por Jorge Amado para a família de Lindinalva. Sua mãe, um ano após a fuga de Baldo, adoeceu e morreu. Seu pai perdeu-se com mulheres e não cuidava mais dos seus negócios. Dr. Gustavo Barreira, o noivo, conheceu Lindinalva neste período de declínio da riqueza da família, tentou ajudá-los, cuidando dos negócios do comendador. A decadência dos negócios e o esfacelamento da família do comendador foram rápidos.

A projeção da decadência da aristocracia baiana, através dessa família, faz parte da percepção de Jorge Amado sobre chamada “*revolução de 30*” e toda a movimentação política que preparava o surgimento da Aliança Nacional Libertadora

(ANL). A construção de uma memória positiva da *revolução de 30* já se cristalizava. Apesar de críticas políticas ao governo implantado por Getúlio Vargas, Amado compartilha da memória construída que anunciava a modernização do país através do discurso que propunha o afastamento do poder político e, conseqüentemente, econômico dos aristocratas e oligarcas. Por este motivo, até os anos noventa, o autor continuou afirmando que a *revolução de 30* foi um movimento popular ¹⁴³.

Como vimos, a ANL só foi fundada em março de 1935. De acordo com os pontos do programa da aliança e a avaliação que esta fez sobre a “*revolução de 1930*”, Jorge Amado não colocou em seu romance os pontos principais deste programa, nem a posição oficial do PCB sobre os acontecimentos de 1930. Segundo um documento oficial da Internacional Sindical Vermelha - ligada à Internacional Comunistas -, datado de janeiro de 1931, o processo eleitoral de 1930, e o conseqüente golpe de Getúlio Vargas em outubro do mesmo ano, não passou de um conflito entre os países imperialistas, EUA e Inglaterra, na disputa pelo controle econômico e político do Brasil ¹⁴⁴.

Não é à toa, portanto, que Lindinalva, não tendo como sustentar a filha, foi parar em um bordel e que, após o parto, tenha adoecido. Última representante de um grupo econômico e político em decadência, segundo Jorge Amado, Lindinalva agonizando é encontrada por Baldo. Poucos instantes antes do último suspiro, Lindinalva pede a Baldo que ajude a criar sua filha. Ao mesmo tempo, este fim trágico de Lindinalva parece ser um castigo por ela não ter acreditado em Baldo, por ter pactuado com Amélia daquele preconceito racial contra o negro Baldo, típico de uma visão das aristocracias e das oligarquias, segundo o próprio Jorge Amado.

Baldo, então, para cumprir o pedido de Lindinalva, assume o lugar de Clarimundo na estiva. Dias depois, estoura uma greve no cais; Baldo sente-se parte daquele movimento e, quando vai participar de uma festa no candomblé de Jubiabá, sente vontade de falar para a multidão, sobe em um banco e:

“-Meu povo, vocês não sabe nada... Eu tou pensando na minha cabeça que vocês não sabe nada... Vocês precisam ver a greve, ir para a greve. Negro faz greve, não é mais escravo. Que adianta negro rezar, negro vir cantar para Oxóssi? Os ricos manda fechar a

¹⁴³ Apud: RAILLARD, *op. cit.*, pp. 59, 60 e 75.

¹⁴⁴ Apud: CARONE, *O PCB...*, *op. cit.*, pp. 111 a 119. O documento da Internacional Sindical, intitulado “*Os últimos acontecimentos no Brasil e as perspectivas de novas lutas*”, representa bem a posição oficial do PCB, já que, neste período, as formulações da Internacional eram inquestionáveis.

festa de Oxóssi. Uma vez os policiais fecharam a festa de Oxalá quando ele era Oxolufã, o velho. E pai Jubiabá foi com eles, foi pra cadeia. Vocês se lembram, sim. O que é que negro pode fazer? Negro não pode fazer nada. Negro faz greve, pára tudo, pára guindastes, pára bonde, cadê luz? Só tem estrelas. Negro é a luz, é os bondes. Negro e branco pobre, tudo é escravo, mas tem tudo na mão. É só não querer, não é mais escravo. Meu povo, vamos pra greve que a greve é como um colar. Tudo junto é mesmo bonito. Cai uma conta, as outras caem também. Gente, vamos pra lá.”¹⁴⁵

Acaba aí o Baldo das malandragens e da vadiagem, o negro Baldo com ódio dos brancos. Começa Antonio Balduino, o grevista, o que quer libertar seus iguais da escravidão. Assim, Jubiabá, o pai de santo, acaba quando começa Antonio Balduino. Primeiramente, Baldo crê na religião pregada por Jubiabá, depois a nega para acreditar na organização e luta dos trabalhadores, tornando-se Antonio Balduino. Ou seja, Jorge Amado deu-lhe a *consciência*.

De vagabundo a trabalhador e de trabalhador passivo a grevista, eis a história de Baldo. A visão do autor revela uma valorização do trabalho como único meio de romper com a escravidão. Aquele que se organiza, que faz greve, deixa de ser escravo. Mas não é só negro que é escravo, branco pobre é também escravo e juntos, como um colar, podem se libertar. No entanto, é preciso, tal como Jorge Amado organiza o romance e suas personagens, livrar-se da mentalidade servil, ou melhor, adquirir uma *consciência* que se desdobra em sua própria noção de *consciência de classe*, que só é verdadeira se tem a perspectiva união de todos os trabalhadores, cuja unidade encontra-se na *organização proletária*.

Antes da publicação de **Mar Morto** (1936), Jorge Amado é preso, acusado de participação nos levantes comunistas de novembro de 1935, juntamente com Graciliano Ramos, Eneida, Dionélio Machado, Di Cavalcanti, etc. Sendo solto logo depois, o autor publicou **Mar Morto**, que é mais doce e suave em seu ritmo, no qual, entretanto, a morte ronda todas as personagens sem que estas possam fazer algo para impedi-la de chegar. Guma protagoniza a história daqueles que vivem no cais e vivem do e no mar. Nas palavras de Amado, na apresentando o romance:

“...Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia. Os velhos marinheiros que remendam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros, sabem essas histórias e essas canções. [...] Vinde ouvir a história de Guma e de Livia que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens

¹⁴⁵ AMADO, Jubiabá, op. cit., pp. 223 e 224.

rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros.”¹⁴⁶

História dos trabalhadores do cais, história de Guma. Tendo seu pai morrido quando ainda era pequeno, Guma aprendeu os ofícios de marinheiro com o tio, Francisco. Passou a infância, que logo terminou, enfiado dentro do saveiro do tio. Poucas horas por dia, durante seis meses, freqüentou a escola da beira do cais. Mas logo o serviço no saveiro tomava todo seu tempo e Guma teve que deixar a escola. No último dia em que foi a escola, a professora se emocionou:

“Da janela ela viu Guma que partia. Tinha onze anos e lá ia ele, apto para a vida como os jovens médicos e advogados aos vinte e três anos e vinte e cinco. Também ia entrar na vida, ia começar sua profissão e, no entanto, não havia festa, não havia solenidade, apenas o desafogo de não ser necessário lavar tantas vezes a sua roupa, porque para a escola era preciso ir mais limpo. Nenhuma esperança ia também naquele peito. Nenhuma idéia de grandes conquistas, de grandes descobertas, de inventos maravilhosos, de poemas eloqüentes ou doces. [...] O destino deles já estava traçado. Era a proa de um saveiro, os remos de uma canoa, quando muito as máquinas de uma navio, ideal grandioso que poucos alimentavam.”¹⁴⁷

E é sobre esse destino já traçado, sobre as estruturas que empurram Guma para o trabalho no saveiro e para a morte, que se desenrola o romance. Mas, também, é sobre a dicotomia entre doutores e trabalhadores que se apresenta a vida de Guma.

A professora, dona Dulce, da escola do cais chegara ainda jovem, recém-formada em uma escola normal. Cheia de esperanças em poder ajudar aqueles meninos e meninas tão pobres, dar-lhes alguma palavra de conforto quando morria algum pai em alguma tempestade. Mas logo percebeu sua impotência e se encheu de tristeza, tristeza em reconhecer a inutilidade de seu “conhecimento” frente à miséria. Só uma idéia acalmava sua tristeza, era a de que algum milagre pudesse trazer algo bom para aqueles homens e mulheres. E vivia afirmando tal idéia para o médico que também morava junto ao cais. O médico, dr. Rodrigo, ajudava sempre os moradores do cais, examinando e medicando-os gratuitamente, fazia partos,

¹⁴⁶ Jorge Amado, Mar morto. (1a. edição 1936) São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p. 6.

¹⁴⁷ idem, ibid., p. 34.

distribuía remédios, etc. Agindo assim, dr. Rodrigo pensava estar dando alguma esperança a eles.

Neste ponto, Jorge Amado parece nos dizer que a educação e, quem sabe, o saber acadêmico, não podiam libertar um povo, segundo ele, miserável e ignorante. Só o desejo consciente dos que se sentiam escravizados poderia realizar o “*milagre*” operado por Jorge Amado na conclusão do romance. Ao mesmo tempo, parece indicar que a solidariedade daqueles que vêm da *terra* pode amenizar as dores e os sofrimentos causados pela miséria daqueles que vivem no e do mar.

Entre um carregamento e outro, Guma se apaixona por Lívia, que vem da *terra*. Sobrinha de comerciantes, Lívia foi logo envolvida pelo amor de Guma. Seus tios não concordavam com o namoro, esperavam dela um casamento que os ajudasse a ampliar a mercearia. Mesmo assim, casaram-se e Lívia, mulher da *terra*, passou a esperar por Guma todos os dias no cais. Lívia aprende, aos poucos, sem nunca se conformar, a conviver com os trágicos acidentes envolvendo os marinheiros. Muitas viúvas do mar, mulheres que se encontravam, de uma hora para outra, sem seus maridos e sem outra maneira de sustentar os filhos, tornavam-se prostitutas.

As prostitutas são personagens recorrentes nestes romances de Jorge Amado. Cada uma delas, de forma geral, possui sempre uma trágica história de vida. Jorge Amado já anuncia a tragédia que as acompanha logo em seu primeiro romance. Pedro Ticiano e Jerônimo, membros do grupo de amigos de Paulo Rigger e José Lopes, conversavam sobre as prostitutas. Pedro Ticiano argumentava que toda prostituta tem uma tragédia para contar. Chama uma prostituta que passava pela calçada para comprovar sua tese e ela lhes conta sua história:

*“Tudo igual a das outras... Vivia lá em Nazaré com os pais. Cosia. Ganhava até dinheiro. Um dia, um homem rico e elegante fora passear na cidade, prometera-lhe casamento, casa bonita, automóveis. Naquele tempo ela ainda acreditava nos homens. Depois, deixara-a perdida, odiada pela família. Viera então para a Bahia. E aí estava a sua história.”*¹⁴⁸

Ticiano finalizou dizendo à mulher que sua tragédia poderia ter sido pior se tivesse que morrer virgem. Ironia que diz muito sobre um ponto de vista que

¹⁴⁸ idem, O país do..., op. cit., p. 52.

concebe a mulher como ingênua, que caiu na conversa de um homem que se dizia rico e lhe prometia conforto financeiro.

Pior, talvez, seja a história de Maria de Lourdes. Ainda em *O país do carnaval*, Paulo Rigger se apaixona por uma moça, a qual ele define, perante os amigos, quando de seu noivado, como uma moça muito pobre mas muito boa¹⁴⁹. Maria de Lourdes resolveu, então, contar-lhe que já havia se apaixonado por outro homem antes de conhecê-lo e que, neste amor do passado, havia “se entregado” ao outro. Surpreendido pela notícia, Paulo Rigger deixou-a em casa sem dizer uma palavra¹⁵⁰. Pensou por alguns dias sobre o assunto, mas nunca mais procurou Maria de Lourdes. Puro preconceito denunciado por Jorge Amado ou apenas mais uma tragédia de uma boa moça que não soube o momento certo para se entregar? Talvez nenhuma das duas perguntas permitam respostas que expressem o significado da construção destas tragédias para Jorge Amado. Acompanhando outras histórias, pode-se chegar mais perto da resposta.

Outra tragédia é encontrada em *Cacau*. No vilarejo perto da fazenda de cacau, onde Sergipano trabalhava, havia uma casa de prostituição em um lugar chamado sugestivamente de “*rua da Lama*”. Lá, vivia uma menina de 13 anos, Zilda, que se prostituía desde os onze. Sua ida para a *rua da Lama* aconteceu quando ela ainda nem havia menstruado pela primeira vez e foi, então, violentada pelo filho de um coronel das redondezas¹⁵¹. No entanto, neste romance, Sergipano, tem a solução para o problema:

*“Pobres mulheres, que choravam, rezavam e se embriagavam na rua da Lama. Pobres operárias do sexo. Quando chegará o dia de vossa libertação? Quantos mananciais de carinhos perdidos, quantas boas mães e boas trabalhadoras. Pobre de vós, a quem as senhoras casadas não dão direito nem ao reino do céu. Mas os ricos não se envergonham da prostituição. Contentam-se em desprezar as infelizes. Esquecem-se de que foram eles que as lançaram ali. Eu fico pensando no dia em que a Rua da Lama se levantar, despedaçar as imagens dos santos, tomar conta das cozinhas ricas. Nesse dia até filhos elas poderão ter.”*¹⁵²

¹⁴⁹ idem, *ibid.*, p. 52.

¹⁵⁰ idem, *ibid.*, pp. 57 e 58.

¹⁵¹ idem, *Cacau, op. cit.*, p. 129.

¹⁵² idem, *ibid.*, pp. 131.

Definidas como *operárias do sexo*, as prostitutas da *rua da Lama* ganham um lugar social. Entretanto, o autor projeta para elas, através da “*libertação*”, um outro papel, o de “*boas mães*” e “*boas trabalhadoras*”.

Em *Mar Morto* há também outra história trágica, a de Rita. Guma é chamado para ajudar outros mestres de saveiros em uma briga com soldados. Organizaram um plano para esperar os soldados em uma rua onde se localizavam muitos bordéis. Espalharam-se pelos bordéis como se estivessem lá para se divertir. Guma entrou num quarto acompanhado de uma moça, Rita. Como estava lá só para despistar até que a briga começasse, ele puxou conversa com Rita. Depois de muita resistência, ela lhe contou que estava lá por causa de sua vergonha de ter engravidado depois de ter tido um caso com um caixeiro-viajante, quando morava em uma cidade próxima de Salvador. Guma, sentindo muita pena, aconselhou-a a sair de lá, a ir procurar emprego em outros lugares já que ela tinha apenas 16 anos. Então, chegaram os soldados e foi uma grande correria. Entraram rapidamente no quarto onde Guma estava e atiraram. Rita entrou na sua frente e a bala acertou-lhe o coração, Guma conseguiu fugir pela janela ¹⁵³.

De tantas tragédias que as envolvem, as prostitutas construídas por Jorge Amado nunca estão nesta vida por que querem. Sentem-se envergonhadas e desejavam uma outra vida, uma vida de mulher casada, dona de casa e mãe. Walnice N. Galvão analisa a produção literária de Jorge Amado e, em especial, a prostituta Teresa Batista ¹⁵⁴, protagonista do romance que leva seu nome. Conclui que esta personagem é construída como o tipo ideal de prostituta do próprio machismo latino-americano - “*fantasia erótica dominante em todos os povos com passado escravista.*” ¹⁵⁵

Não são estes, no entanto, os casos que encontramos nos primeiros romances de Jorge Amado. As prostitutas nesses romances são, na maior parte, oriundas de famílias pobres que, com muita coerência, vislumbravam, através de um bom casamento de suas filhas, ascender socialmente ou melhorar as condições econômicas que as afligiam. Jorge Amado chama a atenção para uma forma encontrada pelo (seu) povo para romper com a situação de miséria em que viviam e

¹⁵³ idem, *Mar morto, op. cit.*, pp. 79 A 81.

¹⁵⁴ O romance de Jorge Amado que a autora analisa é *Teresa Batista cansada de guerra*, publicado em 1972.

¹⁵⁵ Walnice Nogueira Galvão, “*Amado: respeitoso, respeitável*”, in: idem, *Saco de gatos. Ensaios críticos*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1976, p. 21.

aponta para o fracasso de tal forma. Jorge Amado vai, então, afirmar, através de Livia, que existe outra forma - que não é o casamento com alguém mais rico.

Então, voltemos ao enredo de **Mar Morto**... Livia, que convivia com a possibilidade de se tornar uma viúva e de ter que viver da prostituição, mostra como Jorge Amado acha possível romper com este destino, ou melhor, como é possível ter uma determinada *consciência* que possibilite operar um rompimento.

Um dia uma tempestade apanhou Guma e este foi, nas palavras de Jorge Amado, se encontrar com Iemanjá. Pouco antes de morrer, Guma participou de uma greve no cais pelo aumento do valor das tabelas de carregamento. Em conjunto, os mestres de saveiros e os canoieiros, e os estivadores organizaram uma greve que foi vitoriosa para todos os trabalhadores. Dr. Rodrigo, quando tudo terminou, fez um poema afirmando que o milagre de dona Dulce havia começado.

Livia, após a morte de Guma, decidiu que não iria se prostituir. Encheu-se de coragem e assumiu o trabalho do marido no saveiro. A greve e a atitude de Livia transformaram a vida no cais:

*"Olharam e viram. Dona Dulce olhou também da janela da escola. Viu uma mulher forte que lutava. A luta era seu milagre. Começava a se realizar.[...]"*¹⁵⁶

Enquanto mais uma greve finaliza um romance de Jorge Amado, em que Guma, o protagonista do romance, não escapa do seu destino e nem se liberta das estruturas sociais que lhe são impostas, Livia, ao contrário, liberta não só a si mesma como também todas as viúvas do mar do destino da prostituição. Porque Jorge Amado a escolheu para ser a que rompe com o destino da prostituição? Como Livia é uma mulher da *terra*, ela traz consigo esta experiência que é exterior à tradição do cais e, por isso, pode rompê-la.

Também em **Cacau** e em **Jubiabá** encontra-se este mesmo movimento: experiências externas às do próprio meio vêm encontrar homens e mulheres ávidos por transformações, descontentes com a realidade de suas vidas. O significado deste movimento construído por Jorge Amado está muito relacionado, em primeiro lugar, com a noção de vanguarda. Jorge Amado se apropria desta noção, encontrada no PCB e definida como vanguarda da classe operária, aquela que possui os segredos da libertação do povo, que se guia e se orienta pela experiência

¹⁵⁶ AMADO, **Mar morto**, *op. cit.*, p. 201.

soviética e pelos ensinamentos de uma corrente marxista - ligada à Internacional Comunista -, e que se reúne em torno dos partidos comunistas. E, em segundo lugar, se relaciona com sua noção de *povo* e de *trabalhador*, onde estes, por si próprios não têm a clareza, a consciência, a elaboração necessárias para operarem a transformação que Jorge Amado tanto clama.

Há, também, em ***Capitães da areia*** (1937), que trata das crianças que viviam nas ruas de Salvador, este movimento. O livro se inicia com algumas reportagens sobre o problema das crianças de rua, tidas como delinqüentes. Com a primeira reportagem o jornal passa a publicar várias cartas enviadas à redação; cartas que transformaram o assunto em debate. Daí parte Jorge Amado para contar a história dos capitães da areia, nome de um grupo de meninos de rua de Salvador. Os meninos viviam em um casarão abandonado e quase destruído, onde apenas passavam a noite. Entre o planejamento de um furto, a realização do plano, uma briga com outros meninos, uma aula de capoeira com Querido-de-Deus, uma visita de Don'Aninha - mãe de santo - ou do padre José Pedro, Jorge Amado vai apresentando as personagens. Pedro Bala, o menino que conquista pela coragem a chefia do grupo; Professor, o único que sabia ler e contava histórias de jornais e livros para os outros meninos; Gordo; Pirulito, que rezava todas as noites e tinha em seu canto um altar com várias imagens de santos; Sem-Pernas, que odiava como todos o tratavam; Volta Seca, que sonhava sempre em ir para o bando de Lampião; Gato; Boa-Vida: todos se sentiam irmãos e por irmãos se tratavam.

Mas é a vida de Pedro Bala que vai, ao longo do romance, ganhando destaque. E, mais uma vez, se repete a imposição das condições sociais empurrando esses meninos para as ruas, para os assaltos:

*"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalha ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem aquilo morreriam de fome porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos."*¹⁵⁷

¹⁵⁷ Jorge Amado, ***Capitães da areia***. (1a. edição 1937) São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p. 80.

A frase foi retirada de um episódio em que Pirulito pensava sobre a vida que eles levavam, sobre como aquela vida não era uma opção mas uma imposição e uma questão de sobrevivência. Mas eram bons... E a bondade, a ingenuidade, a inocência infantis representam o contraponto que Jorge Amado constrói para denunciar a situação daquelas crianças retomando sua própria humanidade. A visita a um carrossel, onde Sem-Pernas havia conseguido um trabalho temporário, de todos os capitães da areia, é exemplar neste sentido. A magia das luzes e da música que saiam do carrossel entorpeceu a todos, envolveu-os um sentimento de amor e, segundo Jorge Amado, eles se esqueceram, por um momento, que eram diferentes das outras crianças ¹⁵⁸.

A única coisa que restava aos meninos era a liberdade que possuíam vivendo nas ruas. E esse sentimento é sempre valorizado para justificar que, apesar de tudo, não haviam sido reificados. Por isso, quase no fim do romance, todos se sentem muito ameaçados por terem sido presos em uma atividade de furto. Pedro Bala foi para o reformatório. Dora, a única menina que consegue se integrar ao grupo, vai para o orfanato.

Vale a pena um parênteses. Com exceção de Livia (***Mar Morto***) e de Dora (***Capitães da areia***), poucas mulheres são personagens importantes nos romances de Jorge Amado neste período, aparecendo aqui ou acolá. Ainda assim, o aparecimento dessas mulheres só ganha relevo quando elas assumem atividades tidas como masculinas ou quando, como no caso de Livia, rompem com a tradição estabelecida.

Dora foi a única menina que conseguiu entrar no grupo de Pedro Bala. Não foi convidada, ela propôs ao grupo que poderia costurar, cozinhar, lavar, etc., para eles. E foi aceita porque “*só mulher sabe fazer esse troço...*” ¹⁵⁹ Somente por pouco tempo Dora se contentou com os seus trabalhos domésticos. Não foi, no entanto, por achar que era uma igual aos meninos que se propôs a participar das atividades de roubo do grupo. Foi por achar que deveria ajudá-los, pois eles lhe davam comida e proteção. Seria uma troca. Neste ponto, Pedro Bala comenta: “*É valente como um homem...*” ¹⁶⁰

¹⁵⁸ idem, ***ibid.***, pp. 46 e 47, 58 e 59.

¹⁵⁹ idem, ***ibid.***, pp. 132 e 133.

¹⁶⁰ idem, ***ibid.***, p. 141.

Também *valente como um homem*, era Rosa Palmeirão. Personagem de *Mar Morto*, Rosa Palmeirão vivia perambulando pelo mundo e manteve um caso de amor com Guma antes dele conhecer Livia. Pouco antes de Guma morrer, Rosa Palmeirão voltou para aquele país. Já muito velha e cansada, Guma e Livia convidaram-na para morar com eles. Quando Guma morreu, foi Rosa Palmeirão quem ajudou Livia no trabalho pesado do saveiro.

Personagens femininas que realizam as mesmas atividades que os homens, são consideradas *valentes como homens*. Divididos em um mundo masculino e feminino, os romances de Jorge Amado aceitam que algumas mulheres transgridam essa divisão, mas não deixa de marcar a entrada para um mundo tipicamente masculino.

É, também, o caso das histórias sobre a mãe de Volta Seca, membro dos capitães da areia. Volta Seca contou, uma vez, que Lampião era seu padrinho. Padrinho?, perguntaram os outros meninos. Muito seguro de si, respondeu Volta Seca:

*"- Pois é... Foi minha mãe que tomou porque Lampião é um macho de verdade, não respeita cara... Minha mãe era uma mulher valente, uma mulher capaz de guentiar um fuzil. Um dia fez correr dois soldados que se fizera de besta. Era um mulherão... Valia um homem."*¹⁶¹

As *mulheres valentes como homens* de Jorge Amado são exceções e consideradas heroínas. Nesses casos há um movimento cujo referencial é um suposto mundo masculino. Mais uma vez, não é pela própria experiência que as personagens de Jorge Amado conseguem romper com uma tradição estabelecida, mas é através da projeção de uma experiência alheia, no caso, a experiência masculina. Jorge Amado, aqui, lida de maneira diferente com o problema da *"condição feminina"*. Enquanto a questão racial é transformada em luta de classes, a opressão sofrida pelas mulheres-heroínas é resolvida pela ocupação destas dos lugares considerados tipicamente masculinos. As mulheres-heroínas destes romances passam ao largo da política, seja institucional ou não.

Voltemos aos capitães da areia... Quando eles conseguem se reunir novamente, depois da prisão de vários membros do grupo, suas vidas se tornam diferentes:

¹⁶¹ *idem*, *ibid.*, p. 136.

*"Mas hoje não são os Capitães da Areia que estão numa bela aventura. São os condutores de bonde, negros fortes, mulatos risonhos, espanhóis e portugueses que vieram de terras distantes. São eles que levantam os braços e gritam iguais aos Capitães da Areia. A greve se soltou na cidade. É uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras. Pedro Bala tem vontade de entrar na greve, de gritar com toda a força de seu peito, de apartear os discursos. Seu pai fazia discursos numa greve, uma bala o derrubou. Ele tem sangue de grevista. Demais a vida da rua o ensinou a amar a liberdade. [...] Sabe que os grevistas lutam pela liberdade, por um pouco mais de pão, por um pouco mais de liberdade. É como uma festa aquela luta."*¹⁶²

Os organizadores da greve foram procurar os capitães da areia para que eles os ajudassem a barrar os trabalhadores que vinham de cidades vizinhas para assumir os lugares dos grevistas. Os capitães da areia cumprem a tarefa e os trabalhadores de outras cidades vão embora. Pedro Bala, possuindo uma vocação "natural" para as greves, passa a comandar brigadas de choque formadas pelos capitães da areia, e assim ele é aceito em uma "organização política ilegal", passando a viajar pelo país organizando outras brigadas de choque. Acaba, aqui, a história dos capitães da areia e começa uma outra. O título do último capítulo, "...Uma Pátria e Uma Família", sugere os caminhos de Pedro Bala daí para frente: "Porque a revolução é uma pátria e uma família."¹⁶³

Assim como Baldo, em **Jubiabá**, Pedro Bala consegue se libertar das contingências sociais, deixando de ser um capitão da areia para se tornar um "líder da sua classe".

* * *

Nestes romances analisados aqui há um movimento mais global que situa de forma mais precisa a relação entre a obra do autor e sua posição política: a história do "povo". Jorge Amado faz uma releitura do passado escravo. A escravidão tem, nestes romances, personagem principal, seu herói e exemplo: Zumbi.

A ênfase na releitura da história do "povo" se encaminha num crescendo. Nos três primeiros romances de Jorge Amado, há, digamos, uma certa confusão na definição de um "projeto político-literário". O primeiro faz um relato da jovem

¹⁶² idem, **ibid.**, p. 191.

¹⁶³ idem, **ibid.**, p. 200.

“*intelectualidade*” brasileira que lutava por um lugar ao sol. O segundo define-se pela denúncia das condições de exploração dos trabalhadores do campo, vistas pelo prisma de um personagem de origem burguesa - Sergipano era filho do dono de uma fábrica. Neste, o desfecho da luta dos trabalhadores da fazenda, através de uma greve, é negativo. O terceiro traz à tona as péssimas condições de vida dos trabalhadores de Salvador moradores de um casarão, tendo como desfecho uma rebelião dos moradores contra as prisões dos trabalhadores que organizavam uma greve, cujo resultado é a morte de seu líder. Nestes primeiros momentos de criação literária, Jorge Amado mostra-se ligado a um projeto de crítica social, sem demonstrar preocupação em superar as péssimas condições de vida e de trabalho do “*povo*”: as greves fracassadas, as estruturas sociais marcando o destino dos personagens trabalhadores, a falta de opção política, o passado oligárquico e escravista (“*feudal*”) pesando sobre qualquer possibilidade de transformação, etc.

Num segundo momento, a partir de **Jubiabá**, os romances sinalizam possibilidades de rompimento dos personagens trabalhadores com o *status quo*. Neste sentido, a releitura do passado escravista se torna central. A história da escravidão e a do herói dos escravos transformam-se em mediadores na construção de um saber (“*consciência*”) do trabalhador. Em **Jubiabá** esta preocupação aparece claramente. Um dia quando pai Jubiabá foi buscar Baldo que ainda morava na casa do comendador, contou-lhe a história de Zumbi:

“- Isso foi a um mundão de tempo... No tempo da escravidão do negro... Zumbi dos Palmares era um negro escravo. Negro escravo apanhava muito... Zumbi também apanhava. Mas lá na terra que ele tinha nascido ele não apanhava. Porque lá negro não era escravo, negro era livre, negro vivia no mato trabalhando e dançando. [...] Os brancos iam lá buscar negro. Enganavam negro que era tolo, que nunca tinha visto branco e não sabia da maldade dele. [...] Branco só queria dinheiro e pegava negro para ser escravo. Trazia negro e dava em negro com chicote. Foi assim com Zumbi dos Palmares. Mas ele era um negro valente e sabia mais que os outros. Um dia ele fugiu, juntou um bando de negro e ficou livre que nem na terra dele. Aí foi fugindo mais negro e indo pra junto de Zumbi. Foi ficando uma cidade grande de negros. E os negros começaram a se vingar dos brancos. Então os brancos mandaram soldados pra matar os negros fugidos. Mas soldado não se agüentava com os negros. Foi mais soldado. E os negros deram nos soldados. [...] Aí foi um mundão de soldados mil vezes maior que o número de negros. Mas os negros não queriam mais ser escravos e quando viu que perdiam, Zumbi pra não apanhar mais de homem branco se jogou de um morro abaixo. E os negros todos se jogaram também... Zumbi dos

*Palmares era um negro valente e bom. Se naquele tempo tivesse vinte igual a ele, negro não tinha sido escravo...”*¹⁶⁴

A citação é longa, mas é importante porque mostra a concepção de Jorge Amado sobre a escravidão e sobre os escravos. É uma reconstrução histórica da escravidão que deixa de valorizar os senhores de escravos e o próprio homem branco e que, conseqüentemente, valoriza o homem negro e escravo.

Jorge Amado traz para o seu presente um Zumbi que sabia mais que os outros negros, não era um “tolo”. Neste processo de reconstrução da memória de Zumbi, o autor o coloca como a própria vanguarda dos escravos na luta por sua libertação.

Neste sentido, a definição de uma cultura negra, que é diferente da do branco, é fundamental no desenrolar do romance. A religião, a música, a dança são as peças estratégicas para a fundamentação desta cultura negra. As lembranças da Mãe África¹⁶⁵ completam este quadro sugerido em forma de um mundo à parte.

No entanto, em **Capitães da areia**, há uma crítica à forma de luta pela libertação encontrada pelos escravos: os quilombos. Na passagem em que Sem-Pernas, vendo-se sem saída para não ser apanhado pela polícia que o perseguia, joga-se do alto do elevador que liga a cidade alta à cidade baixa de Salvador, há uma clara alusão à morte de Zumbi. Assim, Jorge Amado transformou a memória da luta dos quilombolas em uma alternativa do tipo beco-sem-saída, ao mesmo tempo em que desqualificou a luta racial de seu presente. Então, os elementos de uma chamada cultura e história, especificamente, negras, aparentemente valorizados por Jorge Amado, são usados nada mais, nada menos, como exemplos de limitações para uma possível transformação. É exemplar, também, em **Suor**, um diálogo entre uma ex-escrava que vendia coisas de comer no Pelourinho e um menino negro:

“-Você lembra dessas histórias que você sabe, minha tia?

- Que história?

- Essas histórias de escravidão...

- O que é que tem?

- Você vai esquecer elas todas.

- Quando?

- No dia que nós for dono disso...

¹⁶⁴ idem, **Jubiabá**, **op. cit.**, pp. 44 e 45.

¹⁶⁵ Ver, por exemplo, **Jubiabá**, **op. cit.**, p. 98.

- *Dono de quê?*
- *Disso tudo... Da Bahia... do Brasil...*
- *Como é isso, meu filho?*
- *Quando a gente não quiser mais ser escravo dos ricos, tia, e acabar com eles...*
- *Quem é que vai fazer feitiço tão grande pros ricos ficar tudo pobre?*
- *Os pobres mesmo, tia.*
- *Ah! Já sei ! Cabaça e esse gringo velho vive falando nisso. Indagora tavam conversando aqui. Mas isso não vai haver, meu sobrinho...*
- *Por quê?*
- *Negro é escravo. Negro não briga com branco. Branco é senhor dele. Eu soube de um negro que quis brigar com um branco. Foi há muito tempo..."*¹⁶⁶

Mostra-se, aqui, um Jorge Amado crítico de uma memória da escravidão que faz com que o negro continue sendo um serviçal do branco, ao mesmo tempo em que o negro não se libertou do ódio racial que o acompanha desde Zumbi. Para Jorge Amado o problema não está nas contradições entre brancos e negros - e é esta a sua avaliação do movimento liderado por Zumbi -, mas sim entre exploradores e explorados, entre patrões e empregados. É um problema de classe e não de raça. Assim, no final de *Jubiabá*, Baldo não só se liberta da religião e das tradições dos negros africanos e escravos, como propõe a união entre negros e brancos contra a miséria e a exploração. Jorge Amado liga o brasileiro negro, Balduino ao "irmão" branco, o alemão marinheiro Hans. A ligação de dois extremos, de cor e de civilização, aparentemente impossível, é conseguida pela "consciência de classe" adquirida pelo personagem. Por isso, neste caso, a "revolução" é simbolizada pela "pátria" e pela "família", são as idéias de revolução e de internacionalismo proletário que rompem as fronteiras das nações e que une todos os explorados em uma só voz: proletários de todos os países, uní-vos!

Mais que isto. A passagem mostra o autor como "intelectual comunista", intervindo na luta contra o nazifascismo. Entretanto, não é a "frente popular" de Dimitrov que está no centro de suas preocupações, é ainda a política de "frente única" preconizada pela IC, e pelos partidos comunistas a ela ligados, desde o final da década de 1920.

José Lopes, Sergipano, Álvaro Lima, Baldo, Guma, Livia e Pedro Bala são o "povo" de Jorge Amado. Todos protagonistas dos seus primeiros romances, o "povo"

¹⁶⁶ idem, Suor, op. cit., pp. 191 e 192.

aparece através deles. Uns, de vagabundos e delinquentes, tornam-se trabalhadores e lutam para libertar todos os seus iguais da exploração e da miséria que a sociedade lhes impõe. Outros, de trabalhadores tornam-se mártires porque também lutavam por seus iguais. É como se a cada final de romance houvesse um renascimento, um encontro com a verdadeira liberdade - entendida como luta -, ou o surgimento de um sentido realmente válido para viver: o trabalho, a luta dos trabalhadores, a greve, a revolução, etc. Putas e vagabundos, *outsiders* se preferirem, são “conscientizados” pelo “verdadeiro intelectual”.

Ainda que seja difícil para o leitor delimitar as fronteiras entre a opção política e o romance, Jorge Amado fez questão de explicitá-la durante toda a década de 1930 e 1940 através de sua ficção. O romancista vivenciou o surgimento da polarização política dos anos trinta: por uma lado, comunistas e integralistas; por outro, capitalismo e socialismo. E afirmou, em 1934, a necessidade de tomar uma posição:

*“Hoje a situação é de tal modo trágica que aquele que não está de um lado está necessariamente do outro.”*¹⁶⁷

Jorge Amado, então, ocupou o seu lugar na trincheira política ao lado dos comunistas, radicalizando, paulatinamente, seu “projeto político-literário”. Se, em um primeiro momento, Jorge Amado se apresenta como um companheiro de viagem, adotando a crítica social e/ou realismo como instrumentos narrativo; em um segundo momento, capacita seus romances a transformar a realidade em uma perspectiva comunista. Deste ponto em diante, o autor deixa o trabalho de romancista para escrever duas biografias.

ABC de Castro Alves (1941) mostra o autor convocando seus companheiros de profissão a reagirem contra o nazifascismo e o Estado Novo que ameaçavam a “liberdade”:

“Do fundo da vida vêm os heróis que ele cantou: Tiradentes com sua corda de mártir, Andrada com um mundo na mão, Pedro Ivo no seu cavalo negro. E sobre eles, esplendorosamente bela, a mais amada de todas as amadas, a liberdade. Passam num galopar de sonho, cantam cânticos que ele escreveu, hinos de amor e de revolta. Vão para o

¹⁶⁷ Apud: PÉCAUT, *op. cit.*, p. 85.

*futuro, outras cadeias que romper. É uma multidão gigantesca que se move ao sonoro rumor de versos seus. Agora na frente de todos a liberdade. Outras cadeias que romper.”*¹⁶⁸

Em seguida, Jorge Amado publica ***O Cavaleiro da Esperança*** (1942). O livro representou mais que um grito de liberdade para Luiz Carlos Prestes, foi o selo do compromisso do autor com o PCB.

No mesmo ano de publicação da biografia de Prestes, Jorge Amado publicou ***Brandão entre o mar e o amor***, escrito juntamente com Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Anibal Machado e José Lins do Rego. Escrito por romancistas já renomados e de diferentes posições político-partidárias, num período de guerra e de repressão, o romance tem significados que vão de encontro com os objetivos deste capítulo.

Os EUA entraram na guerra em dezembro de 1941, ao lado dos Aliados. No Brasil, o governo Vargas rompe com o Eixo em janeiro de 1942. Cinco meses depois surge na grande imprensa um manifesto assinado por mais de cem “*intelectuais*”, intitulado *Declaração de Princípios*, no qual a II Guerra é considerada como:

*[...] nada mais que o choque histórico decisivo entre as forças progressistas que visam ampliar e consolidar as liberdades democráticas e as forças retrógradas, empenhadas em manter e alargar no mundo inteiro os regimes de escravidão.”*¹⁶⁹

Entre os assinantes do manifesto encontravam-se Samuel Wainer, Maurício Goulart, Hermes Lima, Rubem Braga, Graciliano Ramos, Astrojildo Pereira, Rachel de Queiroz, Moacyr Werneck de Castro, Jorge Amado e Carlos Lacerda. O trecho do manifesto identificava a luta política entre dois blocos: “*forças retrógradas*” e “*forças progressistas*”. Desta forma, ampliou-se os campos da luta política, antes entendidos entre comunistas e integralistas e/ou capitalismo e socialismo.

O PCB, como vimos no segundo capítulo, passou a defender a união de todas as forças políticas contra os países do Eixo, contra o nazi-fascismo, denominada política de “*união nacional*”. No entanto, um grupo de comunistas, entre eles Caio Prado Júnior e o físico Mário Schemberg discordaram da decisão política, argumentando que faltava tradição partidária aos idealizadores da proposta. As divergências internas parecem estar resolvidas quando Prestes interveio no debate,

¹⁶⁸ AMADO, Jorge ***ABC de Castro Alves***, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1953, p. 307.

¹⁶⁹ ***Diretrizes***, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1942 e ***O Estado de São Paulo***, 12 de junho de 1942. Apud: DULLES, ***op. cit.***, pp. 231 e 232.

apoiando a decisão política e, desta forma, legitimando o grupo que a idealizou e que o declarou, *in absentia*, secretário-geral da organização. Mas, leitores, não esperem que militantes como Caio Prado Júnior tenham se curvado diante do prestígio de Prestes.

Parece paradoxal que alguns escritores e artistas tenham tido uma postura radical, chegando ao sectarismo, durante boa parte da década de 1930 e, no início dos anos quarenta tenham passado a defender posições políticas mais amplas (do tipo “*constituente com Getúlio*”). No entanto, esta é a clara expressão de divergências políticas entre os próprios “*intelectuais comunistas*”.

Ao lado desta movimentação política em torno da redemocratização do país, muitos comunistas ainda se encontravam encarcerados. É o caso de Jorge Amado que havia voltado para o Brasil motivado pela entrada do governo de Getúlio na guerra ao lado dos Aliados. Logo que foi libertado, Jorge Amado passou a encontrar-se com os mais diversos escritores brasileiros. A casa de Graciliano Ramos era freqüentada por diversos escritores e artistas, entre eles Otto Maria Carpeux, Paulo Rónai, Aurélio Buarque de Holanda, Cândido Portinari, Rachel de Queiroz, etc.

Em um destes encontros, Anibal Machado propôs ao grupo que escrevessem um romance em conjunto. Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos aceitaram de pronto. A idéia era de que cada um escrevesse um capítulo e passasse ao escritor seguinte para que este desse continuidade ao enredo. O romance não teria um roteiro prévio, assim cada escritor receberia os capítulos já escritos sem saber do que se tratava.

O primeiro capítulo foi entregue a Jorge Amado. Intitulado “*Mais que branca, mais que pálida*”, o enredo inicia descrevendo a vida de um casal, Brandão e Lúcia, proprietários de uma fazenda, que recebe a visita de um antigo amigo de Brandão, Mário.

Entre as primeiras cenas do romance há uma explicação do autor sobre o passado de Brandão. O pai do personagem, Dr. Luís de Sousa Brandão, formou-se em Direito, tornando-se um reconhecido desembargador na capital brasileira. Dr. Luís sonhava que o filho seguisse a mesma carreira; no entanto, Brandão não se animava. Chegou a ingressar no curso, mas logo o abandonou para ir trabalhar em um circo.

A grande paixão de Brandão, no entanto, não era o circo e quando este embarcou em um navio rumo ao continente europeu, Brandão abandonou o circo e tornou-se um marinheiro. O mar causava a Brandão, desde a infância, uma atração irresistível. O pai, a esta altura, já havia desistido de tentar convencer o filho a retomar sua carreira. Brandão passou muito tempo no mar, até conhecer Lúcia.

Lúcia havia embarcado em um navio no qual Brandão trabalhava. Numa noite, Brandão foi ao convés apreciar a lua e as estrelas. Lá chegando, conheceu Lúcia. Fora amor repentino, logo resolveram se casar. Deste modo, Brandão retorna ao Rio de Janeiro.

Ao reencontrar sua mãe, D. Elizabeth, Brandão recebe a notícia da morte de seu pai. Decidiram, então, retomar as atividades da fazenda da família. Brandão, Lúcia e D. Elizabeth passam, então, a viver na fazenda, localizada no interior do Estado do Rio.

Em uma das vezes que Brandão fora ao Rio, resolver alguns negócios, encontrou-se com Mário. Este contou-lhe como sua vida havia se tornado um inferno: havia se formado em Direito, exercia a profissão mas não lhe agradava, casou-se com a filha de um renomado advogado, Glória, e que sua vida conjugal havia perdido a alegria. Brandão ficou comovido com a situação do amigo e convidou-lhe a passar alguns dias na fazenda para descansar.

O segundo capítulo, "*O mistério de Brandão (Glória)*", foi entregue a José Lins do Rego. O capítulo se resume a uma minuciosa descrição de Glória, esposa de Mário. Nascida loira, de olhos azuis e a pele muito clara, Glória sempre fora a **glória** da família. Seu pai realizava todos os desejos da menina acreditando ser ela uma verdadeira rainha e foi acreditando que era uma rainha que Glória tornou-se mulher. Frequentava os bailes, as festas e as recepções da alta sociedade, era cobiçada pelos melhores *partidos* da cidade e, no entanto, já cansada da adoração de seu pai, resolveu casar com o "*mediocre*" advogado, Mário. Decidiu-se para se ver livre do pai e porque Mário não aparentava representar qualquer ameaça à sua liberdade, já que confiava que o futuro esposo se sentia inferior à ela.

No desfecho deste capítulo, Glória recebe um telegrama de Brandão comunicando que Mário havia adoecido e que ela deveria ir para a fazenda.

Graciliano Ramos ficou com o terceiro capítulo, no qual faz uma fantástica descrição dos delírios de Mário, causados pela febre alta. Entre um delírio e outro,

Mário começou a escrever um diário, no qual descrevia o amigo Brandão com as palavras mais sórdidas, a esposa Glória era tratada sem nenhum carinho ou consideração, mas Lúcia obtinha as palavras próprias de um jovem apaixonado.

Aníbal Machado se encarregou do quarto capítulo. Como o título já sugere, “O mar triunfante”, Brandão tornou-se triste e desanimado com a vida na fazenda. Além disso, a casa sempre cheia de gente (o doente, sua esposa, o médico, o padre, os fiéis que seguiam o padre, etc.) aborrecia profundamente a alma de marinheiro de Brandão. Nem mesmo Lúcia, outrora dona de sua felicidade, conseguia trazer-lhe ânimo para continuar vivendo; ao contrário, a esposa tornara-se misteriosa, recebendo cartas e visitas de pessoas nunca antes mencionadas. Então,:

*“Ligou o rádio, tentou ouvir o mundo, como vinha fazendo todas as noites. Era sempre o noticiário de guerra que o atraía. As estações anunciavam novos ataques aos comboios, navios que iam para o fundo do mar. Muitos eram barcos conhecidos com os quais cruzara no oceano, perto dos quais ancorara nos portos. Tanta destruição! E os companheiros que já teriam morrido! [...] Ele mesmo, Brandão, desertara de tudo. O único talvez que abandonara a vida de marinheiro no maior momento da história do mar...”*¹⁷⁰

O mar e o sentimento de ter fugido de sua responsabilidade com o início da II Guerra deixaram Brandão mais ainda aflito e descontente com sua vida na fazenda. Um dia, acordou antes de todos e partiu rumo ao mar. Passado algum tempo, Brandão escreveu à sua mãe e explicou-lhe os motivos de sua partida:

*“Pela primeira vez na vida estou trabalhando por um ideal, eu que nunca lutei por ideal algum, que só me preocupei com a minha própria aventura. O mar tem um grande papel nessa guerra. É preciso que não passem por ele os que vêm escravizar a América. E isso depende bastante de nós que sabemos lidar com ele. Você pode imaginar como me sinto um outro homem, depois que tomei consciência da minha nova responsabilidade. A gente se sente menos insignificante tratando com as coisas grandiosas. O mundo de hoje está em tal situação que é uma vergonha para quem quer que seja ter de desertar dos acontecimentos. Era o que eu ia fazendo, levado por uma aventurezinha medíocre. [...] Parece que só agora começo a abrir os olhos.”*¹⁷¹

¹⁷⁰ Jorge Amado et al. Brandão entre o mar e o amor, (1a. edição 1942) Rio de Janeiro, Editora Record, 1981, p. 101.

¹⁷¹ idem, ibid., p. 128.

Se, originalmente, a idéia do romance conjunto era uma brincadeira, suas últimas páginas contêm uma mensagem séria e bastante clara. O grande amor de Brandão por Lúcia transformou-se repentinamente em uma “aventurazinha medíocre”. O protagonista toma consciência de seu papel na guerra e abandona a vida que levava para cumprir sua missão: lutar na guerra para que a América não fosse escravizada.

O quinto e último capítulo ficou por conta de Rachel de Queiroz. A autora não deu continuidade ao conteúdo explicitamente político de Aníbal Machado; ao contrário, o protagonista, em suas mãos, retornou à sua cidade natal, sem mencionar palavra sobre a guerra. Dênis de Moraes, na biografia de Graciliano Ramos, comenta uma entrevista em que Rachel de Queiroz afirmava que não tendo mais o que fazer com o enredo quando recebeu o romance, matou o protagonista¹⁷².

Entretanto, o desfecho do protagonista é bem sugestivo. Quando Brandão volta para sua cidade natal, resolveu ir ao cais contemplar o mar. Neste momento, Brandão viu um menino negro caindo no mar. Como o menino parecia estar se afogando, pulou no mar para tentar salvá-lo. Para voltar ao cais, já com o menino na mão, teve que ser ajudado:

*“Olhou em torno de si, talvez procurando auxílio. Alguém falou que o homem precisava de espaço para respirar, e a multidão se afastou, lentamente, uns empurrados pelos outros. Brandão perdeu de vista as caras curiosas que o espiavam, e o seu olhar foi banhado de novo pela luz sangrenta do sol que se punha. Quando a ambulância chegou, já estava morto. E o médico que lhe fechou compassivamente os olhos não reparou que apagava ao mesmo tempo um lampejo vermelho de sol que ainda brilhava nas pupilas vazias.”*¹⁷³

A esta altura, como já vimos, Rachel de Queiroz encontrava-se ligada aos trotskistas. A posição dos trotskistas em relação ao Estado Novo era de total oposição; entretanto, em relação à uma possível “união nacional” em torno do governo de Vargas no esforço de guerra, os trotskistas eram contrários. O Partido Socialista Revolucionário descrevia a guerra como “uma guerra de bandidos, [...] uma guerra de ladrões que disputam a presa.”¹⁷⁴ Desta forma, não foi à toa que

¹⁷² Dênis de Moraes, *O Velho Graça*, *op. cit.*, p. 197.

¹⁷³ Jorge Amado *et al.* *Brandão entre o mar e o amor*, *op. cit.*, pp. 156 e 157.

¹⁷⁴ Comitê Regional do Partido Socialista Revolucionário (Seção da IV Internacional), “*Liquidação da III Internacional e as tarefas do proletariado mundial*”, São Paulo, 31 de julho de 1944.

Rachel de Queiroz matou o protagonista do romance, que no afã de cumprir seus deveres de cidadão, colocou à serviço dos Aliados seus conhecimentos de marinheiro.

Aníbal Machado, simpatizante do comunismo desde a Aliança Nacional Libertadora e amigo de muitos *"intelectuais comunistas"*, parece o que mais tentou politizar explicitamente um romance que, originalmente, teve um tom de brincadeira.

O tom de brincadeira inicial continuou após as cinco semanas que o romance levou para ser concluído. O romance foi publicado, primeiramente, em capítulos pela revista ***Diretrizes***, a qual lançou um concurso para que os leitores descobrissem quem era o autor de cada capítulo. Seria apenas uma jogada comercial? Uma revista como ***Diretrizes*** não publicaria um romance apenas para vender mais. Quando de seu lançamento, os editores da revista explicaram seus propósitos:

*"Justifica-se portanto que **Diretrizes**, escrito e publicado para ser lido por homens que sabem ler, coloque no primeiro plano das suas finalidades o comentário crítico da política brasileira."*¹⁷⁵

Mais do que tentar vender mais revistas, a publicação do romance pelos editores confirmou as divergências entre os *"intelectuais"* comprometidos com a luta pela redemocratização do país e pelo fim do Estado Novo. Unidos neste objetivo comum, nenhum *"intelectual"*, fosse pertencente à qualquer corrente político-partidária, deixou de manifestar suas convicções políticas. Assim, o *"intelectual engajado"* foi aquele que colocou a serviço de uma convicção seu prestígio e seu poder de influenciar a sociedade. Não sendo diferente o sentido que vários escritores deram à expressão *"intelectual comunista"*.

¹⁷⁵ Azevedo Amaral, *"A política do mês"*, ***Diretrizes***, Rio de Janeiro, abril de 1938, no. 1 - AEL.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser intelectual comunista... várias maneiras de ser!

As trajetórias político-literárias dos personagens que foram abordados aqui permitem, ao invés de algo conclusivo, abrir outras portas e janelas e escancarar o castelo mal-assombrado da história.

Jorge Amado, em uma conversa com o amigo Ernesto Sabato, realizada em 1992, descobriu que ele havia militado no partido comunista da Argentina durante os anos trinta:

[...] foste comunista?

- Todos nós o fomos, Jorge, todos.

De fato me pergunto qual o intelectual válido, o homem político de importância da América Latina que não tenha assentado praça no pecê de seu país: não serão muitos. Em certo momento cada um de nós pensou que o pecê fosse a melhor trincheira para lutar a luta de nossos povos - os melhores e os piores homens que conheci e com quem tratei militaram nas fileiras comunistas, os mais dignos, os mais sórdidos.”¹⁷⁶

Fossem como fossem, Jorge Amado tem razão em afirmar que vários “*intelectuais*” reconhecidos e renomados tiveram uma passagem pelo partido comunista. Mas cada qual à sua maneira. No início dos anos trinta, houve uma generalizada simpatia dos “*intelectuais*” pelo PCB. Uns o viram como uma resposta ao governo de Getúlio Vargas, outros, como o representante da União Soviética no Brasil. Houve, ainda, aqueles que obtiveram no PCB as respostas para uma possível transformação social e, também, aqueles que foram motivados por todas estas razões conjuntamente. Assim, por diferentes motivos, o PCB aproximou “*intelectuais*” diferentes. E o que pretendi mostrar neste trabalho foram estas diferentes maneiras de ser um “*intelectual comunista*” durante os anos trinta.

Os graus de envolvimento dos “*intelectuais*” com o partido comunista tiveram muito mais a ver com a opção de cada um destes escritores do que com a rigidez típica de um partido comunista sujeito aos moldes do leninismo nos anos trinta. Assim, o tipo de envolvimento dos “*intelectuais*” com o partido comunista teve muito mais a ver com os dilemas que cada qual colocou para si naquele momento do que

¹⁷⁶ Jorge Amado, Navegação de cabotagem, op. cit., p. 438.

com uma recepção positiva por parte dos dirigentes e militantes “proletarizados” da organização.

Conseqüentemente, a relação entre a opção política do escritor e sua obra revela-se, amiúde, de forma sutil. Mesmo que alguns dos textos analisados aqui sejam obras consideradas “panfletárias”, estão longe de revelar unanimidade de visões de mundo. Ao contrário, elas revelam as diferenças entre os escritores que se aproximaram do comunismo e do PCB.

A escolha dos personagens para este trabalho não deveu-se a um suposto lugar privilegiado que estes homens e mulheres ocuparam no interior da estrutura hierárquica da organização comunista, mesmo porque não foi esta a regra entre eles. Assim, longe das instâncias decisórias do partido e do possível prestígio que esta posição poderia causar, os “*intelectuais comunistas*” necessitaram do prestígio exterior ao partido para sobreviverem acima de tudo como “*intelectuais*”.

Já neste ponto percebe-se as diferenças entre eles: de um lado, o envolvimento com a “*causa*” comunista manifestado através de simpatias, e, de outro, o envolvimento mais radicalizado originando os dirigentes partidários. Mas entre estes dois casos-limites de “*ser um intelectual comunista*” houve um arco-íris de experiências.

Dentro deste arco-íris, o processo de atração-rejeição entre escritores e o partido foi mediado por duas necessidades do PCB. Uma delas refere-se à necessidade de que o partido pudesse ter uma “*ciência proletária*”, a qual legitimaria as posições políticas adotadas. Neste caso, Caio Prado Júnior foi mais um crítico desta “*ciência proletária*” do que uma figura que pudesse legitimar as interpretações oficiais do PCB. Caio Prado não fez da militância comunista o seu público privilegiado, ao contrário, tornou-se reconhecido exatamente por extrapolar as posições políticas ditadas pela direção partidária. Aqui, a autonomia “*intelectual*” chocou-se com a disciplina e com o “*espírito*” de partido. Astrojildo Pereira, no entanto, esforçou-se por submeter-se ao núcleo dirigente do partido após seu afastamento. Buscou, no período anterior, interpretar a situação do país de acordo com as orientações da IC. Fez auto-crítica quando lhe solicitaram, cumpriu as tarefas que lhe deram. Astrojildo foi assim mais um “*intelectual de partido*” do que um propagandista das idéias comunistas.

Por outro lado, a necessidade de ter um núcleo de “*intelectuais*” que pudesse usufruir de um certo prestígio externo ao partido, permitiu que o PCB aglutinasse escritores muito diferentes como, por exemplo, Oswald de Andrade e Jorge Amado. O primeiro, através de uma linguagem mais sofisticada, muito provavelmente, atingiu um público menos receptivo ao ideário comunista oficial, pois se integrou ao partido num momento em que já era um reconhecido escritor.

Jorge Amado, ao contrário, conquistou sua posição de escritor reconhecido exatamente no momento em que se aproximou do partido. Foi um caso exemplar, já que usufruiu da deficiência do PCB em não ter escritores reconhecidos nas suas fileiras, ao mesmo tempo em que procurava influenciar o campo literário brasileiro.

Assim, “*ciência*” e “*propaganda*” completaram-se para dar vida cultural a um partido comunista oriundo de uma experiência basicamente sindical e anarquista.

O I Congresso Brasileiro de Escritores realizado em 1945 é, em certa medida, o coroamento desta ampliação de influências adquiridas pelo comunismo no Brasil. Ampliação que, não esqueçamos, deveu-se a uma política frentista de combate ao nazifascismo e não da defesa da revolução.

Entre os dias 22 e 27 de janeiro de 1945, cerca de duas mil pessoas assistiram ao I Congresso Brasileiro de Escritores. Reunidos no Teatro Municipal de São Paulo, na Praça Ramos de Azevedo, em frente ao Mappin, cerca de 250 renomados escritores brasileiros discutiam os rumos políticos do país.

É bastante significativo que os participantes do Congresso tenham se dividido em duas grandes bancadas, denominadas respectivamente de *democrática* e *comunista*. Como a II Guerra Mundial estava prestes a ter um desfecho com a vitória dos Aliados, retornou-se no campo político-literário brasileiro às divisões políticas anteriores a 1935. Entre os participantes encontravam-se Jorge Amado, Antonio Candido, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Caio Prado Júnior, Paulo Mendes de Almeida, Mário de Andrade, Aníbal Machado, Sérgio Buarque de Holanda, Vinícius de Moraes, José Lins do Rego, Aparício Torelli, Moacyr Werneck de Castro, Dionélio Machado, Carlos Lacerda, Dalcídio Jurandir, James Amado, Rossini Camargo Guarnieri, Alina Paim, Raul Riff, Mário Schenberg, entre outros. Apesar de uma participação bastante importante de declarados comunistas, a grande maioria do Congresso era de não comunistas ¹⁷⁷.

¹⁷⁷ Alfredo Wagner Berno de Almeida, *op. cit.*, pp. 198 e 199.

John W. F. Dulles, *O COMUNISMO NO BRASIL*. *op. cit.*, p. 262.

Mais que um Congresso de Escritores, este evento representou a reunião de diversos setores da *intelectualidade* brasileira. Durante os preparativos do Congresso, ainda em fins de 1944, uma agitação de grandes proporções tomava conta de diversos escritores e artistas, e nos diversos encontros preparatórios já se delineava a divisão do Congresso. Nos primeiros dias de 1945, Mário de Andrade escreveu uma carta a Hélio Pellegrino alertando:

*"Já sabemos de fonte certa que o f-da-p de um grande romancista pseudo-esquerdista vem atrapalhar a dignidade da inteligência brasileira propondo apoio ao governo. O caso está se tornando grave porque o homem, além de ficar na posição comodista, arrasta muita gente para o mesmo comodismo fácil e gordo. Seria uma vergonha que, segundo penso, nos afeta a todos. Em São Paulo, há um grupo consciente e coeso que repudiará isso e as palavras-de-ordem de Moscou, da mesma forma que repudia Churchill na Grécia e as Nações Unidas... na Itália."*¹⁷⁸

A questão que dividia o Congresso e que deixou Mário de Andrade e tantos outros furiosos, foi a política que o PCB vinha adotando e que levaria para o Congresso: a chamada *união nacional*. Em outras palavras, a política de *união nacional* era a transposição da aliança bélica internacional contra o nazifascismo para a realidade brasileira. Nesta avaliação política, o PCB incluía a palavra-de-ordem *Constituinte com Getúlio*, argumentando que este tornara-se antifascista, colocando-se ao lado dos aliados na II Guerra Mundial. No entanto, era realmente difícil para muitos escritores e artistas apoiarem um governo que prendeu, censurou, torturou e matou muitos companheiros de profissão e de partido. Incluiu-se neste caso, os membros de *um grupo consciente e coeso* de São Paulo ao qual se refere Mário de Andrade e que seria contra a política de *união nacional*. Entre eles, mas por razões diferentes das de Mário de Andrade, estavam os comunistas Caio Prado Júnior e Mário Schenberg.

O Congresso organizou uma Comissão de Assuntos Políticos, que redigiu a *Declaração de Princípios*, aclamada na sessão de encerramento dos trabalhos. Não foi à toa que a comissão foi composta por José Eduardo do Prado Kelly (não comunista), Astrojildo Pereira (presidiu a abertura do Congresso e foi eleito

Zélia Gattai, **UM CHAPÉU PARA VIAGEM**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1982, p. 29.

¹⁷⁸ APUD: CANÇADO, José Maria **OS SAPATOS DE ORFEU. Biografia de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo, Scritta Editorial, 1993, p. 205.

secretário da comissão, era comunista mas contrário às posições do CNOP ¹⁷⁹), Caio Prado Júnior (comunista também *não alinhado*), Carlos Lacerda (já havia rompido com o PCB e era um dos líderes da bancada *democrática*), Moacyr Werneck de Castro (comunista), Paulo Emilio Sales Gomes (socialista independente), Raul Riff (comunista) e Jorge Amado (comunista alinhadíssimo, pois Pedro Pomar, membro do núcleo dirigente nacional do PCB-CNOP, encontrava-o todos os dias para, através dele, *orientar* politicamente a bancada *comunista*. Por mera curiosidade, o f-da-p do qual fala Mário de Andrade era Jorge Amado) ¹⁸⁰. Composta a comissão pelos representantes das principais tendências políticas presentes ao Congresso, a comissão chegou à *Declaração de Princípios* que condenava a ditadura do Estado Novo e pedia o restabelecimento das liberdades democráticas, a anistia aos presos políticos e eleições, sem atacar diretamente Getúlio Vargas (o que, de certa forma, representou uma vitória dos comunistas alinhados).

Como Mário de Andrade, muitos participantes do Congresso denominaram-no um encontro de "*intelectuais*". Assim, *intelectual* tornou-se, neste momento, termo amplo que extrapolou as fronteiras do grupo de escritores, já que eram participantes do Congresso engenheiros, médicos, advogados, romancistas, jornalistas, físicos, artistas plásticos, poetas, etc. Foi a posição antifascista e contra a ditadura de Getúlio Vargas que uniu homens e mulheres tão diferentes em uma mesma atividade. Além disso, é interessante notar que as duas bancadas, naquele momento de guerra e do Estado Novo, não se opunham ao ponto de se excluírem; afinal, comunistas e democratas eram todos antifascistas.

O que definiu a divisão foi a visão que cada grupo elaborou sobre o governo de Vargas, mas que, no entanto, não quebrou a unidade das propostas votadas no Congresso. Pelo contrário, a unidade antifascista predominou e através dela foi possível votar por unanimidade a *Declaração de Princípios*.

Este episódio é também revelador. É possível dizer que o termo *intelectual* ganhou uma conotação mais ampla do que nos momentos anteriores. Ao mesmo

¹⁷⁹ CNOP era a Comissão Nacional de Organização Partidária, eleita na chamada Conferência da Mantiqueira em 1943, que havia formulado a política de união nacional do PCB e que se tomara, apesar de várias posições contrárias, o núcleo dirigente do partido.

¹⁸⁰ DULLES, *op. cit.*, p. 262. Dulles incluiu como membro da Comissão Carlos Drummond de Andrade, sendo que este não participou do Congresso enviando apenas um telegrama. Ver: CANÇADO, *op. cit.*, pp. 205 e 206.

tempo, ser "*intelectual comunista*" expressou-se de formas diferentes durante o Congresso, já que, por exemplo, Caio Prado Júnior aliou-se aos *democratas* e Jorge Amado chefiou a bancada *comunista*.

Encerrado este momento de luta pela redemocratização do país, o campo literário e artístico passa a vivenciar novamente um momento de polarização no campo político que, ainda, precisa ser investigado.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

a. Fontes

a.1. Periódicos (jornais e revistas)

A Classe Operária - 1928 a 1931/1934 a 1938/1942 - AEL.

A Manhã - Rio de Janeiro - jornal diário, órgão oficial da ANL (abril/novembro de 1935) - AEL.

A Nação - Rio de Janeiro - 1924/1927/1933/1934 - AEL.

Anais do I Congresso Brasileiro de Escritores - São Paulo - janeiro/1945.

Clarté - Revista de Ciências Sociais - Rio de Janeiro - 1921/1922 - AEL.

Cultura. Mensário Democrático (2) - São Paulo - Cons. Dir.: Afonso Schimdt, Álvaro Moreira, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet. 1938/1939/1940 - AEL.

Cultura Política. Revista Mensal de Estudos Brasileiros - Rio de Janeiro - Dir. Almir de Andrade - 1941 a 1945 - AEL.

Diretrizes. Política, Economia e Cultura (1) - Rio de Janeiro - Dir. Azevedo Amaral - 1938 a 1947 (Suplemento Literário - Dir. Vito Pentagna - 1939 a 1941) - AEL.

Liberdade - Rio de Janeiro - mensário da ANL - 1935 - AEL.

Para Todos - Rio de Janeiro - Dir. Álvaro Moreyra - 1928/1938/1939/1945 - AEL.

Problemas. Revista Mensal de Cultura (1) - Rio de Janeiro - Dir. Arnaldo D'Horta Pedroso - 1937 a 1939 - AEL.

a.2. Obras literárias, memorialísticas e ensaios

AMADO, Jorge. **O PAÍS DO CARNAVAL**. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

_____. **CACAU**. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

_____. **SUOR**. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

_____. **JUBIABÁ**. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

_____. **MAR MORTO**. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

_____. **CAPITÃES DA AREIA**. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

_____. **OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1954.

_____. **ABC DE CASTRO ALVES**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1953.

_____. **O CAVALEIRO DA ESPERANÇA**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1980.

_____. **NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1992.

_____. **O MUNDO DA PAZ**. Rio de Janeiro, Editorial Vitória, 1952.

ANDRADE, Carlos Drummond. **O OBSERVADOR NO ESCRITÓRIO**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1984.

_____. **A ROSA DO POVO**. Rio de Janeiro, Editora Record, s/d.

ANDRADE, Oswald. **O HOMEM E O CAVALO**. São Paulo, Editora Globo, 1990.

_____. **SERAFIM PONTE GRANDE**. São Paulo, Global Editora, 1984.

_____. **TELEFONEMA**. São Paulo, Editora Globo, 1996.

- BASBAUM, Leôncio. UMA VIDA EM SEIS TEMPOS. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1978.
- BATINI, Tito. MEMÓRIAS DE UM SOCIALISTA CONGÊNITO. São Paulo, Editora Unicamp, 1991.
- BENJAMIN, Walter. DIÁRIO DE MOSCOU. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- BEZERRA, Gregório. MEMÓRIAS. PRIMEIRA PARTE: 1900-1945. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979.
- BRAGA, Rubem. UMA FADA NO FRONT. Porto Alegre, Artes e Ofícios Editora, 1994.
- CARNEIRO, Edison. CASTRO ALVES. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937.
- CHAVES NETO, Elias. MINHA VIDA E AS LUTAS DE MEU TEMPO. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1978.
- EHRENBURG, Ilya. MEMÓRIAS. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966.
- HEMINGWAY, Ernest. POR QUEM OS SINOS DOBRAM. São Paulo, Editora Companhia Nacional, 1976.
- JURANDIR, Dalcídio. MARAJÓ. Belém, CEJUP, 1994.
- FABRIS, Annateresa (org.). PORTINARI, AMICO MIO. Cartas de Mário de Andrade a Portinari. Campinas, Mercado de Letras/Editora Autores Associados/Projeto Portinari, 1995.
- FACIOLI, Valentin (org.). BRETON-TROTSKI. Por uma arte revolucionária independente. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1985.
- GATTAI, Zélia. SENHORA DONA DO BAILE. Rio de Janeiro, Editora Record, 1984.
- _____. UM CHAPÉU PARA VIAGEM. Rio de Janeiro, Editora Record, 1982.
- LAGO, Mario. NA ROLANÇA DO TEMPO. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1977.
- LIMA, Heitor Ferreira. CAMINHOS PERCORRIDOS. MEMÓRIAS DE MILITÂNCIA. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.
- MACHADO, Dyonelio. MEMÓRIAS DE UM POBRE HOMEM. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1990.
- _____. OS RATOS. São Paulo, Editora Bels, 1973.
- MARTINS, José de Barros (org.). JORGE AMADO: 30 anos de literatura. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1961.
- NERUDA, Pablo. CONFESSO QUE VIVI. Rio de Janeiro, Difel, 1977.
- ORWELL, George. LUTANDO NA ESPANHA E RECORDANDO A GUERRA CIVIL. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1967.
- PEREIRA, Astrojildo. FORMAÇÃO DO PCB. 1922/1928. Lisboa, Prelo Editora, 1976.
- _____. CONSTRUINDO O PCB (1922-1924). São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.
- _____. URSS, ITÁLIA, BRASIL. São Paulo, Editora Novos Rumos, 1985.
- PRADO JÚNIOR, Caio. EVOLUÇÃO POLÍTICA NO BRASIL. Ensaio de interpretação dialética da história brasileira. 2a. edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1947.
- _____. URSS, UM MUNDO NOVO. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934.

PRADO, Paulo. RETRATO DO BRASIL. Ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo, s/editora, 1929.

RAMOS, Graciliano. LINHAS TORTAS. Rio de Janeiro, Editora Record, 1994.

_____. ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1964.

_____. RELATÓRIOS. Rio de Janeiro, Editora Record, 1994.

_____. MEMÓRIAS DO CÁRCERE. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1954.

SARTRE, Jean-Paul. A IDADE DA RAZÃO. São Paulo, Círculo do Livro, 1976.

SCHMIDT, Augusto (org.). HOMENAGEM A GRACILIANO RAMOS. Rio de Janeiro, Editora Alba, 1943.

SILVEIRA, Joel e MORAES NETO, Geneton. HITLER/STÁLIN. O pacto maldito. Rio de Janeiro, Editora Record, 1989.

SOUSA, Afonso Félix de (org.). MÁXIMAS E MÍNIMAS DO BARÃO DE ITARARÉ. Rio de Janeiro, Editora Record, 1985.

VERÍSSIMO, Érico. SOLO DE CLARINETA. Porto Alegre, Editora Globo, 1974.

a.3. Outros

LÊNIS, W. I. QUE FAZER?, in: OBRAS ESCOLHIDAS. Lisboa, Edições Progresso, 1977, Tomo 1.

_____. O ESTADO E A REVOLUÇÃO. São Paulo, Editora Hucitec, 1978.

b. Bibliografia

b.1. Sobre o movimento comunista e intelectuais na Europa

ANDERSON, Perry. "La historia de los partidos comunistas", in: SAMUEL, Raphael, HISTORIA POPULAR Y TEORIA SOCIALISTA. Barcelona, Editora Grijalbo, s/d.

BEEVOR, Antony. A GUERRA CIVIL DE ESPANHA. Lisboa, Livros do Brasil, 1989.

CAUTE, David. LES COMPAGNOUS DE ROUTE. 1917-1968. Paris, Éditions Roberte Laffont, 1979.

_____. EI COMUNISMO Y LOS INTELLECTUALES FRANCESES. 1914-1966. Barcelona, Oikos-Tau Ediciones, 1968.

CLAUDÍN, Fernando. A CRISE DO MOVIMENTO COMUNISTA. São Paulo, Editora Globo, 1986, volume 1 e 2.

HOBBSBAWM, Eric J. "Os intelectuais e o Antifascismo", in: idem (org.). HISTÓRIA DO MARXISMO. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1987, vol. IX.

_____. REVOLUCIONÁRIOS. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1982.

_____. A ERA DOS EXTREMOS. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____. ESTRATÉGIAS PARA UMA ESQUERDA RACIONAL. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1991.

JOHNSTONE, Monty. *“Um instrumento político de novo tipo: o partido leninista de vanguarda”*, in: HOBBSAWM, Eric J. (org.). HISTÓRIA DO MARXISMO. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1988, vol. 6.

LOTTMAN, Herbert R. A RIVE GAUCHE. Escritores, artistas e políticos em Paris. 1930-1950. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.

KNEI-PAZ, Baruch. *“Trotski: revolução permanente e revolução do atraso”*, in: HOBBSAWM, Eric J. (org.). HISTÓRIA DO MARXISMO. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1986, vol. 5.

MEDVEDEV, Roi A. *“O socialismo num só país”*, in: HOBBSAWM, Eric J. (org.). HISTÓRIA DO MARXISMO. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1986, vol. 7.

MILLS, C. Wright. OS MARXISTAS. Rio de Janeiro, Zahar Editora.

NEPOMUCENO, Eric. HEMINGWAY NA ESPANHA. A outra pátria. Porto Alegre, LP&M, 1991.

ROSENBERG, Arthur. HISTÓRIA DO BOLCHEVISMO. Belo Horizonte, Editora Oficina de Livros, 1989.

SALVADORI, Massimo L. *“A crítica marxista ao stalinismo”*, in: HOBBSAWM, Eric J. (org.). HISTÓRIA DO MARXISMO. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1986, vol. 7.

VINCENT, Gerard. *“Ser comunista? Uma maneira de ser.”*, in: História da Vida Privada. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, vol. V.

b.2. Sobre o PCB e o movimento comunista no Brasil

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. *“As bibliotecas marxistas e as escolas do partido”*, in: Religião e Sociedade, São Paulo, vol. 10, no. 1, junho de 1983, pp. 35-46.

CARONE, Edgard. O PCB. 1922 a 1943. São Paulo, Difel, 1982, vol. 2.

DULLES, John W.F. ANARQUISTAS E COMUNISTAS NO BRASIL. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1974.

_____. O COMUNISMO NO BRASIL. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Marco Aurélio de Almeida. *“Contribuições para uma história da esquerda brasileira.”*, in: MORAES, Reginaldo (org.). INTELIGÊNCIA BRASILEIRA. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

GORENDER, Jacob. COMBATE NAS TREVAS. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo, Editora Ática, 1987.

KONDER, Leandro. A DEMOCRACIA E OS COMUNISTAS NO BRASIL. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1980.

_____. A DERROTA DA DIALÉTICA: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30. São Paulo, Editora Campus, 1988.

_____. INTELECTUAIS BRASILEIROS E MARXISMO. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991.

LÖWY, Michael et al. *“Trotski e o Brasil”*, in: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). HISTÓRIA DO MARXISMO NO BRASIL. Os influxos teóricos. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1995.

MARQUES NETO, José Castilho. SOLIDÃO REVOLUCIONÁRIA. Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1993.

MORAES, Dênis e VIANA, Francisco. PRESTES: lutas e autocríticas. Petrópolis, Editora Vozes, 1982.

MORAES, João Quartim de. *"A influência do Leninismo de Stálin no Comunismo Brasileiro"*, in: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). HISTÓRIA DO MARXISMO NO BRASIL. O impacto das revoluções. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1991.

_____. *"A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros"*, in: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). HISTÓRIA DO MARXISMO NO BRASIL. Os influxos teóricos. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1995.

PANDOLFI, Dulce. CAMARADAS E COMPANHEIROS. História e Memória do PCB. Rio de Janeiro, Editora Relume Dumará, 1995.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. POLÍTICA E TRABALHO NO BRASIL. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.

_____. ESTRATÉGIA DA ILUSÃO: A revolução mundial e o Brasil. 1922-1935. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

REIS, Dinarco. A LUTA DE CLASSES NO BRASIL E O PCB. São Paulo, 1992.

RODRIGUES, Leôncio Martins, *"O PCB: os dirigentes e a organização."*, in: HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. São Paulo, Editora Difel, 1981, vol. X, Tomo III - O Brasil Republicano.

SILVA, Hélio. 1935 - A REVOLTA VERMELHA. Rio de Janeiro, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO PCB. São Paulo, 1984.

VIANNA, Marly de A. G. REVOLUCIONÁRIOS DE 35. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

VINHAS, Moisés. O PARTIDÃO. A luta por um partido de massas. São Paulo, Editora Hucitec, 1982.

WAACK, William. CAMARADAS. Nos arquivos de Moscou. A história secreta de 1935. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

ZAIDAN FILHO, Michel. COMUNISTAS EM CÉU ABERTO. 1922-1930. Belo Horizonte, Oficina de Livros, Global Editora, 1989.

b.3. Sobre intelectuais no Brasil

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. JORGE AMADO: POLÍTICA E LITERATURA. Um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. MÁRIO PEDROSA. ITINERÁRIO CRÍTICO. São Paulo, Scritta Editorial, 1991.

BANDEIRA, Moniz *et al.* O ANO VERMELHO. A revolução russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.

BERARDO, João Batista. O POLÍTICO CÂNDIDO TORQUATO PORTINARI. São Paulo, Edições Populares, 1983.

BERNARDES, Maria Elena. LAURA BRANDÃO. A invisibilidade na política. Campinas, Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Dissertação de Mestrado em História, 1995.

BOSI, Alfredo. HISTÓRIA CONCISA DA LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo, Editora Cultrix, 1994.

CAMPOS, Haroldo de. PAGU: VIDA-OBRA. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

- CANÇADO, José Maria. OS SAPATOS DE ORFEU. Biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo, Scritta Editorial, 1993.
- CANDIDO, Antonio. LITERATURA E SOCIEDADE. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.
- _____. FICÇÃO E CONFISSÃO. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- _____. e CASTELLO, Aderaldo. PRESENÇA DA LITERATURA BRASILEIRA. Modernismo. São Paulo, Difel, 1975.
- CERQUEIRA, Nelson. A POLÍTICA DO PARTIDO COMUNISTA E A QUESTÃO DO REALISMO EM JORGE AMADO. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.
- COUTINHO, Carlos Nelson. "Os intelectuais e a organização da cultura no Brasil", in: Temas de Ciências Humanas, 1981.
- D'INCAO, Maria Angela. HISTÓRIA E IDEAL. Ensaio sobre Caio Prado Júnior. São Paulo, Editora Brasiliense e UNESP, 1989.
- DUARTE, Eduardo de Assis. JORGE AMADO: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro, Editora Record, 1996.
- FERNANDES, Florestan e IGLÉSIAS, Francisco (org.). CAIO PRADO JÚNIOR. São Paulo, Editora Ática, 1992.
- FONSECA, Maria Augusta. OSWALD DE ANDRADE. Biografia. São Paulo, Secretaria do Estado da Cultura, 1990.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. "Amado: respeitoso, respeitável", in: idem, SACO DE GATOS. Ensaio crítico. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1976.
- MICELLI, Sérgio. INTELECTUAIS E CLASSE DIRIGENTE NO BRASIL: 1920-1945. São Paulo, Difel, 1979.
- MORAES, Dênis de. O VELHO GRACA. Uma biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1992.
- _____. O IMAGINÁRIO VIGIADO. A imprensa comunista e a recepção do realismo socialista. Tese de Doutorado em Comunicação, UFRJ, 1994.
- MORAES, Reginaldo (org.). INTELIGÊNCIA BRASILEIRA. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- MOTTA, Carlos Guilherme. IDEOLOGIA DA CULTURA BRASILEIRA. (1933-1974). São Paulo, Editora Ática, 1980.
- _____. IDÉIA DE REVOLUÇÃO NO BRASIL. Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- NOVAES, Fernando. "Caio Prado Júnior Historiador.", in: Revista Novos Estudos CEBRAP, no. 2, vol. 2, São Paulo, julho de 1983.
- _____. "Caio Prado Júnior na historiografia.", in: MORAES, Reginaldo (org.). INTELIGÊNCIA BRASILEIRA. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- PÉCAUT, Daniel. OS INTELECTUAIS E A POLÍTICA NO BRASIL. São Paulo, Editora Ática, 1990.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael M. "O Grupo Clarté no Brasil: da revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho.", in: PRADO, Antônio Arnoni (org.). LIBERTÁRIOS NO BRASIL. Memórias, lutas, cultura. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- RAILLARD, Alice. CONVERSANDO COM JORGE AMADO. Rio de Janeiro, Editora Record, 1990.
- RAMOS, Clara. MESTRE GRACILIANO. Confirmação humana de uma obra. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979.

- RAMOS, Ricardo. GRACILIANO: retrato fragmentado. São Paulo, Editora Siciliano, 1992.
- REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. Centenário Graciliano Ramos. São Paulo, no. 35, 1993.
- ROCHE, Jean. JORGE BEM/MAL AMADO. São Paulo, Editora Cultrix, 1987.
- SCHWARTZ, Roberto. AO VENCEDOR AS BATATAS. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. A LITERATURA COMO MISSÃO. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.